



# MANOEL DE BARROS

Poesia completa

leYa



# MANOEL DE BARROS

Poesia completa



Copyright © 2010, Manoel de Barros

Revisão de textos *Beatriz de Freitas Moreira*  
Capa, projeto gráfico e paginação *Regina Ferraz*  
Imagem de capa © *Martha Barros*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Manoel de, 1916- .  
Poesia completa / Manoel de Barros. – São Paulo :  
Leya, 2010.

ISBN 9788580440003

1. Poesia brasileira I. Título.

10-01326

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:  
1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Av. Angélica, 2163 – Conjunto 175

01227-200 – Santa Cecília – São Paulo – SP – Brasil

[www.leya.com](http://www.leya.com)

## SUMÁRIO

Entrada – Manoel de Barros	7
Poemas concebidos sem pecado [1937]	9
Face imóvel [1942]	33
Poesias [1947]	47
Compêndio para uso dos pássaros [1960]	91
Gramática expositiva do chão [1966]	119
Matéria de poesia [1970]	143
Arranjos para assobio [1980]	167
Livro de pré-coisas [1985]	195
O guardador de águas [1989]	237
Concerto a céu aberto para solos de ave [1991]	269
O livro das ignoranças [1993]	297
Livro sobre nada [1996]	325
Retrato do artista quando coisa [1998]	355
Ensaio fotográficos [2000]	377
Tratado geral das grandezas do ínfimo [2001]	397
Poemas rupestres [2004]	423
Menino do mato [2010]	447
LIVROS INFANTIS	
Exercícios de ser criança [1999]	469
O fazedor de amanhecer [2001]	473
Cantigas por um passarinho à toa [2003]	481
Poeminha em Língua de brincar [2007]	485
Índice remissivo	487



## ENTRADA

Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para a gente pegar nele. Eu conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim: O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem. Perdoem-me os leitores desta entrada mas vou copiar de mim alguns desenhos verbais que fiz para este livro. Acho-os como os *impossíveis verossímeis* de nosso mestre Aristóteles. Dou quatro exemplos: 1) É nos loucos que grassam luarais; 2) Eu queria crescer pra passarinho; 3) Sapo é um pedaço de chão que pula; 4) Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades.

Paulo Da Silva





POEMAS  
CONCEBIDOS  
SEM PECADO



## CABELUDINHO

1.

Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho  
bem diferente de Iracema  
desandando pouquíssima poesia  
o que desculpa a insuficiência do canto  
mas explica a sua vida  
que juro ser o essencial

— Vai desremelar esse olho, menino!  
— Vai cortar esse cabelão, menino!  
Eram os gritos de Nhanhá.

2.

Um dia deu de olho com a menina  
com a menina que ficou reinando  
na sua meninice

Dela sempre trazia novidades:  
— Em seus joelhos pousavam mansos cardeais...  
Está com um leicengo bem na polpa  
quase pedi o carnegão pra isca de rubafo...

Dela sempre trazia novidades:

— A ladeira falou pro caminhão: “pode me descer de motor parado, benzinho...”

Era o pai dela no guidão.

3.

Viva o Porto de Dona Emília Futebol Clube!!!

— Vivooo, vivaaa, urrra!

— Correu de campo dez a zero e num vale de botina!

plong plong, bexiga boa

— Só jogo se o Bolivianinho ficar no quíper

— Tá bem, meu gol é daqui naquela pedra

plong plong, bexiga boa

— Eu só sei que meu pai é chalaneiro

mea mãe é lavadeira

e eu sou beque de avanço do Porto de Dona Emília

o resto não tô somando com qual é que foi o índio

que frechou São Sebastião...

— Ai ai, nem eu

Uma negra chamou o filho e mandou comprar duzentos de anil

— Vou ali e já volto já

Mário-Maria do lado de fora fica dando pontapés

no vento

— Disilimina esse, Cabeludinho!

plong plong, bexiga boa

— Vou no mato passá um taligrama...

4.

Nisso chega um vaqueiro e diz:

— Já se vai-se, Quério? Bueno, entonces seja felizardo lá pelos rios de janeiros...

— Agradece seu Marcão, meu filho

— Que mané agradecer, quero é minha funda vou matando passarinhos pela janela do trem de preferência amassa barro ver se Deus me castiga mesmo

Havia no casarão umas velhas consolando Nhanhá que chorava feito uma desmanchada

— Ele há de voltar ajuizado

— Home-de-bem, se Deus quiser

Às quatro o auto baldeou o menino pro cais  
Moleques do barranco assobiavam com todas as cordas da lira

— Té a volta, pessoal, vou pra macumba.

5.

No recreio havia um menino que não brincava com outros meninos

O padre teve um brilho de descobrimento nos olhos

— POETA!

O padre foi até ele:

— Pequeno, por que não brinca com os seus colegas?

— É que estou com uma baita dor de barriga desse feijão bichado.

6.

Carta acróstica:

“Vovó aqui é tristão  
Ou fujo do colégio  
Viro poeta  
Ou mando os padres...”

Nota: Se resolver pela segunda, mande dinheiro para comprar um dicionário de rimas e um tratado de versificação de Olavo Bilac e Guima, o do lenço.

7.

Êta mundão  
moça bonita  
cavalo bão  
este quarto de pensão  
a dona da pensão  
e a filha da dona da pensão  
sem contar a paisagem da janela que é de se entrar de soneto  
e o problema sexual que, me disseram, sem roupa  
alinhada não se resolve.

8.

— Sou uma virtude conjugal,  
adivinha qual é?  
— Um jambo,  
um jardim outonal?

— Não.  
— Uma louca,  
as ruínas de Pompeia?  
— Não.  
— És uma estátua de nuvens,  
o muro das lamentações?  
— Não.  
— Ai, entonces que reino é o teu, *darling*?  
Me conta, te dou fazenda,  
me afundo, deixo o cachimbo.  
Me conta que reino é o teu?  
— Não.  
Mas pode pegar em mim que estou uma Sodoma...

9.

Entrar na Academia já entrei  
mas ninguém me explica por que que essa torneira  
aberta  
neste silêncio de noite  
parece poesia jorrando...  
Sou bugre mesmo  
me explica mesmo  
me ensina modos de gente  
me ensina a acompanhar um enterro de cabeça baixa  
me explica por que que um olhar de piedade  
cravado na condição humana  
não brilha mais que anúncio luminoso?  
Qual, sou bugre mesmo  
só sei pensar na hora ruim  
na hora do azar que espanta até a ave da saudade

Sou bugre mesmo  
me explica mesmo:  
se eu não sei parar o sangue, que que adianta  
não ser imbecil ou borboleta?  
Me explica por que penso naqueles moleques  
como nos peixes  
que deixava escapar do anzol  
com o queixo arrebetado?  
Qual, antes melhor fechar essa torneira, bugre velho...

10.

Pela rua deserta atravessa um bêbado comprido  
e oscilante  
como bambu  
assobiando...

Ao longo das calçadas algumas famílias  
ainda conversam  
velhas passam fumo nos dentes, mexericando...  
Nhanhá está aborrecida com o neto que foi estudar  
no Rio  
e voltou de ateu  
— Se é pra desaprender, não precisa mais estudar

Pasta um cavalo solto no fim escuro da rua  
O rio calmo lá embaixo pisca luzes de lanchas  
acordadas  
Nhanhá choraminga:  
— Tá perdido, diz que negro é igual com branco!



11.

A última estrela que havia no céu  
deu pra desaparecer  
o mundo está sem estrela na testa

Foi o vento quem embrulhou minhas palavras  
meteu no umbigo e levou pra namorada?

Eram palavras de protesto idiota!  
Como o vento leva as palavras!

Me lembrar que o único riso solto que encontrei  
era pago!  
É preciso AÇÃO AÇÃO AÇÃO  
Levante desse torpor poético, bugre velho.

Enfim, Cabeludinho, é você mesmo quem está aqui?  
Onde andarão os seus amigos do Porto de Dona Emília?



## POSTAIS DA CIDADE

### O ESCRÍNIO

Um poeta municipal já me chamara a cidade de escríno.  
Que àquele tempo encabulava muito porque eu não  
sabia o seu significado direito.

Soava como escárnio.

Hoje eu sei que escríno é coisa relacionada com joia,  
cofre de bugigangas...

Por aí assim.

Porém a cidade era em cima de uma pedra branca  
enorme

E o rio passava lá embaixo com piranhas camalotes  
pescadores e lanchas carregadas de couros vacuns fedidos.

Primeiro vinha a Rua do Porto: sobrados remontados na  
ladeira, flamboyants, armazéns de secos e molhados

E mil turcos babaruches nas portas comendo sementes  
de abóbora...

Depois, subindo a ladeira, vinha a cidade propriamente  
dita, com a estátua de Antônio Maria Coelho, herói da  
Guerra do Paraguai, cheia de besouros na orelha

E mais o Cinema Excelsior onde levavam um filme de  
Tom Mix 35 vezes por mês.

E tudo o mais.

Escrínio entretanto era a Negra Margarida

Boa que nem mulher de santo casto:

Nhanhá mijava na rede porque brincou com fogo de dia  
— Mijo de *véia* não disaparta nosso amor, né benzinho?  
— *Yes!*

Um dia Nhanhá Gertrudes fazia bolo de arroz.

Negra Margarida socava pilão.

E eu nem sei o que fazia mesmo.

Veio um negro risonho e disse sem perder o riso:

— Vãobora comigo, negra?

E levou Margarida enganchada no dedo pra São Saruê.

Daí eu fiquei naquele casarão que tinha noites de medo.

Nhanhá sonhava bobagens que eu fugi de casa pra ser  
chalaneiro no Porto de Corumbá!

O mijo de Nhanhá sentia, no pingar, um vazio inédito e  
fazia uma lagoinha boa no mosaico...

Desse tempo adquiri a mania de mirar-me no espelho  
das águas...

## A DRAGA

A gente não sabia se aquela draga tinha nascido ali, no  
Porto, como um pé de árvore ou uma duna.

— E que fosse uma casa de peixes?

Meia dúzia de loucos e bêbados moravam dentro dela,  
enraizados em suas ferragens.

Dos viventes da draga era um o meu amigo Mário-pegasapo.

Ele de noite se arrastava pela beira das casas como um  
caranguejo trôpego

À procura de velórios.

Gostava de velórios.

Os bolsos de seu casaco andavam estufados de jias.

Ele esfregava no rosto as suas barriguiinhas frias.

Geleia de sapos!

Só as crianças e as putas do jardim entendiam a sua fala de furnas brenhentas.

Quando Mário morreu, um literato oficial, em necrológio caprichado, chamou-o de Mário-Captura-Sapo! Ai que dor!

Ao literato cujo fazia-lhe nojo a forma coloquial.

Queria *captura* em vez de *pega* para não macular (sic) a língua nacional lá dele...

O literato cujo, se não engano, é hoje senador pelo Estado.

Se não é, merecia.

A vida tem suas descompensações.

Da velha draga

Abrigo de vagabundos e de bêbados, restaram as expressões: *estar na draga*, *viver na draga* por *estar sem dinheiro*, *viver na miséria*

Que ora ofereço ao filólogo Aurélio Buarque de Holanda

Para que as registre em seus léxicos

Pois que o povo já as registrou.

## SEU MARGENS

Seu Zezinho-margens-plácidas, célebre fazedor de discursos patrióticos, agora aposentado, morava em seu sítio denominado *A Abóbora Celeste*, numa curva da estrada que procurava a Cacimba da Saúde.

Vendia passarinhos e demais produtos do sítio.

A gente negociava:

Seu Margens, dá duzentão de sabiá...

Vinham 3 sabiás: 2 de quiçaça e 1 de laranjeira.

## MARIA-PELEGO-PRETO

Maria-pelego-preto, moça de 18 anos, era abundante de pelos no pente.

A gente pagava pra ver o fenômeno.

A moça cobria o rosto com um lençol branco e deixava pra fora só o pelego preto que se espalhava quase até pra cima do umbigo.

Era uma romaria chimite!

Na porta o pai entrevado recebendo as entradas...

Um senhor respeitável disse que aquilo era uma indignidade e um desrespeito às instituições da família e da Pátria!

Mas parece que era fome.

## DONA MARIA

Dona Maria me disse: não aguento mais, já tô pra comprar uma gaita, me sentar na calçada, e ficar tocando, tocando...

— Mas só pra distrair?

— Que mané pra distrair! O senhor não está entendendo?

— Entendo. A senhora vai ficar sentada na calçada, de vestido sujo, cabelos despenteados, esquelada, a soprar uma gaitinha rouca, não é?

Depois as pessoas ficarão com pena da sua figura esfarrapada, tocando uma gaitinha rouca, e jogarão moedas encardidas em seu colo encardido, não é?

Seu vestido estará salpicado de mosca e lama

A senhora de três em três minutos dará uma chegada no boteco da esquina e tomará um trago

Com pouco a senhora estará balofa, inchada de cachaça,  
os lábios como cogumelos

Sua boca vai cair no chão

Uma lagarta torva pode ir roendo seu lábio superior  
pelo lado de fora

Um moleque pode passar a esfregar terra em seu olho

Ligeiro visgo começará a crescer de seus pés

Alguns dias depois sua gaita estará cheia de formiga e  
areia

A senhora estará cheia de lacraias sem anéis

E ninguém suportará o cheiro de seu corpo, não é  
assim?

Dona Maria teve um arrepio.

— Epa moço! eu não queria dizer tanto. Só pensei de  
comprar uma gaita, me sentar na calçada e ficar tocando,  
tocando... até que a vida melhorasse. O resto o senhor que  
inventou. Desse jeito, já estou vendo os meninos passarem  
por mim a gritar: — Maria Gaiteira, fiu! Maria Gaiteira,  
fiu fiu!

Por favor, moço, mande esses meninos embora pra casa  
deles. O senhor já me largou na sarjeta, já fez crescer visgo  
no meu pé, e agora ainda manda os moleques me  
xingarem...

## O PRECIPÍCIO

Mariquinha-besouro desembarcou da lancha *Iguatemi*  
num dia aziago

Virou logo as costas para o rio, subiu a Ladeira Cunha  
e Cruz, entrou na cidade xingando Deus e o mundo.

Até rolar pela barranqueira

E desaparecer.

Foi parar nos fundos de um precipício.  
Lá onde branquejam os ossos do Sargento Aquino,  
fuzilado na revolta de 1917  
Debaixo de um tarumeiro.

#### CACIMBA DA SAÚDE

Descendo um trilheiro de pedras ladeado por cansaço  
A gente *dávamos* na Cacimba  
Na estrada à direita o casebre de Ignácio Rubafo, que  
tinha esse nome porque se alimentava de lodo.  
Aberta na grande pedra da cidade a Cacimba!  
De águas milagrosas  
Cheinhas de sapos.  
Lá  
A gente *matávamos* bentevi a soco.



## RETRATOS A CARVÃO

POLINA

— Como é seu nome?

— Polina

Não sabia dizer Paulina

Teria 8 anos

Rolava na terra com os bichos

Tempo todo o nariz escorrendo

— Você tem saudade do sítio, Polina?

Que tinha.

— O que você fazia lá?

Que rastejava tatu.

Voltava correndo avisar o padraсто: *lá no brenha tem uma!*

Tornasse pra casa sem rasto apanhava no *sessô*.

Era *sessô* mesmo que empregava.

Usava uma algaravia

Herdada de seus avós africanos e diversos assobios para chamar nambu

O pirizeiro estava sempre *carregado* de passarinhos...

Polina há dois meses foi-se embora de nossa casa

Um bicho muito pretinho com pouca experiência de sofrimento

Mas pra sua idade o suficiente.

## CLÁUDIO

Cláudio, nosso arameiro, acampou debaixo da árvore  
para tirar postes de cerca

Muito brabo aquele ano de seca

Vinte léguas em redor, contam, só restava aquela  
pocinha d'água:

Lama quase

Metro de redondo

Palmo de fundura.

Ali tinha um jacaré morador magrento

Compartilhando essa aguinha bem pouca

De tão sós e sujos, Cláudio

E esse jacaré se irmanavam

De noite na rede estirada

Nos galhos da árvore

Cláudio cantava cantarolava:

*Ai, morena, não me escreve*

*Que eu não sei a ler*

Pra lavar a feição

Bem de cedo

Esse Cláudio abaixava no poço, batia no ombrinho  
magro daquele jacaré: — licença, amigo...

Que se afastava pro homem lavar-se

Que se lavava, enchia o cantil

E rumava pra cerca uma légua dali

Depois, contam, Cláudio levou esse jacaré para casa

Que vive hoje no seu terreiro

Bigiando as crianças.

Pode ser.

## SABASTIÃO

Todos eram iguais perante a lua  
Menos só Sabastião, mas era diz-que louco daí pra fora  
— Jacaré no seco anda? — perguntava.

Meu amigo Sabastião  
Um pouco louco  
Corria divinamente de jacaré. Tinha um  
Que era da sela dele somentes  
E estranhava as pessoas.

Naquele jacaré ele apostava corrida com qualquer peixe  
Que esse Sabastião era ordinário!

Desencostado da terra  
Sabastião  
Meu amigo  
Um pouco louco.

## RAPHAEL

Quando Juvêncio apareceu  
Mascava uma raiz de pobreza coisa que serve!  
E cuspiu dentro de casa o amargo em nós.

Na trouxa  
Trouxe Raphael.

Raphael não era o pintor  
Nem o anjo de Raphael.

Ponhamos que fosse um anjo  
O anjo de sua mãe

Petrônia descia lavandeira  
Pro corgo.  
Juvêncio curava do gado bicheiras  
Raphael era um pouquinho miserável  
Tal como sua idade o permitia.

À noite vinha uma cobra diz-que  
Botava o rabo na boca do anjo  
E mamava no peito de Petrônia.

Juvêncio acariciava o ofídio  
Pensando fossem os braços roliços da mulher.  
Petrônia tinha estremecimentos doces  
Bem bom.

Cenário de luar. Segundo ato.  
Papagaio louro de bico dourado estava com fome  
Desceu das folhas verdes  
Ou verdes folhas conforme apreciais melhor  
E começou a roer um naco  
Um naco da testinha tenra  
De Raphael.

Havia estrelas no céu  
Suficientes para o poeta mais de romântico possível  
E eu poderia colocar outras peças  
Muitas, além de estrelas. Porém.  
Sou um pobre narrador menso  
Fosse isto uma Grécia de Péricles, não vê

Que deixava passar este canto  
Sem de hexâmetros entrar!

Mandava vir cítaras e eólicas harpas  
Convocava  
Anjos de bundas redondas e troços do fundo do mar.  
Porém.

Nem toco harpas.  
Só uma viola quebrada  
Surda como uma porta  
Mais nada.

De resto  
Juvêncio não é um herói  
Raphael não tem mãe Clitemnestra  
E nenhuma cidade disputará a glória de me haver  
dado à luz.  
Falo da vida de um menino do mato sem importância.  
Isto não tem importância.

#### ANTONINHA-ME-LEVA

Outro caso é o de Antoninha-me-leva:  
Mora num rancho no meio do mato e à noite recebe os  
vaqueiros tem vez que de três e até quatro comitivas  
Ela sozinha!

Um dia a preta Bonifácia quis ajudá-la e morreu.  
Foi enterrada no terreiro com o seu casaco de flores.  
Nessa noite Antoninha folgou.

Há muitas maneiras de viver mas essa de Antoninha era de morte!

Não é sectarismo, titio.

Também se é comido pelas traças, como os vestidos.

A fome não é invenção de comunistas, titio.

Experimente receber três e até quatro comitivas de boiadeiros por dia!

## INFORMAÇÕES SOBRE A MUSA

Musa pegou no meu braço. Apertou.

Fiquei excitadinho pra mulher.

Levei ela pra um lugar ermo (que eu tinha que fazer uma lírica):

— Musa, sopra de leve em meus ouvidos a doce poesia, a de perdão para os homens, porém... quero seleção, ouviu?

— Pois sim, gafanhoto, mas arreda a mão daí que a hora é imprópria, sá?

Minha musa sabe asneirinhas

Que não deviam de andar

Nem na boca de um cachorro!

Um dia briguei com Ela

Fui pra debaixo da Lua

E pedi uma inspiração:

— Essa Lua que nas poesias dantes fazia papel principal, não quero nem pra meu cavalo; e até logo, vou gozar da vida; vocês poetas são uns intersexuais...

E por de japa ajuntou:

— Tenho uma coleguinha que lida com sonetos de dor de corno; por que não vai nela?





# FACE IMÓVEL



## EU NÃO VOU PERTURBAR A PAZ

De tarde um homem tem esperanças.  
Está sozinho, possui um banco.  
De tarde um homem sorri.  
Se eu me sentasse a seu lado  
Saberia de seus mistérios  
Ouviria até sua respiração leve.  
Se eu me sentasse a seu lado  
Descobriria o sinistro  
Ou doce alento de vida  
Que move suas pernas e braços.

Mas, ah! eu não vou perturbar a paz que ele depôs na  
praça, quieto.

## RUA DOS ARCOS

A rua era assobradada  
Decadente de ambos os lados  
Toda espécie de gente ali  
Circulava e bebia uniforme.

Uniforme era a feiura das casas —  
O ar triste que elas tinham;  
Mas também o ar de traição  
Atrás das cortinas vermelhas.

As portas emitiam mulheres  
Portuguesas de músculos brancos  
E até o coração das crianças se partia  
Sob o peso da coroa caída da irmã.

A viola sustava a cabeça de um cego —  
Angulosa cabeça onde os fados morriam.  
E entre flores amarelas  
Graves gatos o escutavam.

Foi aí que de tarde eu a vi  
Eu a vi passar de verde  
Varando o ar sério de um guarda  
Sem veneno em seus dedos

— A mulata da Lapa de verde!

## OS GIRASSÓIS DE VAN GOGH

Hoje eu vi  
Soldados cantando por estradas de sangue  
Frescura de manhãs em olhos de crianças  
Mulheres mastigando as esperanças mortas

Hoje eu vi homens ao crepúsculo  
Recebendo o amor no peito.  
Hoje eu vi homens recebendo a guerra  
Recebendo o pranto como balas no peito.

E, como a dor me abaixasse a cabeça,  
Eu vi os girassóis ardentes de Van Gogh.

## AURORA NO FRONT

Das mãos caíam rezas como orvalho  
Caíam rezas das mãos curvas  
Sobre a aurora entrevista  
No fantástico andar dos gatos.

## PAZ

Esta janela aberta  
As cadeiras em ordem por volta da mesa  
A luz da lâmpada na moringa  
Duas meninas que conversam longe...

Paz!  
O telefone que descansa  
As cortinas azuis que nem balançam

Mas sobre uma cadeira alguém está chorando.  
Paz!

## POEMA DO MENINO INGLÊS DE 1940

A rua onde eu morava foi bombardeada.  
Nunca nós havíamos de pensar que uma coisa dessas  
pudesse acontecer realmente.

Não ficou de pé uma só de nossas casas com seus  
telhados vermelhos perdidos entre as folhagens.

Ontem de tarde eu vi o pai de Katy voltando do  
trabalho — e nunca mais o vi

Porque por onde ele passou agora as ruínas fumam silenciosamente...

Ah! nós brincávamos nas linhas dos lagos azuis.  
Katy dançava de cabelos soltos no jardim  
E eu compunha músicas singelas para seu corpo.  
Sobre meus ombros ela chorava.

Agora parece que estou me despindo de alguém  
De alguma coisa que vai morrendo dentro de mim  
mesmo.

Que seria? Seriam aquelas cortinas velhas de nossas janelas?

Aqueles muros tão conhecidos nossos?  
Os móveis de tua casa, Katy?

Seriam os homens tão misteriosos de nossa rua?

Agora sinto que estou me despedindo de alguma coisa  
De alguma coisa que está morrendo dentro de mim  
mesmo.

## O SOLITÁRIO

Os muros enflorados caminhavam ao lado de um homem solitário

Que olhava fixo para certa música estranha  
Que um menino extraía do coração de um sapo.

Naquela manhã dominical eu tinha vontade de sofrer  
Mas sob as árvores as crianças eram tão comunicativas

Que me faziam esquecer de tudo  
Olhando os barcos sobre as ondas...

No entanto o homem passava ladeado de muros!  
E eu não pude descobrir em seu olhar de morto  
O mais pequeno sinal de que estivesse esperando  
alguma dádiva!

Seu corpo fazia uma curva diante das flores.

DOROWA

Homens bebem à mesa  
De um cabaré de Curitiba.  
A obesa Marcelle, instalada,  
Engole álcool de coxas flácidas.

A esquelética Lili,  
No fim da noite, exausta  
Fala mole e tomba  
De grandes olheiras no chão.

Ó Dorowa, teus 15 anos  
Entre ombros de homens bêbados  
No cabaré de Curitiba!  
Ó Dorowa, teus 15 anos.

Lili, Marcelle, Dorowa.  
Dorowa não, Doroty...

Ó vós, que um dia chegardes  
Ao cabaré de Curitiba:

Dormi com a Dorowa,  
Que está dentro da Doroty.

Dormi com a Dorowa,  
Ela está no fundo da Doroty  
Sabei arrancá-la de lá  
Na pureza dos 15 anos.

Não deixeis Dorowa morrer,  
Ela é a alma que sustenta os poetas.  
Não deixeis Dorowa morrer  
Como rosa em peito de suicida.

#### UNS HOMENS ESTÃO SILENCIOSOS

Eu os vejo nas ruas quase que diariamente.  
São uns homens devagar, são uns homens quase que  
misteriosos.

Eles estão esperando.

Às vezes procuram um lugar bem escondido para esperar.

Estão esperando um grande acontecimento.

E estão silenciosos diante do mundo, silenciosos.

Ah, mas como eles entendem as verdades  
De seus infinitos segundos.

#### O MURO

Não possuía mais a pintura de outros tempos.

Era um muro ancião e tinha alma de gente.

Muito alto e firme, de uma nudez sombria.



Certas flores do chão subiam de suas bases  
Procurando deitar raízes no seu corpo entregue ao tempo.  
Nunca pude saber o que se escondia por detrás dele.  
Dos meus amigos de infância, um dizia ter violado tal  
segredo,  
E nos contava de um enorme pomar misterioso.

Mas eu, eu sempre acreditei que o terreno que ficava atrás  
do muro era um terreno abandonado!

#### NOTURNO DO FILHO DO FAZENDEIRO

O corpo na cama,  
O quarto nas trevas  
E o rádio que não deixava  
Que não deixava pensar  
Que alguém estivesse morrendo

O amoroso balbucio no portão  
Ante o elefante de fícus  
E o filho de fazendeiros  
Que captava os movimentos primos

Ia até a infância e voltava.  
(O pai deu um olhar pelos campos  
E disse: — Vai ser aqui.  
E fincou uma estaca no lugar.)

De tarde mandou o vaqueiro  
Dar uma espiada em volta  
Mas como até a noite ele não regressasse  
Pegou uma carabina e saiu.

(A mãe ficou no acampamento  
Cantarolando, cantarolando muito  
Com o meninozinho nos braços.)

Ia até a infância e voltava.

Gostaria mais se pudesse ficar  
Tem a impressão que aproveitaria melhor  
Tem quase certeza.

Aprendeu alguma coisa com os anos  
Só não aprendeu a odiar  
Mas estava lhe parecendo  
Que era uma coisa necessária nunca odiar.

SINGULAR, TÃO SINGULAR

Ó passar-se invisível pela alma da alameda de casas  
espaçosas

Imaginando a feição ideal dentro de cada uma!

Ir recebendo um pouco de poesia no peito  
Sem lembranças do mundo, sem começo...  
Chegar ao fim sem saber que passou  
Tranquilo como as casas,  
Cheio de aroma como os jardins.  
Desaparecer.

Não contar nada a ninguém.

Não tentar um poema.

Nem olhar o nome na placa.

Esquecer.

Invisível, deixar apenas que a emoção perdue

Fique na nossa vida fresca e incompreensível  
Um mistério suave alisando para sempre o coração.

Singular, tão singular...

#### INSTANTE ANUNCIADO

Um chapéu velho!  
Eu não via seu rosto, que um velho chapéu,  
Esmacido pelo sol, cobria.  
Mas sei que não chorava  
E nem tinha desejo de falar.  
Porque sabia que alguma coisa vinha chegando  
De manso, alguma coisa vinha chegando...  
Eu não via seu rosto,  
Seu rosto sombreado que um velho chapéu,  
Esmacido pelo sol, cobria.  
Mas sei como ele amou aquele instante  
Mas sei com que prazer ele esperou  
Aquele que viria com os lábios úmidos para ele  
A que havia de vir passar as mãos  
Pelos seus joelhos feridos.

#### ENSEADA DE BOTAFOGO

O corpo quase que morava ali, equilibrado nas curvas da  
enseada  
Ao lado dos carros vermelhos que transportavam os donos  
da vida para seus escritórios  
Ao lado dos emigrantes subjugados ao infinito  
E crianças reclinadas sobre as ondas azuis.

Tantas vezes o corpo sobre as curvas, tantas  
Que ficou como certas casinhas tortas, que jamais podem  
ser evocadas fora da paisagem.

### MANSIDÃO

As casas dormiam na hora surda do meio-dia.  
O corpo do homem penetrou sob árvores  
Na longa quietude estendida da rua.  
Tudo permaneceu sem um grito,  
Um pedido de socorro sequer.  
Ninguém soube se o coração vibrou.  
Que sonho o acalenta ninguém adivinhou.  
Ninguém sabe nada.  
Não traz um lamento,  
Nem marca dos pés no chão vai ficar.  
Tão triste é a vida sem marca dos pés!  
Tudo permaneceu sem um grito,  
Um pedido de socorro sequer.  
Ele passou sem calúnias  
E é possível que sem corpos que o chamassem.  
Ninguém soube se o coração vibrou  
Porque tudo permaneceu sem fundo suspiro  
No estranho momento das coisas paradas.

### BALADA DO PALÁCIO DO INGÁ

Na sala de espera do Palácio do Ingá  
Vou abanando a cara com o jornal do Brício.  
Benjamin Constant da parede me olha.

Mas eu olho é pras medalhas do Duque de Caxias.  
Ai que riquezas no Palácio do Ingá!

Os varões na parede me inspiram brasilidade.  
Será que o Duque de Caxias por cima de suas medalhas  
E de sua suspicácia está descobrindo meu olhar guloso  
Para as coxas daquela mulher entreabertas na minha frente?

Na sala do Palácio do Ingá com uma ficha na mão  
Espero para falar com o chefe do Gabinete do Interventor.  
Na sala de espera do Palácio do Ingá tem uma pele de onça.  
Ai que saudades do Pantanal!  
Senhor, nem é tanto deste emprego que eu preciso tanto  
O que eu preciso e quanto! nesta mísera tarde  
É daquela mulher com as coxas entreabertas na minha  
frente.  
E isso não tem mandamentos e nem ofende a disciplina  
militar.

#### INCIDENTE NA PRAIA

Eram mil corpos fora de casa  
E um menino que atravessava a infância  
De automóvel, no asfalto.

Eram bêbados, eram operários  
Que sendo governados pelas mesmas leis  
Cochilavam sob as árvores da rua.

Era um burro de homem projetado  
Perpendicularmente aos edifícios  
Que oferecia sorvete aos maiôs mais simpáticos

Nisto, o de papoila na lapela,  
Delicadamente,  
Vai até a onda e faz sua mijadinha

— É um garçom!

— É um poeta!

— É um jaburu!

Enquanto uns discutiam,  
Outros iam tratar da vida  
Isto é: iam jogar peteca.

# POESIAS





FRAGMENTOS DE  
CANÇÕES E POEMAS

1.

Ah florescer de tarde  
De amor, no cais!  
Entre navios altos  
E velas brancas.

Ver o pescador  
Passar, como nuvem...  
E a mulher deserta  
Entre gerânios curvos.

Ver o menino  
Com paletó de crepúsculo  
E as árvores cor de cinza

Perto do muro.  
Árvore e menino  
Dobrados, na chuva.

2.

São mil coisas impressentidas  
Que me escutam:

O movimento das folhas  
O silêncio de onde acabas de voltar  
E a luz que divide o corpo do nascente

São mil coisas impressentidas  
Que me escutam:  
São os pássaros assustados, assustados,  
Tuas mãos que descobrem o convite da terra  
E os poemas como ilhas submersas...

São mil coisas impressentidas  
Que me escutam:  
Sou eu apreensivamente  
Solicitado pela inflorescência  
Redescoberto pelo bulir das folhas...

3.

Provavelmente sobre as frondes viriam os pássaros cantar  
Levando-me até os caminhos indecisos da aurora.  
Entretanto havia uma pergunta que me desafiava  
E um desejo obscuro nas mãos de apanhar objetos  
largados na tarde...

Fui andando...  
Meus passos não eram para chegar porque não havia  
chegada  
Nem desejos de ficar parado no meio do caminho.  
Fui andando...

As coisas eram simples.  
Nem gaivotas no mar imperturbável,  
Mas havia uma pergunta que me desafiava

E os mistérios se encontravam como dois números e se completavam

Em meu rosto... Nada posso fazer, pensei.  
E fui apanhando objetos largados na tarde  
Com as ruínas do outono em que vicejo.

4.

Que rosa esplendente é o amor!  
Que maravilha adorar!

Tenho certeza que ando perdida  
E que o Senhor me perdoará.

Que fazer com o rosto de amora  
No instante dele chegar?

Meus olhos negros de sonhos  
Minha boca de beijar?

(No campo as árvores dormem  
Banhadas em luz de luar...)

Meu corpo pra que me serve  
Senão pra desabrochar  
Entre as colinas noturnas  
Na hora dele chegar?

5.

Vadio e evadido  
Vagabundeio só.

Amo a rua torta  
E do mar o odor.

Dos muros as mossas,  
Dos púcaros o frescor  
Amo. E as uvas esmagadas.  
E do mar o odor.

Vou tangido e raro!  
Tangido vou.  
Suspenso de ventos  
Do mar, pelo odor.

6.

Ferido de amor e morte  
Ando à procura de paz.  
Cadê teu rosto de brumas,  
Para meu ombro desabado?

Meus pés de urzes e barcos,  
Magoei-os pelos caminhos.  
Soprem ventos do oceano  
Sobre as flores e os espinhos...

Casa entre grades e rosas  
Com portão de ferro arqueado.  
— Sonhe o menino perdido  
Com seus ombros desabados.

7.

Para quem guardei na minha carne  
As cicatrizes das batalhas perdidas? E os sulcos

Regados pelas chuvas de abril? Para que  
Guardei as colinas do meu corpo? Senão  
Para ele caminhar... E minhas mãos de aurora  
Senão para ele acariciar? E meus cabelos negros?  
Ai, não sei. Não posso enganar-te, Pai. Aberta  
Estou, como pétalas noturnas,  
Para os astros. Minha boca silenciosa.  
Ficarei inclinada levemente para ele  
Como torre. Inclinada para sua violência.  
Ele me fará frutificar como as árvores na chuva.  
Florescer entre pedras, aves e astros. Abrir-me  
Como as rosas da noite, ao luar.  
Ele terá meu corpo, minha vida, meus sonhos.  
Ele terá minhas cicatrizes.  
E as colinas de meu corpo. Lívida,  
Lívida ele me possuirá.

8.

A boca está aberta, seca e escura  
De raízes mortas...  
Encontro restos de orvalho  
No rosto da terra, e os bebo

Ao silêncio do enxofre que penetra  
Deito-me para germinar...  
Ouço fluir a seiva  
Ouço o caule crescer

Do ventre que gesta sob ramas...  
Uma flor de moliços depois  
Irá comendo o contorno dos lábios  
E as mãos sem despedidas.

Corpo em árvore feito  
Serei como talha de pedra  
Na terra, com molduras de fresco  
E hortênsias...

Ervas tolhiças crescerão  
Nos interstícios do ser  
E o que foi música e sede de sarças  
Há de ser pasto de águas...

9.

Rosto seco  
E seco  
De ventos...  
Espinheiro seco  
E duro.  
Roseira no muro seco.  
Rosto seco de feno  
Queimando-se,  
Queimando-se  
Na terra...

.....  
Ó branco ombro de minha casa antiga!  
Quanto desejo de amar,  
De fugir,  
De padecer,  
De pedra ser, que me dava  
Nas tardes da fazenda!  
Quanto desejo de chuvas  
E de rebrotos  
E de renovos  
E de ombros nus

E de amoras  
Sobre as raízes descobertas!

.....  
.....

Depois eu saía correndo pelos caminhos molhados.  
Havia um frescor de musgos na boca da terra.

10.

Inocência animal exercida  
Nessa tarde que abriga violetas  
E éguas cobertas. Água esquiva.  
Nitidez de sábado.  
Chover nos braços de alguém!  
E essa espera nunca interrompida  
De ser levada, de ser arrastada  
Com as mãos. Claros jardins!  
Dia de ficar em casa  
Dentro do corpo — como em seu estojo  
Um instrumento.

11.

Aqui: ardo e maduro.  
Compreendo as azinheiras.  
Compreendo a terra podre e fermentada  
De raízes mortas.

Compreendo a presciência do fruto  
Na carne intocada.

E assisto crescerem  
Frescos, nessa carne, os teus dedos.

Compreendo esse garfo na terra  
A germinar ferrugens  
Sob laranjais...

E o grão que semearam na pedra.  
E mais: os troncos rugosos  
Pendendo suas bocas para as águas.

12.

Meus ombros emigram de mim para os pássaros.  
E o corpo foge, roçando nos cactos secos do deserto.

Ó Deus, amparai-me.

Os limites me transpõem!

13.

Cravos cegos no ocaso.

Uma botina (barco de homem) ao relento.  
Musgos a invadem.

Que viço de morte!  
E ostras agarradas em meu ermo.

14.

Seria homem ou pássaro?  
Não tinha mãos.  
Vestígios de sua boca iam para flor.  
Havia uns sonhos  
Dependurados como roupa.  
Uns podres ornamentos de pano e móveis



Gâmbias dispersas,  
Cata-vento. Perto  
Havia um barco.  
Barco ou peixe?  
Não pude precisar.  
Vi o homem andando para semente  
E a semente no escuro remando para raiz.

15.

Era fonte fria?  
Rosa entreaberta?  
Pássaro canoro? Era  
Boca?

Se era fonte,  
Se era boca,  
Me esqueci.

Dava na horta?  
Dava no gado?  
Era peste, praga,  
Era brejo dissoluto  
De miasmas, ou apenas  
Boca?

Estava coberta de pó  
E esquecimento.  
Alimentava insônias.

As pessoas mais velhas preveniam: lembravam de  
veneno, e empregavam as palavras inferno, abismo e  
perdição para defini-la.

Entanto era rubra,  
E lúcida.  
Era fresca:  
Parecia poço debaixo de árvores.

16.

Ai, sossego de terras pisadas por mim...  
E os silêncios caídos como folhas  
Nos limites de uma tarde aberta...  
Que importa que a criatura se surpreenda  
Sem paisagem, e presa à sua carne?  
Se esta rosa pousada em tua boca  
Tão molhada de chuvas! se abandone  
Ao esquecimento. E se refaz em caule,  
Em beijo, em sono. Ou se corrompe  
Como um homem exposto numa mesa —  
Como um rio cria o seu lodo e o afoga.

## OLHOS PARADOS

*a Mário Calábria*

Ah, ouvir mazurcas de Chopin num velho bar, domingo  
de manhã!

Depois sair pelas ruas, entrar pelos jardins e falar com as  
crianças.

Olhar as flores, ver os bondes passarem cheios de gente,  
E, encostado no rosto das casas, sorrir...

Saber que o céu está lá em cima.

Saber que os olhos estão perfeitos e que as mãos estão  
perfeitas.

Saber que os ouvidos estão perfeitos. Passar pela igreja.  
Ver as pessoas rindo. Ver os namorados cheios de ilusões.

Sair andando à toa entre as plantas e os animais.  
Ver as árvores verdes do jardim. Lembrar das horas mais  
apagadas.

Por toda parte sentir o segredo das coisas vivas.  
Entrar por caminhos ignorados, sair por caminhos  
ignorados.

Ver gente diferente de nós nas janelas das casas, nas  
calçadas, nas quitandas.

Ver gente conversando na esquina, falando de coisas  
ruidosas.

Ver gente discutindo comércio, futebol e contando  
anedotas.

Ver homens esquecidos da vida, enchendo as praças,  
enchendo as travessas.

Olhar, reparar tudo em volta, sem a menor intenção de  
poesia.

Girar os braços, respirar o ar fresco, lembrar dos parentes.  
Lembrar da casa da gente, das irmãs, dos irmãos e dos pais  
da gente.

Lembrar que eles estão longe e ter saudades deles...

Lembrar da cidade onde se nasceu, com inocência, e rir  
sozinho.

Rir de coisas passadas. Ter saudade da pureza.

Lembrar de músicas, de bailes, de namoradas que a gente  
já teve.

Lembrar de lugares que a gente já andou e de coisas que  
a gente já viu.

Lembrar de viagens que a gente já fez e de amigos que ficaram longe.

Lembrar dos amigos que estão próximos e das conversas com eles.

Saber que a gente tem amigos de fato!

Tirar uma folha de árvore, ir mastigando, sentir os ventos pelo rosto...

Sentir o sol. Gostar de ver as coisas todas.

Gostar de estar ali caminhando. Gostar de estar assim esquecido.

Gostar desse momento. Gostar dessa emoção tão cheia de riquezas íntimas.

Pensar nos livros que a gente já leu, nas alegrias dos livros lidos.

Pensar nas horas vagas, nas horas passadas lendo as poesias de Antão.

Lembrar dos poetas e imaginar a vida deles muito triste.

Imaginar a cara deles como de anjos. Pensar em Rimbaud,

Na sua fuga, na sua adolescência, nos seus cabelos cor de ouro.

Não ter ideia de voltar para casa. Lembrar que a gente, afinal de contas,

Está vivendo muito bem e é uma criatura até feliz. Ficar admirado.

Descobrir que não nos falta nada. Dar um suspiro bom de alívio,

Olhar com ternura a criação e ver-se pago de tudo.

Descobrir que, afinal de contas, não se possui nenhuma queixa

E que se está sem nenhuma tristeza para dizer no momento.

Lembrar que não sente fome e que os olhos estão perfeitos.  
Para falar a verdade, sentir-se quite com a vida.

Lembrar dos amigos. Recordar um por um.  
Acompanhá-los na vida.

Como estão longe, meu Deus! Um aqui. Outro lá, tão  
distantes...

Que fez deste o destino? E daquele?

Quase vai se esquecendo do rosto de um... Tanto tempo!

Ter vontade de escrever para todos os amigos.

Ter vontade de lhes contar a vida até o momento presente.

Pensar em encontrá-los de novo. Pensar em reuni-los em  
torno de uma mesa,

Uma mesa qualquer, em um lugar que a gente ainda não  
escolheu.

Conversar com todos eles. Rir, cantar, recordar os dias idos.

Dar uma olhadela na infância de cada um. Aquele era  
magro, Venício...

Aquele outro era gordo, Abelardo... Aquele outro era triste.

Ai, não esquecer jamais este último, porque era um menino  
triste.

Como andarão agora? Naturalmente, mais velhos.

Talvez eu não conhecerei alguns. Naturalmente, mais  
senhores de si.

Naqueles, naturalmente, para quem o mundo deve ter sido  
menos bom.

Pensar que eles já vêm. Abrir os braços.

Procurar descobrir, no mundo que os envolve,

Alguma voz que tenha acento parecido,  
Algum andar que lembre o andar longínquo de algum  
deles...

Ah como é bom a gente ter infância!  
Como é bom a gente ter nascido numa pequena cidade  
banhada por um rio.  
Como é bom a gente ter jogado futebol no Porto de Dona  
Emília, no Largo da Matriz,  
E se lembrar disso agora que já tantos anos são passados.  
Como é bom a gente lembrar de tudo isso. Lembrar dos  
jogos à beira do rio,  
Das lavadeiras, dos pescadores e dos meninos do Porto  
Como é bom a gente ter tido infância para poder  
lembrar-se dela  
E trazer uma saudade muito esquisita escondida no  
coração.

Como é bom a gente ter deixado a pequena terra em que  
nasceu  
E ter fugido para uma cidade maior, para conhecer outras  
vidas.  
Como é bom chegar a este ponto de olhar em torno  
E se sentir maior e mais orgulhoso porque já conhece  
outras vidas...

Como é bom se lembrar da viagem, dos primeiros dias na  
cidade,  
Da primeira vez que olhou o mar, da impressão de  
atordoamento.  
Como é bom olhar para aquelas bandas e depois  
comparar.

Ver que está tão diferente, e que já sabe tantas novidades...  
Como é bom ter vindo de tão longe, estar agora  
caminhando  
Pensando e respirando no meio de pessoas desconhecidas  
Como é bom achar o mundo esquisito por isso, muito  
esquisito mesmo  
E depois sorrir levemente para ele com os seus mistérios...

Que coisa maravilhosa, exclamar. Que mundo maravilhoso,  
exclamar.  
Como tudo é tão belo e tão cheio de encantos!  
Olhar para todos os lados, olhar para as coisas mais  
pequenas,  
E descobrir em todas uma razão de beleza.

Agradecer a Deus, que a gente ainda não sabe amar direito,  
A harmonia que a gente sente, vê e ouve.  
A beleza que a gente vê saindo das rosas; a dor saindo das  
feridas.  
Agradecer tanta coisa que a gente não pode acreditar que  
esteja acontecendo.

Lembrar de certas passagens. Fechar os olhos para ver no  
tempo.  
Sentir a claridade do sol, espalmar os dedos, cofiar os  
bigodes,  
Lembrar que tinha saído de casa sem destino, que passara  
num bar, que ouvira uma mazurca,  
E agora estava ali, muito perdidamente lembrando coisas  
bobas de sua pequena vida.

## A BOCA

Por mim passavas  
— a água mais pura —  
e eu sofri sede.

Agora penso  
nessa abertura  
com que por anos  
me envenenaste,  
com que por anos  
a minha infância  
tornaste impura,  
tornaste indigna  
de andar ao lado  
de outras infâncias...

Agora penso  
deixar na fenda  
de tua boca,  
dissimulada,  
todo o veneno  
de que me inundas.

Porém és morta  
resignada,  
ó boca amarga  
de namorada  
nunca atingida,  
sempre anelada,  
boca perdida  
para as saudades,  
jamais beijada.

Dorme entre flores.



(Será dos anjos?)

Vai para os anjos  
vai para os pássaros  
do firmamento,  
ó boca amarga,  
que me enganavas  
com aquele riso  
posto no canto!

Por mim passavas  
— a água mais pura —  
e eu sofri quanto.

Estás no seio  
da morte, quente  
como na terra;  
me conturbavas  
como na rua  
tu exibias  
teus belos dentes...

Vai, grota rasa!

Flor obscura  
na minha infância  
desabrochada,  
continuada  
na adolescência  
perto de casa,  
na vizinhança,  
solta na rua  
como uma fruta

covil aberto  
de mil acenos,  
cobra na rua  
que me mordida,  
que me injetava  
sutis venenos...

Vai, pesadelo,  
noites de insônia,  
pura miragem  
de minha sede;  
vai para o diabo  
que te carregue,  
não me persiga:  
sai, boca morta!

#### NA ENSEADA DE BOTAFOGO

Como estou só: Afago casas tortas,  
Falo com o mar na rua suja...  
Nu e liberto levo o vento  
No ombro de losangos amarelos.

Ser menino aos trinta anos, que desgraça  
Nesta borda de mar de Botafogo!  
Que vontade de chorar pelos mendigos!  
Que vontade de voltar para a fazenda!

Por que deixam um menino que é do mato  
Amar o mar com tanta violência?

## ODE VINGATIVA

Ela me encontrará pacífico, desvendável  
Vendável, venal e de automóvel.  
Ela me encontrará grave, sem mistérios, duro  
Sério, claro como o sol sobre o muro.

Ela me encontrará bruto, burguês, imoral,  
Capaz de defendê-la, de ofendê-la e perdoá-la;  
Capaz de morrer por ela (ou então de matá-la)  
Sem deixar bilhete literário no jornal.

Ela me encontrará sadio, apolítico, antiapocalíptico  
Anticristão e, talvez, campeão de xadrez.  
Ela me encontrará forte, primitivo, animal  
Como planta, cavalo, como água mineral.

## A VOLTA

Ele sentou-se no barro.  
Ele sentou-se ao pé dele.  
Ele estava ferido no braço.  
Olhos um pouco vazios.

Reparou bem na sua voz.  
Disse que era feliz.  
Ele falou qualquer coisa  
Sobre os homens, e se calou.

Ficou escutando a noite,  
O campo, as árvores velhas  
Que se perdiam na treva —  
E a música do silêncio.

Abraçou-a. Os cabelos negros  
Pareciam-lhe mais brilhantes.  
Passou a mão áspera no rosto  
Na doce linha dos lábios.

Falou pouco. Recordou  
O frio, o passo dos muares  
Pelas estradas de lama  
E as cerejeiras em flor.

Mostrou a cicatriz do braço.  
Ela deu um suspiro fundo  
E apalpou as mãos apagadas  
Daquela que havia regressado.

Depois convidou-o de manso,  
Pegou no seu braço ferido,  
Deu-lhe um pouco de beber  
E água para lavar-se.

Ficou perto ouvindo o ruído  
Da água na barba áspera,  
Enquanto seu corpo aspirava  
O amor daquele homem.

Olhou seus ombros. Há quanto tempo  
Não os via...  
Olhou as pernas, ainda eram firmes.  
Que doce vida esquisita!

Não pensava mais ouvi-lo,  
Nem amá-lo nunca mais.

Tanto tempo... Já pensava  
Que o mundo o havia levado.

Mas agora estava ali  
Se lavando. Os mesmos olhos.  
Só um pouco mais fatigados.  
A mesma frente, contudo

Talvez um pouco mais terna,  
Porque mais triste. E, agora,  
Que tinha os olhos mais velhos,  
Queria beijá-los tanto!

Perguntou sobre a filhinha  
Os amigos e a política.  
Fez um jeito de quem suspira  
E sorriu para todas as coisas...

Decerto tinha muita coisa  
De que sorrir (ela pensou)  
Aquilo não era à toa  
E ficou olhando para longe...

#### PEDIDO QUASE UMA PRECE

*a Nelson Nassif*

Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa  
Com janelas de aurora e árvores no quintal —  
Árvores que na primavera fiquem cobertas de flores  
E ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos  
pescadores.

O que desejo é apenas uma casa. Em verdade,  
Não é necessário que seja azul, nem que tenha cortinas de  
rendas.

Em verdade, nem é necessário que tenha cortinas.

Quero apenas uma casa em uma rua sem nome.

Sem nome, porém honrada, Senhor. Só não dispenso a  
árvore,

Porque é a mais bela coisa que nos destes e a menos amarga.

Quero de minha janela sentir os ventos pelos caminhos,  
e ver o sol.

Dourando os cabelos negros e os olhos de minha amada.

Também a minha amada não dispenso, meu Senhor.

Em verdade ela é a parte mais importante deste poema.

Em verdade vos digo, e bastante constringido,

Que sem ela a casa também eu não queria, e voltava pra  
pensão.

Ao menos, na pensão, eu tenho meus amigos

E a dona é sempre uma senhora do interior que tem uma  
filha alegre.

Eu adoro menina alegre, e daí podeis muito bem deduzir

Que para elas eu corro nas minhas horas de aflição.

Nas minhas solidões de amor e nas minhas solidões do  
pecado

Sempre fujo para elas, quando não fujo delas, de noite,

E vou procurar prostitutas. Ó Senhor, vós bem sabeis

Como amarga a vida de um homem o carinho das  
prostitutas!

Vós sabeis como tudo amarga naquelas vestes amassadas  
Por tantas mãos truculentas ou tímidas ou cabeludas  
Vós bem sabeis tudo isso, e portanto permiti  
Que eu continue sonhando com a minha casinha azul.

Permiti que eu sonhe com a minha amada também,  
porque:  
— De que me vale ter casa sem ter mulher amada dentro?  
Permiti que eu sonhe com uma que ame andar sobre os  
montes descalça  
E quando me vier beijar faça-o como se vê nos cinemas...

O ideal seria uma que amasse fazer comparações de nuvens  
com vestidos, e peixes com avião;  
Que gostasse de passarinho pequeno, gostasse de escorregar  
no corrimão da escada  
E na sombra das tardes viesse pousar  
Como a brisa nas varandas abertas...

O ideal seria uma menina boba: que gostasse de ver folha  
cair de tarde...  
Que só pensasse coisas leves que nem existem na terra,  
E ficasse assustada quando ao cair da noite  
Um homem lhe dissesse palavras misteriosas...  
O ideal seria uma criança sem dono, que aparecesse como  
nuvem,  
Que não tivesse destino nem nome — senão que um sorriso  
triste  
E que nesse sorriso estivessem encerrados  
Toda a timidez e todo o espanto das crianças que não têm  
rumo...

.....

Senhor, ajudai-nos a construir a nossa casa  
Com janelas de aurora e árvores no quintal —  
Árvores que na primavera fiquem cobertas de flores  
E ao crepúsculo fiquem cinzentas como a roupa dos  
pescadores...

## VIAGEM

Rude vento noturno arrebatou-me  
Para longe da terra, nu e impuro.  
Perdi as mãos e em meio ao oceano escuro  
Em desespero o vento abandonou-me.

Perdido, rosto de água e solidão,  
Adornei-me de mar e de desertos.  
Meu paletó de azuis rasgões abertos  
Esconde amanhecer e maldição...

Um deserto menino me acompanha  
Na viagem (que flores deste caos!)  
E em rosa o sol me veste e me inaugura.

Dou às praias de Deus: a alma ferida,  
As mãos envenenadas de ternuras  
E um buquê de carnes corrompidas.

## A ESPERA

Vejo sempre um homem ao lado das casas,  
Olhando-as de frente como se elas fossem pessoas íntimas.



Vejo-o passando pelas casas comovido, afagando as mais pobres,  
Satisfeito com a paz que lhe transmitem.  
Vejo um homem caminhando pequeno na rua sem nome.  
Vejo-o com o seu ocaso e o seu casaco de iodo às costas.  
Vejo a erva depois crescer na pedra, e vejo, no coração,  
O amor germinar como um rápido clarão na tempestade.  
Esse homem não sabe como agradecer a penumbra que o esconde.  
Vejo-o tocando com os seus dedos uns objetos esquecidos na tarde...  
Vejo-o depois andar sobre a cidade errante errante como os cães vagabundos  
E adormecer nas pedras junto ao mar.

#### NOÇÕES DE RUAS

As ruas inventam poetas que já nasceram tristes.  
As ruas descobrem esses cachorros gentis puxando suas donas para debaixo dos postes.  
De um modo geral os cachorros são bonitinhos e as donas não correspondem  
O que é uma pena.  
Há ruas que engendram casas  
Onde teus joelhos crescem  
Como nuvens...  
  
Outras aguentam anos inteiros no subúrbio  
Com a mesma pobreza e honradez de um homem só como Jó.  
Até que um dia chega um seresteiro, desonra uma colegial no terreno baldio

E a colegial é encontrada no capim, de borco,  
Cheia de formiga nos olhos vidrados...

A rua pega fama  
E deita na cama.

Certa feita  
Uma rua de subúrbio, há muitos anos,  
Botou no meu encalço uma de suas casas  
Com jardinzinho fronteiro  
Só para enternecer...  
De fato: seu jardinzinho  
Seu gato  
Sua dona (os joelhos brancos à mostra!)  
O pé de manacá  
E mais aquelas suas grades, tão roídas de ferrugens, quase  
me arrebatam de ternuras idiotas...  
Que descontrole louco, meu Deus!  
Se não me agacho me casava naqueles joelhos...

Essas doces ruínas mortas ou alamedas  
Esquecidas em sua tranquilidade de coisas anônimas —  
cuidado com elas!  
São infestadas de lobos solitários...

## LEMBRANÇAS

Panamá embicado, o homem chegou  
Montado em cavalo branco; parou  
Diante do copiar; falou três palavras;  
Sorriu... Meu avô descarregou seis balas.

Subitamente o palco alterou-se.  
Eu estava com dezessete anos, diante do mar!  
Lia Knut Hamsun.  
Meu vagabundo tocava em surdina...

Um grande rio de poesia  
Atravessava-me, doce...

#### A VOZ DE MEU PAI

Sou um sujeito magro  
Nasci magro.  
Estou nos acontecimentos  
Como num vendaval: dobrado  
Recurvo de espanto  
E verdes...

Circulo sob arranha-céus.  
Vivo debaixo de cubos:  
Na direita, na esquerda  
De lado, ao sul  
Pelo norte... Vou no meio assustado.  
Um pequenino ser com a sua morte dentro,  
Com seu ombro desabado  
E seus braços descidos pelo caos do corpo.

Sou ligado por cordões e outros aparelhos secretos a um  
escritório complicado.

Portas mecânicas me subtraem e me devolvem súbito ao  
negro asfalto.

Entro e saio do edificio que come meu rosto e o cunha na  
pedra.

Varo becos, bancos e buzinas.

À noite, porém (ó cidade tentacular!),

Me rendo.

Resfolegante como um boi, paro.

Vasta campina azul de água me olha, me contempla, me  
aglutina

E suja-me de iodo a roupa...

— É o mar!

Meu rosto recebe a brisa do mar.

Fecho os olhos.

Descanso.

Os ventos levam-me longe...

Longe...

Entro na casa onde nasci.

O tempo emprestou sem dó uma cor amarelada às suas  
paredes.

Um amarelo sujo nas raízes, um amarelo de urina de  
crianças nas paredes.

Lembro-me bem.

Era um casarão baixo.

Crianças lambiam o barro das paredes.

Na solidão rondavam cavalos.

Bezerros mascavam a roupa dos vaqueiros.

Chegava que um dia

O homem encontrava cobras dormindo na canga dos bois.

— Sinal de enchente... resmungava... e depois grande!  
Bem-te-vis se equilibravam como fantasmas patéticos na  
anca pontiaguda dos cavalos,  
Que os meninos perseguiam com os seus arreios...

Vaqueiros vinham sentar-se à porta do galpão, de tarde  
Olhando as nuvens...  
Galinhas ciscavam por ali, no meio do bamburro.  
No algibe repleto, o sapo sentado como um doutor.

As águas subiam... Entravam no rancho.  
A mulher se refugiava no jirau com os filhos, e lá ficava  
dois meses até que as águas baixassem.  
O homem chegava de canoa, dava notícias do gado, e  
dormia.

Que solidão!  
Jacarés passeavam dentro da casa, pelas peças vazias,  
apanhando peixes na gaveta das mesas...

.....

Abro os olhos para pensar nos homens que me viram  
crescer.

Homens tristes como seus cavalos.  
Abro os olhos e sinto  
E sei  
Que a força que me inclina hoje para a terra  
Essa avidez que as minhas mãos possuem  
E a frescura que minha alma adquire quando as chuvas  
molham estas plantas,  
A vontade de sair sozinho, de noite, e de chorar  
copiosamente sobre as ruínas —

Sei bem  
Que todas essas coisas têm raízes na casa  
No menino selvagem que deixava crescer os cabelos  
Até caídos na estrada  
Colhidos, como flor de lixeira  
Na estrada...

Fecho os olhos de novo.  
Descanso.

Logo sinto fluir de mim  
Como um veio de água saindo dos flancos de uma pedra,  
A imagem de meu pai.  
Ouço bem seu chamado.  
Sinto bem sua presença.  
E reconheço o timbre de sua voz:  
— Venha, meu filho,  
Vamos ver os bois no campo e as canas amadurecendo  
ao sol,  
Ver a força obscura da terra que os frutos alimenta,  
Vamos ouvi-la e vê-la:  
A terra está úmida e os potros ariscos a riscam de seus  
empinos e de suas soltas crinas,  
Vamos,  
Venha ver as cacimbas dormindo repletas!  
Venha ver que beleza!  
— No bojo quieto das águas robafos engolem lodo!

Abro os olhos.  
Não vejo mais meu pai.  
Não ouço mais a voz de meu pai.  
Estou só.

Estou simples.

Não como essa poderosa voz da terra com que me estás  
chamando, pai —  
Porque as cores se misturam em teu filho ainda  
E a nudez e o despojamento não se fizeram em seu canto;  
mas simples  
Por só acreditar que com meus passos incertos eu governo  
a manhã  
Feito os bandos de andorinha nas frondes do ingazeiro.

## O MORTO

### I

A chuva lavou  
As pessoas do morto  
E lavou o morto  
Com a sua fisionomia  
De torto  
E com seus pés de morto  
Que arrastava um rio seco  
E suas mãos de morto  
Onde se dependurou  
Insistente, um gesto oco.  
À noite enterrou-se  
O homem  
Na raiz de um muro  
Com sua roupa no corpo.  
E a chuva regou no horto  
Desse vitorioso  
Homem morto  
Enormes violetas  
E uns caramujos férteis...

## O MORTO

### II

Veja esse morto como esgotou um por um seus segredos.

Sentado como um doutor

Veja que respeito nutre pelo silêncio...

Que morto!

Um piano dormindo no fundo de um poço

Não é mais cômodo do que um homem morto num porto.

Veja que comodidade.

Ele não usará seus dedos secos nunca mais para pegar em  
moças...

Que morto!

## RETRATO

O homem possuía:

Um ocaso

E duas mãos.

Lembrava

Uma rosa seca

Num porto.

Lembrava também

Pássaro adunco

Na ponta de uma península.

Uma tarde

Pousou

(como um pardal)



No banco  
De uma praça.

Lembrava:  
Um corgo atrás de um sobrado  
Um lápis numa ilha.

## INFÂNCIA

Coração preto gravado no muro amarelo.  
A chuva fina pingando... pingando das árvores...  
Um regador de bruços no canteiro.

Barquinhos de papel na água suja das sarjetas...  
Baú de folha de flandres da avó no quarto de dormir.  
Réstias de luz no capote preto do pai.  
Maçã verde no prato.

Um peixe de azebre morrendo... morrendo, em dezembro.  
E a tarde exibindo os seus  
Girassóis aos bois.

## CRÔNICA DO LARGO DO CHAFARIZ

Que Largo!  
Dez casebres de banda  
Se escorando nos pássaros.

No centro  
Um chafariz resseco bota grama pela boca.  
Líquenes comem sapatos.

Vidas mortas...  
Galinhas ciscam na porta do armazém.  
Um menino às seis horas da tarde puxa um bode pela  
corda.

Que Largo!  
Um negro em trapos dorme encostado a um muro  
De pedras secas.

Sossego...  
O Largo do Chafariz boceja.  
Farmacêutico rengo sobe uma rampa.

#### ZONA HERMÉTICA

De repente, intrometem-se uns nacos de sonhos;  
Uma lembrança de mil novecentos e onze;  
Um rosto de moça cuspidos no capim de borco;  
Um cheiro de magnólias secas. O poeta  
Procura compor esse inconsútil jorro;  
Arrumá-lo num poema; e o faz. E ao cabo  
Reluz com a sua obra. Que aconteceu? Isto:  
O homem não se desvendou, nem foi atingido:  
Na zona onde repousa em limos  
Aquele rosto cuspidos e aquele  
Seco perfume de magnólias,  
Fez-se um silêncio branco... E aquele  
Que não morou nunca em seus próprios abismos  
Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas  
Não foi marcado. Não será marcado. Nunca será exposto  
Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema.

## O CAVALO MORTO

Na planície um cavalo  
Mina em seu couro...  
Urubus desplanam  
E planam serenos.

O cavalo está enorme e derrete-se.  
De sob seu dorso que se faz húmus  
Uma florzinha azul repona solidão.

Borboletas amarelas pousam na solidão.

## NA RUA MÁRIO DE ANDRADE

Na rua Mário de Andrade  
vou andar —  
por ter sido Tarumã  
e hoje ser Mário de Andrade

Ainda não sei onde é  
mas vou procurar —  
na rua Mário de Andrade  
vou andar...

Vou ir com Macunaíma  
rente às paredes  
vou ir com Mário de Andrade

Ele, Mário, me diz: é preciso  
flanar...

Eu digo a ele — ó Mário,  
era o que eu ia te falar

É preciso flunar em ruas  
— os passos levando sempre  
para nenhum lugar

E Mário me diz: — Poeta,  
nenhum-lugar é o melhor  
lugar de um poeta chegar

Não há que ter nem começo  
nem fim  
essa antiga rua Tarumã

Como serão seus moradores?  
Vou até lá  
Saberão quem foi esse homem  
bom — o da rua Lopes Chaves? Bem —  
mas também ele não sabia  
quem fora Lopes Chaves

Não há como não saber  
quem foi o nome da rua  
em que se morou ou vai morar

Se nome de gente, é bom  
que ele desapareça  
completamente

Não seja mais nem lembrança  
nem a sombra de um homem  
— como queria o poeta Bandeira

Talvez melhor conservar  
rua Tarumã  
mas vai ver que lá não existe  
um pé de tarumã!  
sequer uma criança  
que conheça tarumã

Domingo hoje depois  
da minha missa  
vou para lá  
flanar...

Conto que tenha alguma parede  
que me surpreenda  
com as suas nódoas e seus caramujos  
passeando...

Talvez eu veja algum homem lá  
que me comova  
ou mulher que me deslumbre  
ou criança que me entristeça  
para o resto da vida

Ou pássaro em alguma árvore  
que me aclare o negro dia  
com seu canto álgre

Ou poça de chuva na calçada  
limpa — que me alimpe o coração.

Uma casa com jardim na frente  
e um jardineiro ancião  
tocando a raiz de uma flor

Se houver flores nessa rua  
Mário de Andrade — a todos nós  
ela agradará

Se houver sobrados líricos  
com janelas azuis ou verdes — pronto!  
nada mais necessário será  
para nutrir uns sonhos brancos...

No fundo vê-se o pai lendo  
as suas coisas —  
a esposa diligencia o almoço  
Haverá uma estampa do camponês  
de Millet  
e os filhos brincando — que ternura!

Ainda não sei como é  
a rua Mário de Andrade;  
mas vou — a campear —  
que sou um campeador de ruas  
pequenas... É um fraco que tenho.

Mas,  
há de ser como ele foi  
essa rua Mário de Andrade: simples  
amiga — uma rua companheira —  
uma grande alma de rua —  
uma rua de óculos, de cara enorme  
e de uma enorme ternura debaixo dos óculos...

Rua Mário de Andrade...

## CONTINHO À MANEIRA DE KATHARINE MANSFIELD

Perdera mais aquele seu dia encantador que, bem usado, poderia, quem sabe? transformar-se em alguma coisa útil ou de cristal.

Perdera-o entre sonhos e perguntas.

E agora a noite era dos sapos.

E sua boca cheia quase foi entrando para o reino vegetal, escorrendo seiva

E entoando sumarentos beijos. Ela desconfiava.

Os ramos sempre tratavam de adormecer os seus pássaros, friorentos, agasalhando-os.

Dava vontade de saltar pelos muros do quintal onde estava

Ganhar a rua e errar pelos cantos, entre pessoas...

Os braços crescendo, espalhando-se, lavavam-na toda de enormes silêncios.

Seus pés na areia fofa dormiriam... Como raízes?

Sombras acordavam nas trepadeiras.

Se os pensamentos tivessem voz despertariam com certeza os galos empoeirados nas cercas

E as borboletas no pé de tamarindo, e todos os patinhos que estavam dormindo debaixo das árvores.

Lúcia passeia amorosamente seus dedos pelos troncos velhos — e sobe.

Agora seu quarto parece impregnar-se de um cheiro bom de mato...

## ENCONTRO DE PEDRO COM O NOJO

A rosa reteve Pedro. E a mão reteve a música como paisagem de água na retina.

Era noite no bairro do Flamengo. As pensões de estudantes dormiam nas transversais.

Pedro mergulhado em trevas, no quarto, pensa no rouxinol e na bomba atômica.

As coisas mais importantes lhe aconteciam no escuro, como a surpresa de uma flor desabrochada à noite.

Pedro recebe uma brisa no rosto e se olha, inundado de solidão. Se chorasse poderia dormir depois. Prefere andar.

Pedro carrega a beleza como um prédio em ruínas. Desce as escadas e ganha a rua.

Pedro anda tendo temores esquisitos. Por exemplo: que desapareçam os fracos da face da terra e restem apenas pessoas blindadas de sol.

Teme que desapareçam as criaturas roladas dos abismos de Deus, com seus andrajos, com as suas cicatrizes.

Pensou em plantar uma árvore. Em pensamento viu-se desmembrado, seu corpo espalhado nos pedaços de um espelho.

Entrou numa pequena rua. Viu pássaros roubando suicidas. Meninos carregando escadas. Respirou um odor de mofo e rosas velhas.

Estava bem longe agora de seu quarto pobre. Seu paletó estaria dependurado no cabide. Esmeralda, a mulata, se surpreenderia de não encontrá-lo àquela hora.

Pedro começa a esfregar os olhos para espantar Esmeralda; mas ela vinha de flancos nua rolar na aresta dos desejos.

Vinha de chapéu de breu e sonos... Distraiu-se afinal vendo os azulejos roídos pelos peixes do Ministério da Educação.

Pedro ficou parado. Depois entrou no Frege, atraído por um samba. Viu lá dentro um negro sentado com uma clarineta fincada no rosto!

O negro atropelava as pessoas com as suas queixas que escorriam pelas ruas como água. Pedro foi saqueado pela angústia. Cuspiu e retirou-se.



No largo, entre pássaros, acalmou-se. Uma funda sensação de pertencer às coisas mudas, como a folha que pertence à árvore, invadiu-o.

Doce pélagos! Pedro saiu leve para junto do mar. Coral e flor de caos ia colher — entre baixios sangrentos.

Seu era o mundo. Dormiu entre pedras. O dia amanheceu em suas mãos.

Pedro entregou-se ao dia, como ao seu musgo se entrega o verde.

Pureza de ruínas nos olhos de Pedro! Estava sujo e coberto de lírios.

Às doze horas Pedro regressou ao quarto. Debaixo da escada um homem dormia como um peixe: a boca descampada úmida e serena. Subiu.

Pedro deitou-se, pensando... A inércia me devora, enraíza-se em meu corpo, como líquenes na pedra — se fico deitado.

Sentia fluir de seus ossos a inércia e brotar de seus dedos, como cardos, o nojo.

Preciso caminhar. Pedro se levanta e vai à janela. Lá fora, bem rente ao muro encardido, uma pereira florida...

Pedro quer nascer do chão. Pedro acha que precisa florir até a altura de uma janela. Oferecer-se ao luar... e...

Ó propício frio das sombras! Entra Esmeralda autêntica com sol nas carnes e nas palavras. Pedro retorce, quebra Esmeralda nos braços, baba-a toda e a engole.

Agora Pedro vai jiboiar nas ruas de novo. Pedro é louco. Arrasta-se pelos becos com a sua porcaria na alma.

Engole sua anulação como água. O nojo lhe cresce como um braço podre, mirrado. Um braço podre saindo das costas...

Pedro engole a maçã do caos. Vai trôpego deitar-se nas pedras. Esmeralda tritura-o agora.

Tudo que há de noturno está entranhado nas roupas de Pedro. Bebe goles de treva. Liberdade que se evola de ti, no escuro, Pedro! Não percebe.

Cogumelos brotavam de seu ventre, e ocasos. Calangos vinham lamber os seus pés e mascar suas roupas os bois.

Pedro se aproximara das coisas. Para dormir com elas. Pedro deitou-se entre objetos. A terra comia seu abdômen.

A terra cheia de poros, fermentada de raízes, rosas podres, bichos corrompidos, penas de pássaros, folhas e pedras — o atraíam.

Pedro era um barro ofegante. Como um fruto peço, deixou sua boca no chão, imóvel, aberta.

Tinha de recostá-la na terra e haurir, das raízes intumescidas, seiva.

Pedro sabia: todo aquele que não bebe água no solo, secará como cana cortada no pé. Ficou deitado.

Pedro estava só. Deixava-se completamente às coisas, recebendo suas emanções físicas.

Pedro se encostava nas coisas, afagava-as como se elas fossem criaturas íntimas. Pedro era reconstruído.

Agora Pedro ressurge. Vem botando o pescoço para o sol. Despegando-se da escuridão, pesadamente, como um bêbado gordo, e aos pedaços, estraçalhado...

Pedro vem Tateando na luz, subindo nas bordas do poço, soltando de sua casca o moço... Deixa pedaços dele no escuro.

Pedro entra em seu quarto. Está perfeito e pobre. Poderemos sequer fazer uma ideia de que resultará do encontro de um homem com o nojo?

Agora Pedro está dormindo.

COMPÊNDIO  
PARA USO  
DOS PÁSSAROS



— Que era quê?

— Essas coisas...

.....

O vaqueiro Abel: não-entender, não-entender, até se virar menino.

O vaqueiro José Uéua: jogar nos ares um montão de palavras, moedal.

O vaqueiro Noró: conversação nos escuros se rodeando o que não se sabe.

O vaqueiro Tadeu: queria era que se achasse para ele o *quem* das coisas!

O vaqueiro Calixto: essas coisas que o Grivo falou:  
— *Sabiá na muda: ele escurece o gorjeio... Pássaro no mato em toda parte voa torto — por causa de acostumado com as grades das árvores...*

JOÃO GUIMARÃES ROSA



## I. DE MENINOS E DE PÁSSAROS

### POEMINHAS PESCADOS NUMA FALA DE JOÃO

#### I

O menino caiu dentro do rio, *tibum*,  
ficou todo molhado de peixe...  
A água dava rasiinha de meu pé.

#### II

João foi na casa do peixe  
remou a canoa  
depois, *pan*, caiu lá embaixo  
na água. Afundou.  
Tinha dois pato grande.  
Jacaré comeu minha boca do lado de fora.

#### III

Nain remou de uma piranha.  
Ele pegou um pau, *pum!*,  
na parede do jacaré...  
Veio Maria-preta fezê três araçás pra mim.  
Meu bolso teve um sol com passarinhos.

#### IV

De dia apareceu uma cobrona  
debaixo de João.  
Eu matei a boca pequenininha daquela cobra.  
Ninguém não tinha um rosto com chão perto.

#### V

De minha mão dentro do quarto  
meu lambarizinho  
escapuliu — ele priscava  
priscava  
até cair naquele  
corixo.  
E se beijou todo de água!  
Eu se chorei...  
Vi um rio indo embora de andorinhas...

#### VI

Escuto o meu rio:  
é uma cobra  
de água andando  
por dentro de meu olho

#### VII

O sapo de pau  
virou chão...  
O boi piou cheio de folhas com água.  
Eu ia no mato sozinho.  
O cocô de capivaras era rodelinhas — bola de gude.  
Eu quebrei uma com meu sapato.  
Todas viraram chão também.



## VIII

Você viu um passarinho abrido naquela casa  
que ele veio comer na minha mão?  
Minha boca estava seca  
igual do que uma pedra em cima do rio

## IX

Vento?  
Só subindo no alto da árvore  
que a gente pega ele pelo rabo...

## A MENINA AVOADA

*Para Martha*

### I

Vi um pato andando na árvore...  
Eu estava muito de ouro de manhã  
perto daquele portão —  
Veio um gatinho debaixo de minha  
janela ficou olhando para meu pé rindo...  
Então eu vi iluminado em cima de  
nossa casa um sol!  
E o passarinho com uma porcariinha  
no bico se cantou.  
Fiquei toda minada de sol na minha boca!

### II

Quis pegar  
entre meus dedos

a Manhã.  
Peguei vento.

Ó sua arisca!

Nas ruas do vento  
brincavam os passarinhos  
perto de meu quarto  
junto do pomar.

Esses passarinhos  
sempre eram fedidos a árvores com rios  
que eles traziam da mata  
antes de chover

III

Manhã?  
Era eu estar sumida de mim e todo-mundo  
me procurando na Praça  
estar viajando pelo chão  
que a água é atrás  
até ficar árvores  
com a boca pendurada para os passarinhos...

IV

Um barco eu inventei  
de minhoquinhas  
Ele ia torto no rego.

Pendurei por fora  
meu vaso de luar

veio aquele pardal  
bebeu na água de cima.

Saiu ferido  
de muitas flautas;  
mas não cantou no chão  
só pispinicou

Ah, seu passarinho espora,  
você vai ser meu chapa, será?  
Minha tarde um pouco ficou  
parada de eu espiar suas artes...

V

Uma cerca  
veio perseguindo  
o meu trem, que veio  
quando anoiteceu...  
(essa noite andou bebeu água no rio  
caminhou debaixo de paus aproveitou  
fez muitos urubus panhou sombras com mato  
sujou em cima de uma casa  
subiu no tronco do céu  
e agora está derramando frutos  
nos lábios do cheiroso molhado...)

— Você não viu?

VI

Você brincou de mim que uma borboleta  
no meu dedo tinha sol?

Você ia pegar agora  
o que fugiu de meu rosto agora?

Na beira da pedra aquele cardeal,  
você viu?, fez um lindo ninho  
escondido bem  
para a gente não ir apanhar  
seus filhotes, que bom.

Ó meu cardeal,  
você não é um sujeito brocoió à toa!  
Você é um passarinho de atravessado...

## VII

Pedro veio na calçada — ele recuava  
as mãozinhas da praça e as punha  
no bolso — era flor!  
Quando aparecia mais perto  
estava escorrendo de sol pelas pernas...

## VIII

Molhava todo meu vestido outra vez  
de estar com cheiro de passarinho  
perto daquele sobradão...  
Eu ficava dentro do meu quarto lá no  
alto vendo para o mar.  
Molhava todo meu rosto de mar.

## IX

Meu irmão apreciava  
de estar o puro entardecer

dentro de suas mãos  
carregadinhas de amor

E a terra se merecia  
de dar naquelas mãos até flor;  
sobre a minha casa eu pousei  
coberta de cantos.

X

O bigode do pai crescia no quarto.  
João, caindo aos restos de ninho, chegava  
cheirando a pássaros com ilhas.  
Ia buscar minha boca e voltava do  
mato em perfumes...

Árvore?

Era a terra debaixo dela ser escura...

XI

O rio pastava  
os sussurros da noite  
nos luarais de eu ter olhos azuis

XII

Eu estava encostada naquela árvore  
muito azul quase  
e veio um raiozinho de sombra era  
de tarde na minha boca.

Ele me segurou entre os dedos.

Fiquei brilhante com meus cabelos  
lavados...

Então dei um salto

muito leveza  
muito  
pro vento  
e no bico de uma sabiá eu fiquei  
de ouro  
a cantar  
a cantar...

### XIII

O riacho  
que corre por detrás de casa  
cria uma espécie de madrugada rasteira  
de viçar meninos...

### XIV

O boi de pau?  
Eram meninos ramificados nos rios  
que lhe brincavam...

O boi  
de pau  
era tudo que a gente  
quisesse que *sêsse*:  
ventos  
o azul passando nas garças o seu céu  
as árvores que praticam sabiás  
e sapo —  
sapo se adquirindo  
na terra...

O boi de pau  
é um rio  
é meu cavalo de pau...

XV

Ainda estavam verdes as estrelas  
quando eles vinham  
com seus cantos rorejados de lábios.  
Os passarinhos se molhavam de  
vermelho na manhã  
e subiam por detrás de casa para me  
espiarem pelo vidro.

Minha casa era caminho de um vento  
comprido comprido que ia até o fim do mundo.

O vento corria por dentro do mundo  
corria lobinhando — ninguém  
não via ele  
com sua cara de alma.

## O MENINO E O CÓRREGO

*Ao Pedro*

I

A água  
é madura.  
Com penas de garça.  
Na areia tem raiz  
de peixes e de árvores.

Meu córrego é de sofrer pedras  
Mas quem beijar seu corpo  
é brisas...

## II

O córrego tinha um cheiro  
de estrelas  
nos sarãs anoitecidos

O córrego tinha  
suas frondes  
distribuídas  
aos pássaros

O córrego ficava à beira  
de um menino...

## III

No chão da água  
luava um pássaro  
por sobre espumas  
de haver estrelas

A água escorria  
por entre as pedras  
um chão sabendo  
a aroma de ninhos.

## IV

Ai  
que transparente  
aos voos  
está o córrego!  
E usado  
de murmúrios...



V

Com a boca escorrendo chão  
o menino despetalava o córrego  
de manhã todo no seu corpo.

A água do lábio relvou entre pedras...

Árvores com o rosto arreiado  
de seus frutos  
ainda cheiravam a verão  
Durante borboletas com abril  
esse córrego escorreu só pássaros...

#### NOÇÕES SOBRE JOÃO-FERREIRO

Passarinho joão-ferreiro o seu bico  
é fibroso em líquen viçar nas  
pedras  
que ele punge fundo  
até dar na rã.

Seus pios enramados  
de muito se sonhar  
vêm ferir sobre mim  
com um ar de triste ar

De dia se esconde o  
joão-ferreiro nos resíduos  
do que procurou —  
à noite no que se escondeu

Se à noite outra boca  
prospera de um terreno  
    para ele —  
joão cai nas árvores

Nesse gosto de obedecer pra árvores  
muito embaraçadas de sol nos lábios  
    das águas  
joão-ferreiro dorme.  
Dorme atrás de suas penas  
que andam em rumorejos...

Pássaro esquerdo!  
Arrimo de garoas...  
    Ele sabe a corgos  
    gastos por passarinhos...

Seu caminho consiste para um esvoo rente  
    rente até o chão ervar-se  
    de seu corpo.

Nas brisas da manhã  
grama fácil  
seu adejo

Não limpa sombra de gorjeios.

Desova, manhãzinha,  
na ínsua  
que seus embaixos com limos  
pertencem dos caramujos

E entrega seu canto assim sujo mesmo  
de ir trazer das grotinhas cabelentas  
é pedra com titica de aves  
é galhos empassarados de sol...

#### UM BEM-TE-VI

O leve e macio  
raio de sol  
se põe no rio.  
Faz arrebol...

Da árvore evola  
amarelo, do alto  
bem-te-vi-cartola  
e, de um salto

pousa envergado  
no bebedouro  
a banhar seu louro

pelo enramado...  
De arrepio, na cerca  
já se abriu, e seca.



## II. EXPERIMENTANDO A MANHÃ NOS GALOS

### EXPERIMENTANDO A MANHÃ NOS GALOS

... poesias, a poesia é

— é como a boca  
dos ventos  
na harpa

nuvem  
a comer na árvore  
vazia que  
desfolha noite

raiz entrando  
em orvalhos...

os silêncios sem poro

floresta que oculta  
quem aparece  
como quem fala  
desaparece na boca

cigarra que estoura o  
crepúsculo  
que a contém

o beijo dos rios  
aberto nos campos  
espalmado em álacres  
os pássaros

— e é livre  
como um rumo  
nem desconfiado...

#### COISAS MANSAS

Coisas mansas, de sela, andavam por  
ali bebendo água...  
Ventava  
sobre azaleias  
e municípios.

Ventinho de pelo!  
Monto nele e vou  
experimentando a manhã nos galos...

Ó este frescor! como um afluente  
de tua boca...

## CAMINHADA

Eu vinha aquela tarde pela terra  
fria de sapos...  
O azul das pedras tinha cauda e canto.

De um sarã espreitava meu rosto um passarinho.  
Caracóis passeavam com róseos casacos ao sol.  
As mãos cresciam crespas para a água da ilha.

Começaram de mim a abrir roseiras bravas.  
Com as crinas a fugir rodavam cavalos  
investindo os orvalhos ainda em carne.

De meu rosto viam ribeiros...

Limpendo da casa-do-vento os limos  
no ar minha voz pisava...

## AQUELA MADRUGADA

Aquela madrugada  
vinham cheiros em minha boca.  
De longe  
de todos os matos  
vinham cheiros de frutas  
que ela vinha.  
Vinha o que de noite  
os pássaros estavam dormindo  
o que os regos  
estavam murmurando  
e o que as árvores  
falavam pros João-pintos...

Vinham também  
esses começos de coisas  
indistintas:  
o que a gente esperou dos sonhos  
os cheiros do capim  
e o berro dos bezerros  
sujos a escamas cruas...

#### NO FIM DE UM LUGAR

No fim de um lugar  
você veio ficou de pé  
no espinheiro pedrento do rochedo  
e se atravessava uma coisinha branca na voz.

Eu fui na garupa  
com os frios da noite  
por caju amarelos  
debruçados à cerca.

Em torno fazia um pássaro  
que seu canto finge com águas...  
Você se beiradeava.  
Eu me escorei o rosto nos silêncios.

Fui buscar um gosto leve  
naquilo árvore  
naquilo casa-de-pássaros.  
— Você me esperava?

Que outra era esperada  
no recanto de meu abandono



quando não vinha você  
naquele lugar de minha mão?

Eu não sei bem o que houve  
no fim desse lugar  
pois andou nele a raiz  
de uma voz que crescia na relva dos peixes.

Crescia de teu lábio  
essa voz úmida que me buscava  
sobre os cascalhos verdes  
junto de outro corpo.

Eu andava com meus dedos  
a colher outros frutos raros...  
Por que você já não vinha  
malhar sob os meus galhos?

Não espiei contudo  
quem escorria de mim outrora.  
Ervinhas subideiras  
trepavam de meu casaco.

Agarrado aos muros  
ainda a brotar esta flor de sonho  
um pouco de meu rosto  
ficou eivado desse lugar...

## TENTAÇÃO

Morro abaixo, de repente, uma boca  
começou a granar para ele

começou a crescer  
começou a crescer com maduros  
bem maduros, até escorrer exausta  
sobre todo seu corpo...

Menso, muito no começo dele, estancou  
e sem entender nada.

Não se viam indícios do que fora  
nem onde existira mais, um pouco  
recuado em si, se esgueirando...

Houvesse inferno, houvesse?  
Ladeou. Não seria um exíguo atalho?  
Uma fuga com argola?

Árduo assunto: como um mendigo descido  
à força de sua folha de jornal...

Oh, voo pontudo de bico no rochedo súbito!  
Rosto espatifado no vento...

#### NA FAZENDA

Barulhinho vermelho de cajus  
e o riacho passando  
nos fundos do quintal...

Dali  
se escutavam os ventos com a boca  
como um dia ser árvore.

Eu era lutador de jacaré.  
As árvores falavam.  
Bugre Teotônio bebia marandovás.

Víamos por toda parte cabelos misgalhadinhos  
de borboletas...

Abriu-se  
uma pedra  
certa vez:  
os musgos  
eram frescos...

As plantas  
me ensinavam de chão.  
Fui aprendendo com o corpo.

Hoje sofro de gorjeios  
nos lugares puídos de mim.  
Sofro de árvores.

## UM NOVO JÓ

*Porquanto  
como conhecer as coisas senão sendo-as?*  
JORGE DE LIMA

Desfrutado entre bichos  
raízes, barro e água  
o homem habitava  
sobre um montão de pedras.

Dentro de sua paisagem  
— entre ele e a pedra —  
crescia um caramujo.

Davam flor os musgos...  
Subiam até o lábio  
depois comiam toda a boca  
como se fosse uma tapera.

Convivência de murta  
e rãs... A boca de raiz  
e água escorria barro...

Bom era  
sobre um pedregal frio  
e limoso dormir!  
Ao gume de uma adaga  
tudo dar.

Bom era ser bicho  
que rasteja nas pedras;  
ser raiz de vegetal  
ser água.

Bom era caminhar sem dono  
na tarde  
com pássaros em torno  
e os ventos nas vestes amarelas.

Não ter nunca chegada  
nunca optar por nada.  
Ir andando pequeno sob a chuva  
torto como um pé de maçãs.

Bom era entre botinas  
tronchas pousar depois...  
como um cão  
como um garfo esquecido na areia.

Ir a terra me recebendo  
me agasalhando  
me consumindo como um selo  
um sapato  
como um bule sem boca...

Ser como as coisas que não têm boca!  
Comunicando-me apenas por infusão  
por aderências  
por incrustações... Ser bicho, crianças,  
folhas secas!

Ir criando azinhavre nos artelhos  
a carne enferrujada  
desfeita em flor de ave, vocábulos, ícones.  
Minhas roupas como um reino de traças.

Bom era  
ser como o junco  
no chão: seco e oco.  
Cheio de areia, de formiga e sono.  
Ser como pedra na sombra (almoço de musgos)  
Ser como fruta na terra, entregue  
aos objetos...



GRAMÁTICA  
EXPOSITIVA  
DO CHÃO





## I. PROTOCOLO VEGETAL

1.

*Trata de episódio que veio a possibilitar a descoberta de um caderno de poemas*

Prenderam na rua um homem que entrara na  
prática do limo

lista dos objetos apreendidos no armário gavetas buracos de parede, pela ordem: 3 bobinas enferrujadas 1 rolo de barbante 8 armações de guarda-chuva 1 boi de pau 1 lavadeira renga de zinco (escultura inacabada) 1 rosto de boneca — metade carbonizado — onde se achava pregado um caracol com a sua semente viva 3 correntes de latão 1 caixa de papelão contendo pregos ruelas zíperes e diversas cascas de cigarras estouradas no verão 1 caneco de beber água 1 boneco de pano de 50 centímetros de altura com inscrições nas costas “O FANTASMA DE OLHOS COSTURADOS” 2 senhoras da zona (esculturas em mangue) 29 folhas de caderno com escritos variados sob os títulos abaixo:

- a – 29 escritos para conhecimento do chão através de São Francisco de Assis
- b – protocolo vegetal
- c – retrato do artista quando coisa

d – a criatura sem o criador  
e – você é um homem ou um abridor de lata?

e mais os seguintes pertences de uso pessoal:

o pneu o pente  
o chapéu a muleta  
o relógio de pulso  
a caneta o suspensório  
o capote a bicicleta  
o garfo a corda de enforcar  
o livro maldito a máquina  
o amuleto o bilboquê  
o abridor de lata o escapulário  
o anel o travesseiro  
o sapo seco a bengala  
o sabugo o botão  
o menino tocador de urubu  
o retrato da esposa na jaula  
e a tela

2.

*Descrição da tela pelo Dr. Francisco Rodrigues de Miranda, amigo do preso*

o artista recolhe neste quadro seus companheiros pobres do chão: a lata a corda a borra vestígios de árvores etc.

realiza uma colagem de estopa arame tampinha de cerveja pedaços de jornal pedras e acrescenta inscrições produzidas em muros — números truncados caretas pênis coxas (2) e 1 aranha febril

tudo muito manchado de pobreza e miséria que se  
não engana é da cor encardida entre amarelo

e gosma

3.

*Seria o homem do Parque?*

o homem tinha 40 anos de líquenes no Parque

era forte de ave

gafanhotos usavam sua boca

quase sempre nos intervalos para o almoço  
era acometido de lodo

à noite seria carregado por formigas até as  
bordas de um lago

madrugada contraía orvalho nas escamas e na  
marmita

4.

*Palavras de Lúcio Ayres Fragoso, professor de física em  
São Paulo, compadre do preso, a título de esclarecimento  
à Polícia*

para começar ninguém jamais garantiu que coisa  
era aquele bicho

o mal-traçado?  
o tritão dorminhoco?  
o irmão desaparecido de Chopin?  
o homem de borracha?

conheci-o  
em seu escritório  
jogando bilboquê

era sempre arrastado para lugares com musgo

por meio de ser árvore podia adivinhar se a terra  
era fêmea e dava sapos

via o mundo como a pequena rã vê a manhã de  
dentro de uma pedra

pela delicadeza de muitos anos ter se agachado  
nas ruas para apanhar detritos — compreende  
o restolho

a esse tempo lê Marx

tem mil anos

tudo que vem da terra para ele sabe a lesma

é descoberto dentro de um beco  
abraçado no esterco  
que vão dinamitar

antes de preso fora atacado por uma depressão mui  
peculiar que o fizera invadir-se pela indigência: uma de-

pressão tão grande dentro dele como a ervinha rasteira  
que num terreno baldio cresce por cima de canecos en-  
ferrujados pedaços de porta arcos de barril...

era de profissão *encantador de palavras*

ninguém o reconheceria mais

resíduos de Raskolnikof encardiam sua boca de  
Pierrô muito comida de tristeza

e sujo

5.

*Antissalmo por um desherói*

a boca na pedra o levará a cacto  
a praça o relvava de passarinhos cantando  
ele tinha o dom da árvore  
ele assumia o peixe em sua solidão

seu amor o levará a pedra  
estava estropiado de árvore e sol  
estropiado até a pedra  
até o canto  
estropiado no seu melhor azul  
procurava-se na palavra rebotalho  
por cima do lábio era só lenda  
comia o ínfimo com farinha  
o chão viçava no olho  
cada pássaro governava sua árvore

Deus ordenara nele a borra  
o rosto e os livros com erva  
andorinhas enferrujadas

## II. O HOMEM DE LATA

*A Paulino de Souza*

O homem de lata  
arboriza por dois buracos  
no rosto

O homem de lata  
é armado de pregos  
e tem natureza de enguia

O homem de lata  
está na boca de espera  
de enferrujar

O homem de lata  
se relva nos cantos  
e morre de não ter um pássaro  
em seus joelhos

O homem de lata  
traz para a terra  
o que seu avô  
era de lagarto

o que sua mãe  
era de pedra

e o que sua casa  
estava debaixo de uma pedra

O homem de lata  
é uma condição de lata  
e morre de lata

O homem de lata  
tem beirais de rosa  
e está todo remendado de sol

O homem de lata  
mora dentro de uma pedra  
e é o exemplo de alguma coisa  
que não move uma palha

O homem de lata  
é um iniciado em abrolhos  
e usa desvio de pássaro  
nos olhos

No homem de lata  
amurou-se uma lesma  
fria  
que incide em luar

Para ouvir o sussurro  
do mar  
o homem de lata  
se inscreve no mar

O homem de lata  
se devora de pedra  
e de árvore



O homem de lata  
é um passarinho  
de viseira:  
não gorjeia

Caído na beira  
do mar  
é um tronco rugoso  
e cria limo  
na boca

O homem de lata  
sofre de cactos  
no quarto

O homem de lata  
se alga  
no Parque

O homem de lata  
foi atacado de ter folhas  
e se arrasta  
em seus ruídos de relva

A rã prega sua boca  
irrigada  
no homem de lata

O homem de lata  
infringe a lata  
para poder colear  
e ser viscoso

O homem de lata  
empedra em si mesmo  
o caramujo

O homem de lata  
anda fardado de camaleão

O homem de lata  
se faz um corte  
na boca  
para escorrer  
todo o silêncio dele

O homem de lata  
está a fim  
de árvore

O homem de lata  
é um caso  
de lagartixa

O homem de lata  
é resto anuroso  
de pessoa

O homem de lata  
está todo estragado  
de borboleta

O homem de lata  
foi marcado a ferro e fogo  
pela água.

III. PÁGINAS 13, 15 E 16 DOS “29 ESCRITOS  
PARA CONHECIMENTO DO CHÃO ATRAVÉS  
DE S. FRANCISCO DE ASSIS”

O chão reproduz  
do mar  
o chão reproduz para o mar  
o chão reproduz  
com o mar

O chão pare a árvore  
pare o passarinho  
pare a  
rã — o chão  
pare com a rã  
o chão pare de rãs  
e de passarinhos  
o chão pare  
do mar

O chão viça do homem  
no olho  
do pássaro, viça  
nas pernas  
do lagarto<sup>(1)</sup>  
e na pedra

(1) O LAGARTO – *O lagarto / pode ser encontrado em lugares alagadiços / nas chapadas ressecas / nas sociedades por comandita / nos sambaquis:*

Na pedra  
o homem empeça  
de colear  
Colear  
advém de lagarto  
e não incorre em pássaro

Colear induz  
para rã  
e caracol<sup>(2)</sup>

Colear  
sofre de borboleta

*ao lado das praias sem dono explorando / conchas mortas; / nas passeatas a favor da família e da pátria / e / segundo narra a história / um desses bichos foi apalpado pelo servo Jó / sobre montão de pedras / quando este raspava com um caco de telha / a podridão que Deus lhe dera. / O lagarto / é muito enconradiço também / nas regiões decadentes / arrastando-se por sobre paredes do mar como a ostra / e sua fruta orvalhada. / Parece que a lagarta grávida se investe nas funções de uma pedra seca / passando setembro / e / sentindo precisão de escuros para seu desmusgo / se encosta em uma laja úmida / e ali desova / — ninguém sabe. / Pode o lagarto ainda / ser visto pegando sol / nas praias / com seus olhinhos fixos / mastigando flor...*

(2) O CARACOL – *Que é um caracol? um caracol é: / a gente esmar / com os bolsos cheios de barbante, correntes de latão / maçanetas, gramofones / etc. / Um caracol é a gente ser: / por intermédio de amar o escorregadio / e dormir nas pedras. / É: / a gente conhecer o chão por intermédio de ter visto uma lesma / na parede / e acompanhá-la um dia inteiro arrastando / na pedra / seu rabinho úmido / e / mijado. / Outra de caracol: / é, dentro de casa, consumir livros cadernos e / ficar parado diante de uma coisa / até sê-la. / Seria: / um homem depois de atravessado por ventos e rios turvos / pousar na areia para chorar seu vazio. / Seria ainda: / compreender o andar liso das minhocas debaixo da terra / e escutar como os grilos / pelas pernas. / Pessoas que conhecem o chão com a boca como processo de se procurarem / essas movem-se de caracóis! / Enfim, o caracol: / tem mãe de água / avô de fogo / e o passarinho nele sujará. / Arrastará uma fera para o seu quarto / usará chapéus de salto alto / e há de ser esterco às suas próprias custas!*

e prospera  
para árvore  
Colear  
prospera  
para o homem

O homem se arrasta  
de árvore  
escorre de caracol  
nos vergéis  
do poema

O homem se arrasta  
de ostra  
nas paredes  
do mar

O homem<sup>(3)</sup>  
é recolhido como destroços  
de ostras, traços de pássaros  
surdos, comidos de mar

O homem  
se incrusta de árvore  
na pedra  
do mar.

(3) O NOSSO HOMEM – ... Como Akaki Akakievitch, que amava só o seu capote, / ele bate continência para pedra! / Ele conhece o canto do mar grosso de pássaros, / a febre / que arde na boca da ostra / e a marca do lagarto na areia. / Esse homem / é matéria de caramujo.



#### IV. A MÁQUINA DE CHILREAR E SEU USO DOMÉSTICO

O POETA (*por trás de uma rua minada de seu rosto andar perdido nela*)

— Só quisera trazer pra meu canto o que pode ser carregado como papel pelo vento

A LUA (*com a noite nos lábios*)

— Pelo nome do rosto se apostava que era cálido

O PÁSSARO (*olhos enraizados de sol*)

— Ainda que seu corpo permanecesse ardendo, o amor o destruiria

O CÓRREGO (*perdido de borboletas*)

— O dia todo ele vinha na pedra do rio escutar a terra com a boca e ficava impregnado de árvores

O PÁSSARO (*em dia ramoso, roçando seu rosto na erva dos ventos*)

— Há réstias de dor em teus cantos, poeta, como um arbusto sobre ruínas tem mil gretas esperando chuvas...

O CÓRREGO (*apertado entre dois vaga-lumes*)

— ... como no fundo de um homem uma árvore não tem pássaros!

O MAR (*encostado na rã*)

— Em cima das casas um menino avino assobia de sol!

O SOL (*sobre caules de passarinhos e pedras com ru-  
mores de rios antigos*)

— Iam caindo umas folhas de mar sobre as casas dos homens

A ESTRELA (*sentada nos ombros de Ezequiel, o pro-  
feta, em Congonhas do Campo*)

— ... e o silêncio escorava as casas!

O POETA (*se usando em farrapos*)

— Meu corpo não serve mais nem para o amor nem para o canto

O CARAMUJO (*olhos embaçados de noite*)

— É a Máquina de Chilrear, Poeta?

A ÁRVORE (*desinfluída de cantos*)

— É possessão de ouriços

A RÃ (*de dentro de sua pedra*)

— ... sua voz parece vir de um poço escuro

O PÁSSARO (*cheiroso som de asas no ar*)

— Ela está enferrujada

A ÁRVORE (*apoderada de estrelas*)

— Até o chão se enraíza de seu corpo!

O CÓRREGO (*no alto de seus passarinhos*)

— Ervas e grilos crescem-lhe por cima



O PÁSSARO (*submetido de árvores*)

— A Máquina de Chilrear está enferrujada e o limo apodreceu a voz do poeta

CHICO MIRANDA (*na rua do Ouvidor*)

— O poeta é promíscuo dos bichos, dos vegetais, das pedras. Sua gramática se apoia em contaminações sintáticas. Ele está contaminado de pássaros, de árvores, de rãs

A ESTRELA (*com ramificações de luar*)

— Muitos anos o poeta se empassanou de escuros, até ser atacado de árvore

O POETA (*lesmas comendo seus cadernos relógios telefones*)

— Ai, meu lábio dormia no mar estragado!

O MAR (*restos de crustáceos agarrados em suas pernas*)

— Parecia ter dado à praia como um pedaço de pau

A FORMIGA (*carregando um homem na rua, de atravessado*)

— Eu vi o chão, era uma boca de gente comida de lodo!

O POETA (*ventos o assumindo como roupas*)

— Os indícios de pessoas encontrados nos homens eram apenas uma tristeza nos olhos que empedravam

O CARAMUJO (*se tirando de escuros, cheirando a seus frutos*)

— Restos de pessoas saindo de dentro delas mesmas  
aos tropeços, aos esgotos, cheias de orelhas enormes  
como folhas de mamona

O CÓRREGO (*mudando de passarinhos entarde-  
centes*)

— Mas o que trinca está maduro, poeta

O POETA (*ensinado de terra*)

— Amar é dar o rosto nas formigas

A PÁSSARA (*nas frondes do mar*)

— Meus filhos também construíram suas casas com  
vigas de chuva

FRANCISCO (*cumprimentando aos arbustos*)

— Olhai os cogumelos pondo as bocas!

V. A MÁQUINA:  
A MÁQUINA SEGUNDO H.V.,  
O JORNALISTA

A Máquina mói carne  
excogita  
atrai braços para a lavoura  
não faz atrás de casa  
usa artefatos de couro  
cria pessoas à sua imagem e semelhança  
e aceita encomendas de fora

A Máquina  
funciona como fole de vai e vem  
incrementa a produção do vômito espacial  
e da farinha de mandioca  
influi na Bolsa  
faz encostamento de espáduas  
e menstrua nos pardais

A Máquina  
trabalha com secos e molhados  
é ninfômana  
agarra seus homens  
vai a chás de caridade  
ajuda os mais fracos a passarem fome

e dá às crianças o direito inalienável ao  
sofrimento na forma e de acordo com  
a lei e as possibilidades de cada uma

A Máquina engravida pelo vento  
fornece implementos agrícolas  
condecora  
é guiada por pessoas de honorabilidade consagrada,  
que não defecam na roupa!

A Máquina  
dorme de touca  
dá tiros pelo espelho  
e tira coelhos do chapéu

A Máquina tritura anêmonas  
não é fonte de pássaros<sup>(1)</sup>  
etc.  
etc.

(1) isto é: não dá banho em minhoca / atola na pedra / bota azeitona na empada dos outros / atravessa períodos de calma / corta de machado / inocula o vírus do mal / adota uma posição / deixa o cordão umbilical na província / tira leite de veado correndo / extrai vísceras do mar / aparece como desaparece / vai de sardinha nas feiras / entra de gaiato / não mora no assunto e no morro (...)

## VI. DESARTICULADOS PARA VIOLA DE COCHO

Compadre Amaro: — Vai chuvê, irimão  
Compadre Ventura: — Pruquê, irimão?  
Compadre Amaro: — Saracura tá cantando  
Compadre Ventura: — Uê, saracura é Deusí?,  
se fosse imbusi, sim...

NETO BOTELHO, in *Psicologia das mulatas do Catete,  
O vaqueiro metafísico e outras estórias demais*

— Cumpadre antão  
me responda: quem coaxa  
exerce alguma raiz?

— Sapo, cumpadre, enraíza-se  
em estrumes de anta

— E lagartixa,  
que no muro anda,  
come o quê?

— Come a lagartixa,  
o musgo que o muro.  
Senão.

— E martelo  
grama de castela, móbile  
estrela, bridão  
lua e cambão

vulva e pilão, elisa  
valise, nurse  
pulvis e aldabras, que são?  
— Palabras.

— E máquina  
de dor  
é de a vapor? brincar  
de amarelinha  
tem amarelos?  
as porteiras do mundo  
varas têm?  
— Têm conformes.

— E o que greta  
greta  
lapa e lura são?  
— São aonde o lobo  
o coelho  
e o erótico

— Cumpadre, e longe  
é lugar nenhum  
ou tem sitiante?  
— Só se porém.

— E agora vancê confirme: pardal  
é o esperto? roupa  
até usa  
dos espantalhos?

— É esperto, cumpadre,  
não cai  
do galho.

# MATÉRIA DE POESIA

*A António Houdiss*





## I. MATÉRIA DE POESIA

1.

Todas as coisas cujos valores podem ser  
disputados no cuspe à distância  
servem para poesia

O homem que possui um pente  
e uma árvore  
serve para poesia

Terreno de 10 x 20, sujo de mato — os que  
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas  
servem para poesia

Um chevrolé gosmento  
Coleção de besouros abstêmios  
O bule de Braque sem boca  
são bons para poesia

As coisas que não levam a nada  
têm grande importância

Cada coisa ordinária é um elemento de estima

Cada coisa sem préstimo  
tem seu lugar  
na poesia ou na geral

O que se encontra em ninho de João-Ferreira:  
caco de vidro, garampos,  
retratos de formatura,  
servem demais para poesia

As coisas que não pretendem, como  
por exemplo: pedras que cheiram  
água, homens  
que atravessam períodos de árvore,  
se prestam para poesia

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma  
e que você não pode vender no mercado  
como, por exemplo, o coração verde  
dos pássaros,  
serve para poesia

As coisas que os líquenes comem  
— sapatos, adjetivos —  
têm muita importância para os pulmões  
da poesia

Tudo aquilo que a nossa  
civilização rejeita, pisa e mijá em cima,  
serve para poesia

Os loucos de água e estandarte  
servem demais

O traste é ótimo  
O pobre-diabo é colosso

Tudo que explique  
o alicate cremoso  
e o lodo das estrelas  
serve demais da conta

Pessoas desimportantes  
dão pra poesia  
qualquer pessoa ou escada

Tudo que explique  
a lagartixa da esteira  
e a laminação de sabiás  
é muito importante para a poesia

O que é bom para o lixo é bom para a poesia

Importante sobremaneira é a palavra repositório;  
a palavra repositório eu conheço bem:  
tem muitas repercussões  
como um algibe entupido de silêncio  
sabe a destroços

As coisas jogadas fora  
têm grande importância  
— como um homem jogado fora

Aliás é também objeto de poesia  
saber qual o período médio  
que um homem jogado fora

pode permanecer na terra sem nascerem  
em sua boca as raízes da escória

As coisas sem importância são bens de poesia

Pois é assim que um chevrolé gosmento chega  
ao poema, e as andorinhas de junho.

2.

Muita coisa se poderia fazer em favor da poesia:

a – Esfregar pedras na paisagem.

b – Perder a inteligência das coisas para vê-las.  
(*Colhida em Rimbaud*)

c – Esconder-se por trás das palavras para mostrar-se.

d – Mesmo sem fome, comer as botas. O resto em  
Carlitos.

e – Perguntar distraído: — *O que há de você na água?*

f – Não usar colarinho duro. A fala de furnas bre-  
nhentas de Mário-pega-sapo era nua. Por isso as  
crianças e as putas do jardim o entendiam.

g – Nos versos mais transparentes enfiar pregos sujos,  
teréns de rua e de música, cisco de olho, moscas  
de pensão...

- h – Aprender a capinar com enxada cega.
- i – Nos dias de lazer, compor um muro podre para os caramujos.
- j – Deixar os substantivos passarem anos no esterco, deitados de barriga, até que eles possam carrear para o poema um gosto de chão — como cabelos desfeitos no chão — ou como o bule de Braque — áspero de ferrugem, mistura de azuis e ouro — um amarelo grosso de ouro da terra, carvão de folhas.
- l – Jogar pedrinhas nim moscas...

3.

Então — os meninos descobriram que amor  
Que amor com amor  
Que um homem riachoso escutava os sapos  
E o vento abria o lodo dos pássaros.

Um garoto emendava uma casa na outra com urina  
Outros sabiam a chuvas. E os cupins  
Comiam pernas de armário, amplificadores, ligas  
religiosas...

Atrás de um banheiro de tábuas a poesia  
Tirava as calcinhas pra eles  
Ficavam de um pé só para as palavras —  
A boca apodrecendo para a vida!

De tarde  
Desenterraram de dentro do capinzal  
Um braço do rio. Já estava com cheiro.  
Grilos atarraxados no brejo pediam socorro.

De toalha no pescoço e anzol no peixe  
Eles foram andando...  
Botavam meias-solas nas paisagens  
E acendiam estrelas com lenha molhada.

Acharam no roseiral um boi aberto por borboletas  
Foi bom.  
Viram casos de ostras em canetas  
E ajudaram as aves na arrumação dos corgos

A todo momento eles davam com a rã nas calças  
Cada um com a sua escova  
E seu lado de dentro. Apreciavam  
Desamarrar os cachorros com língua.

À margem das estradas  
Secavam palavras no sol como os lagartos  
Passavam brilhantina nos bezerros. E  
Transportavam lábios de caminhão...

Nunca poucos fizeram tantos de pinico!  
Só iam para casa de lado — como uma pessoa  
Que tem cobra no bolso.  
E para cada mão — os cinco dedos de palha.

## II. COM OS LOUCOS DE ÁGUA E ESTANDARTE

1.

Um João foi tido por concha  
Atrapalhava muito ser árvore — assim como  
atrapalhava muito  
estar colado em alguma pedra

Seu rosto era trancado  
com dobradiças de ferro  
para não entrar cachorro

Só um poço merejava por fora dele  
e sapos descangotados de luar...

Esse João desenhava no esconso:  
— Quem salvar a sua vida, perdê-la-á  
com árvores e lagartixas!

Pelos caminhos íngremes  
da mata  
via estrelas subindo em lombo de borboletas

— Você dorme em paredes, João?  
— De jeito maneira

Eu não tenho vasilha de dormir  
Caracol de cipoal não chega nunca de ser  
um caracol de parede  
Conheço a fenda dos paus

Ser pedra depende de prática  
Parede abre a gosma é dos sapos  
Já conheci raiz-de-santo nestes pedrouços  
Não faço hino de cera, meu amo  
Pacu na água rasa só anda de prancha  
Eu conheço. Eu sei. Metade do sol já foi  
tomado por pássaros  
E as árvores me atacam  
no mesmo grau que as pedras...

Usava-se até o orgasmo:  
— Estou apto a trapo!  
A gente é rascunho de pássaro  
Não acabaram de fazer...

Borboletas maduras  
chegavam de pousar nos seus discursos:  
— Eu andei muito para enrugiar meu couro  
Cada um tem seu caminho  
que percorre em todos os insetos  
Eu sei até  
a hora que o passarinho tira a roupa...

O que é feito de pedaços precisa ser amado!

Eu conheço, eu sei.  
O orvalho é para quem pervaga...



Envelhecia a boca nas folhagens  
A morte gerava fora do carço

Cinzas o penetravam  
como prego  
em pneus

— Estamos somados à própria boca!  
Na posição de Buda é que se vê melhor  
como a gente carrega água na cesta!

— Você sabe o que faz pra virar poesia, João?  
— A gente é preciso de ser traste  
Poesia é a loucura das palavras:  
Na beira do rio o silêncio põe ovo  
Para expor a ferrugem das águas  
eu uso caramujos  
Deus é quem mostra os veios  
É nos rotos que os passarinhos acampam!  
Só empós de virar traste que o homem é poesia...

Quebraram dentro dele  
um engradado de estrelas:  
— Vaga-lumes entortados de luz, eu vejo!  
E a flauta dos pássaros interpretando os homens

Madrugada esse João  
Botou o rio no bolso e saiu correndo...  
Pega! Pega!

Tropeçava em ladeiras batentes trechos de sambas

Cansado de tanto correr  
    esse João esbarrou  
com o rio completo no bolso!

Entrou num terreno baldio de 10 x 20 sujo  
de mato  
Ramos de lua reverdeciam de latas  
Chuvas mudavam nódoas de lugar  
Não podia virar cambalhotas que o rio  
desaguava nele

Lá fora  
a cidade no avesso purgava  
    O AZUL  
passava de mosca em mosca  
Estava acima de nossa fraqueza  
    evitar tanta mosca

Começou a chover  
Palavras desceram no enxurro  
Usava-se a cara conforme o cuspe  
Certas palavras pediam para mostrar os pentelhos

Se andasse de cabeça para baixo  
    o rio escoava  
Tinha de ficar de pé  
    segurando o casaco no sol!  
Os pássaros assestavam seus cantos  
    para o lado dos trilhos

Lagartos arrastavam os vergalhos no bar

Lembrou-se do quarto:  
seu quarto cheio de marandovás que comiam livros  
Bem antes de amanhecer, tinha recomendado às  
autoridades um embrulhinho de fezes que  
deixara sobre a estante

Não houvera intenção de roubar o rio  
Andava puído de sombras  
Saía apenas para passear  
e espolegar paredes  
Gostava de espolegar paredes...

Viajou viajou na madrugada branca  
No balde encontrara um jovem  
com uma tramela na boca!  
E a cidade destripada dentro do olho

Águas verdes destruídas corriam sobre tijolos

As iminências do lodo?  
Ruas e casas  
ficaram sujas de seu canto

De repente  
Esse homem sorriu  
Crianças  
Em pleno uso da poesia  
Funcionavam sem apertar o botão

Pedras  
Negociavam com aves.

2.

Assim falou Gidian (ou Gedeão)  
que assistia nos becos:

“Poeta Quintiliano me nomeou Principal  
Sou lobisomem particular  
Eurico me criou desde criança  
pra lobisomem  
Me inventei

Fui procurar dentro do mato um preto Germano  
Agostinho, que operava com ervas  
Mandou botar as unhas no vinagre vinte dias  
Aprendi grande

Só as dúvidas santificam  
O chão tem altares e lagartos

Remexa o sr. mesmo com um pedacinho de arame  
os seus destroços  
Aparecem bogalhos

Quem anda no trilho é trem de ferro  
Sou água que corre entre pedras:  
— liberdade caça jeito

Procuro com meus rios os passarinhos  
Eu falo desemendado

Me representa que o mundo  
é como bosta de onça, tem de tudo:

— cabelos de capivara  
casca de tatu...

Gosto é de santo e boi  
Saber o que tem da pessoa na máscara  
é que são!  
Só o guarda me escreve

Palavras fazem misérias  
inclusive músicas!

Eu sou quando e depois  
Entro em águas..."



### III. APROVEITAMENTO DE MATERIAIS E PASSARINHOS DE UMA DEMOLIÇÃO

#### PASSEIO N° 1

Depois de encontrar-me com Aliocha Karamazoff,  
deixo o sobrado morto  
Vou procurar com os pés essas coisas pequenas do chão  
perto do mar  
Na minha boca estou surdo  
Dou mostras de um bicho de fruta.

#### PASSEIO N° 2

Um homem (sozinho como um pente) foi visto da  
varanda pelos tontos  
Na voz ia nascendo uma árvore  
Aberto era seu rosto como um terreno.

#### PASSEIO N° 3

Raízes de sabiá e musgo  
subindo pelas paredes  
Não era normal  
o que tinha de lagartixa na palavra paredes.

#### PASSEIO Nº 4

O homem se olhou: só o seu lado de fora subindo  
a ladeira...

Caminhos que o diabo não amassou — disse.

Atrasou o relógio.

Viu um pouco de mato invadindo as ruínas de  
sua boca!

#### O PALHAÇO

Gostava só de lixeiros crianças e árvores

Arrastava na rua por uma corda uma estrela suja.

Vinha pingando oceano!

Todo estragado de azul.

#### PASSEIO Nº 6

Casebres em ruínas

muros

escalavrados...

E a lesma — na sua liberdade de ir nua

úmida!

#### O ABANDONO

O mato tomava conta do meu abandono

A língua era torta

Verbos sumiam no fogo



Um caranguejo curto sementava entre harpas

Havia um cheiro de águas abertas e um grilo

No caderno era comum

Crianças recolherem o mar e as pernas da mesa

Estávamos sempre

descendo

uma rampa

mole

Janette contribuía 78% para o progresso e o  
desentendimento entre os homens

Um idiota de estrada passava por árvore

Sapos entravam de roupa e tudo nos tanques

Portas criavam cabelo

Na esquina

Garotos quebravam asas contra as paredes

Crias de ema entravam nos armazéns

Um dia

A moça atravessou a rua como se um peixe saísse  
do armário

O rio empernava as casas

Batiam latas lá fora

Abriam o rádio e o coração até o fim...

## MATÉRIA

O osso da ostra  
A noite da ostra  
Eis um material de poesia

## PÁSSARO

Rios e mariposas  
Empenhados de sol  
Eis um dia de pássaro ganho

## MATÉRIA

O pente e o vento  
Resíduos do mar  
Pétalas de peixes

## A CARNE E O ESPÍRITO

Passou por dentro do pântano com sua boca e  
Deus  
Na minha cama ela dorme  
Ó céu sem prateleiras!  
Minha raiz me pede demais.

## O BICHO

Ali, pertinho de mim  
O bicho esquecido que era de palha

Prendeu-se nas cores de maio  
Cigarras deixavam cair...

### COMPOSIÇÃO

A espuma é que me compõe:  
Cada muleta  
Com o seu rengo.

### A DESCOBERTA

Anos de estudo  
e pesquisas:  
Era no amanhecer  
Que as formigas escolhiam seus vestidos.

### DE VIAGEM

Parada de almoço:  
Borboletas pousadas em trens de bois  
Lagartixas de latrina

### O ABANDONO (PARTE FINAL)

A cidade mancava de uma rua até certo ponto;  
depois os cupins a comiam

A gente vivia por fora como asa  
Rã se media na pedra

Ali, eu me atrapalhava de mato como se ele  
invadissem as ruínas de minha boca e a enchesse  
de frases com morcegos

Saudade me urinava na perna

Um moço de fora criava um peixe na mão  
Na parte seca do olho, a paisagem tinha formigas  
mortas

Eu era sempre morto de lado com a cabeça virada  
pro mar e umas gramas de borboletas amarelas

Estadistas gastavam nos coretos frases furadas,  
já com vareja no ânus

A terra era santa e adubada

As mulheres tratavam-nos com uma bundura  
extraordinária

Tudo se resolvia com cambalhotas

Um homem pegava, para fazer seu retrato, pedaços  
de tábuas, conchas, sementes de cobra

O outro capengava de uma espécie de flor aberta  
dentro dele

Um outro não podia atravessar a rua sem apodrecer

E um sexto ficava de muletas toda noite para  
qualquer lagartixa

Do alto da torre dizia o poeta: eu faço uma  
palavra equilibrar pratos no queixo...

Assim, borboletas chegavam em casa quase mortas  
de silêncio

E as garças eram tarde demais.



ARRANJOS  
PARA ASSOBIÓ





## SABIÁ COM TREVAS

### I.

Caminhoso em meu pântano,  
dou num taquaral de pássaros

Um homem que estudava formigas e tendia para  
pedras me disse no ÚLTIMO DOMICÍLIO  
CONHECIDO: *Só me preocupo com as coisas inúteis*

Sua língua era um depósito de sombras retorcidas,  
com versos cobertos de hera e sarjetas que abriam  
asas sobre nós

O homem estava parado mil anos nesse lugar sem  
orelhas

### II.

Me abandonaram sobre as pedras infinitamente nu,  
e meu canto.

Meu canto reboja.

Não tem margens a palavra.

Sapo é nuvem neste invento.

Minha voz é úmida como restos de comida.

A hera veste meus princípios e meus óculos.  
Só sei por emanções por aderência por incrustações.  
O que sou de parede os caramujos sagram.  
A uma pedrada de mim é o limbo.  
Nos monturos do poema os urubus me farreiam.  
Estrela é que é meu penacho!  
Sou fuga para flauta e pedra doce.  
A poesia me desbrava.  
Com águas me alinhavo.

### III.

Quando houve o incêndio de latas nos fundos da  
Intendência, o besouro náfego saiu caminhando para  
alcançar meu sapato (e eu lhe dei um chute?)

Parou no ralo do bueiro, olhoso, como um boi que  
botaram no sangradouro dele

(Intrigante: não sei de onde veio nem de que lado de  
mim entrou esse besouro. Devo ter maltratado com  
os pés na minha infância algum pobre-diabo. Pois  
como explicar o olhar ajoelhado desse besouro?)

Com o seu casaco preto chamuscado nas pontas, ele  
em seguida nafegou no rumo do jardim e entrou no  
porão de um coreto por onde se comeu como um  
papel sem gosto

De manhã, catando pelas ruas toda espécie de coisas  
que não pretendem, sempre eu revejo esse ente que  
tem por abrigo o céu, como conchas ao contrário.

IV.

(A um Pierrô de Picasso)

Pierrô é desfigura errante,  
andarejo de arrebol.  
Vivendo do que desiste,  
se expressa melhor em inseto.

Pierrô tem um rosto de água  
que se aclara com a máscara.  
Sua descor aparece  
como um rosto de vidro na água.

Pierrô tem sua vareja íntima:  
é viciado em raiz de parede.  
Sua postura tem anos  
de amorfo e deserto.

Pierrô tem o seu lado esquerdo  
atrelado aos escombros.  
E o outro lado aos escombros.  
.....  
Solidão tem um rosto de antro.

V.

Usado por uma fivela, o homem tinha sido escolhido,  
desde criança, para ser ninguém e nem nunca. De  
forma que quando se pensou em fazer alguma coisa  
por ele, viu-se que o caso era irremediável e escuro.  
Ou uma vespa na espátula.

Esse homem pois que apreciava as árvores de sons amarelos — ele se merejava sobre a carne dos muros e era ignorante como as águas.

Nunca sabia direito qual o período necessário para um sapato ser árvore. Muito menos era capaz de dizer qual a quantidade de chuvas que uma pessoa necessita para que o lodo apareça em suas paredes. De modo que se fechou esse homem: na pedra: como ostra: frase por frase, ferida por ferida, musgo por musgo: moda um rio que secasse: até de nenhuma ave ou peixe. Até de nunca ou durante. E de ninguém anterior. Moda nada.

## VI.

Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco; ao ponto de ninguém e de nuvem.

Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta.

Sou mais a palavra ao ponto de entulho.

Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las pro chão, corrompê-las

até que padeçam de mim e me sujem de branco.

Sonho exercer com elas o ofício de criado:

usá-las como quem usa brincos.

## VII.

No sonho havia uma rampa mole, o túnel e uma lagartixa de rabo cortado.

Pela porta da frente eu não podia sair de dentro de mim mesmo com vida, porque não havia porta da frente.

Lá no alto da nuvem estava deitada a minha amada completamente nua.

Eu queria procurar não entender: a evidência não interessava como em Buñuel.

Havia um cheiro de verão nas folhas e nas cestas de roupas sujas.

Comecei a catar as ervas rasteiras que me arrastavam por analogia.

O vento se harpava em minhas lapelas desatadas.

Eu tinha o roteiro do luar com o mapa da mina.

Depois que todos se deitassem, eu iria passear sobre os telhados adormecidos.

Apenas me debatia contudo quanto a lagartixa de rabo cortado.

## VIII.

— O que é o que é?  
(como nas adivinhas populares)

Escorre na pedra amareluz.

Faz parte de árvore. É acostumado com uma parede na cara.

Escuta fazerem a lama como um canto.

Bicho-do-mato que sói de anjo  
refulge de noite no próprio esgoto.

Camaleão finge que é ele.

Rio de versos turvos.

É lido em borboletas como o sol.  
Se obtém para o voo nos detritos.  
Cobre vasta extensão de si mesmo com nada.  
Minhocal de pessoas, deserto de muitos eus.

IX.

O poema é antes de tudo um inutensílio.

Hora de iniciar algum  
convém se vestir roupa de trapo.

Há quem se jogue debaixo de carro  
nos primeiros instantes.

Faz bem uma janela aberta  
uma veia aberta.

Pra mim é uma coisa que serve de nada o poema  
enquanto vida houver.

Ninguém é pai de um poema sem morrer.

X.

Borboleta morre verde em seu olho sujo de pedra.  
O sapo é muito equilibrado pelas árvores.  
Dorme perante polens e floresce nos detritos.  
Apalpa bulbos com os seus dourados olhos.  
Come ovo de orvalho. Sabe que a lua

Tem gosto de vaga-lume para as margaridas.  
Precisa muito de sempre  
Passear no chão. Aprende antro e estrelas.  
(Tem dia o sapo anda estrelamente!)  
Moscas são muito predominadas por ele.  
Em seu couro a manhã é sanguínea.  
Espera as falenas escorado em caules de pedra.  
Limbo é seu entardecer.  
Tem cios verdejantes em sua estagnação.  
No rosto a memória de um peixe.  
De lama cria raízes e engole fiapos de sol.

XI.

coisinhas: osso de borboleta pedras  
com que as lavadeiras usam o rio  
pessoa adaptada à fome e o mar  
encostado em seus andrajos como um tordo!  
o hino da borra escova  
sem motor ACEITA-SE ENTULHO PARA O POEMA  
ferrugem de sol nas crianças raízes  
de escória na boca do poeta beira de rio  
que é uma coisa muito passarinhal! ruas  
entortadas de vaga-lumes  
traste de treze abas e seus favos empedrados  
de madeira sujeito com ar de escolhos inseto  
globoso de agosto árvore brotada  
sobre uma boca em ruínas  
retrato de sambixuga pomba estabelecida  
no galho de uma estrela! riacho com osso de fora  
coberto de aves pinicando

suas tripas e embostando de orvalho  
suas pedras indivíduo que pratica nuvens ACEITA-SE  
ENTULHO PARA O POEMA moço que tinha  
seu lado principal caindo água e o outro lado  
mais pequeno tocando larvas!  
rã de luaçal

## XII.

Os bens do poeta: um fazedor de inutilidades, um  
travador de amanhecer, *uma teologia do traste*, uma  
folha de assobiar, um alicate cremoso, uma escória  
de brilhantes, *um parafuso de veludo* e um lado  
primaveril

*Teologia do traste* – Manuscrito do mesmo nome,  
contendo 29 páginas, que foi encontrado nas ruínas  
de um coreto, na cidade de Corumbá, por certo  
ancião adaptado a pedras. Contou-nos o referido  
ancião, pessoa saudavelmente insana de poesia, que  
sobre as ruínas do coreto BROTAVAM ÁRVORES /  
OBRAVAM POBRES / MORAVAM SAPOS / TREPAVAM  
ERVAS / CANTAVAM PÁSSAROS. E que, ali, o  
cansação era muito desenvolvido, bem como o  
amarra-pinto e o guspe-de-taquarizano.

*Parafuso de veludo* – Artefato inventado no Maranhão,  
por volta de 1908, por um PORTA-ESTANDARTE que,  
após anunciar os seus inventos em praça pública,  
enrolava-se na Bandeira Nacional. (Segundo uma  
correspondência de Ismael Cardim.)



### XIII.

Depende a criatura para ter grandeza de sua  
infinita deserção.  
A gente é cria de frases!  
Escrever é cheio de casca e de pérola.  
Ai desde gema sou borra.  
Alegria é apanhar caracóis nas paredes bichadas!  
Coisa que não faz nome para explicar.  
Como a luz que vegeta na roupa do pássaro.

### XIV.

No chão, entre raízes de inseto, esma e cisca o sabiá.  
É um sabiá de terreiro.  
Até junto de casa, nos podres dos baldrames, vem  
apanhar grilos gordos.  
No remexer do cisco adquire experiência de restolho.  
Tem uma dimensão além de pássaro, ele!  
Talvez um desvio de poeta na voz.  
Influi na doçura de seu canto o gosto que pratica de  
ser uma pequena coisa infinita do chão.  
Nas fendas do insignificante ele procura grãos de sol.  
A essa vida em larvas que lateja debaixo das árvores o  
sabiá se entrega.  
Aqui desabrocham corolas de jias!  
Aqui apodrecem os voos.  
Sua pequena voz se umedece de ínfimos adornos.  
Seu canto é o próprio sol tocado na flauta!  
Serve de encosto pros corgos.  
Do barranco uma rã lhe entarda os olhos.  
Esse ente constrói o álares.

É intenso e gárrulo: como quem visse a aba verde das horas.

É ínvio e ardente o que o sabiá não diz.

E tem espessura de amor.

XV.

— Quem é sua poesia?

— Os nervos do entulho, como disse o poeta português José Gomes Ferreira

Um menino que obrava atrás de Cuiabá também

Mel de ostras

Palavras caídas no espinheiro parecem ser (para mim é muito importante que algumas palavras saiam tintas de espinheiro).

— Difícil de entender, me dizem, é sua poesia, o senhor concorda?

— Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito.

Eu escrevo com o corpo

Poesia não é para compreender mas para incorporar

Entender é parede: procure ser uma árvore.

— Pedras fazem versos? Pergunta de Fernando Pessoa.

— Ó Vassily Ordinov, irmão nosso, acaso ervas dão vinho?

E mosca de olho afastado dá flor?

Raiz de minha fala chama escombro

Meu olho perde as folhas quando a lesma

A gente comunga é sapo

Nossa maçã é que come Eva  
Estrela que tem firmamento  
Mas se estrela fosse brejo, eu brejava.

Natureza é fonte primordial?

— Três coisas importantes eu conheço: lugar  
apropriado para um homem ser folha; pássaro que se  
encontra em situação de água; e lagarto verde que  
canta de noite na árvore vermelha. Natureza é uma  
força que inunda como os desertos. Que me enche  
de flores, calores, insetos, e me entorpece até a  
paradeza total dos reatores  
Então eu apodreço para a poesia  
Em meu lavor se inclui o Paraclete.

— E o poema é seus fragmentos?

— É muito complicado dar ossos à água. Passei anos  
enganchado num pedaço de serrote na beira do rio  
Coxim. Veio uma formiguinha de tamanho médio,  
me carregou. Eu ia aos trancos como mala de louco.  
E não podia entender a razão pela qual aquela  
formiguinha, me carregando, não evitava os barrancos  
os buracos os abismos  
Me carregava obstinada para o seu formigueiro  
Ia comer o meu escroto!  
Nossa grandeza tem muito cisco  
Há mistérios nascendo por cima das palavras  
desordenadamente como bucha em tapera  
E moscas portadoras de rios.

— É de um ser inseguro a imagem plástica?

— Nos resíduos das primeiras falas  
eu cisco meu verso

A partir do inominado  
e do insignificante  
é que eu canto  
O som inaugural é tatibitate e vento  
Um verso se revela tanto mais concreto quanto seja  
seu criador coisa adejante  
(Coisa adejante, se infira, é o sujeito que se quebra  
até de encontro com uma palavra.)

— E sobre a palavra, ela?  
— Mexo com palavra  
como quem mexe com pimenta  
até vir sangue no órgão.

— Alguns dados biográficos?  
— O lajedo interior do poema me urde  
Por uma fresta saio hino e limos

— E como é que o senhor escreve?  
— Como se bronha  
E agora peço desculpas  
Estou arrumado para pedra.

GLOSSÁRIO DE TRANSNOMINAÇÕES EM  
QUE NÃO SE EXPLICAM ALGUMAS DELAS  
(NENHUMAS) OU MENOS

*Cisco, s.m.*

Pessoa esbarrada em raiz de parede  
Qualquer indivíduo adequado a lata  
Quem ouve zoadas de brenha. Chamou-se de  
O CISCO DE DEUS a São Francisco de Assis  
Diz-se também de homem numa sarjeta

*Poesia, s.f.*

Raiz de água larga no rosto da noite  
Produto de uma pessoa inclinada a antro  
Remanso que um riacho faz sob o caule da manhã  
Espécie de réstia espantada que sai pelas frinchas  
de um homem  
Designa também a armação de objetos lúdicos  
com emprego de palavras imagens cores sons etc.  
— geralmente feitos por crianças pessoas esquisitas  
loucos e bêbados

*Lesma, s.f.*

Semente molhada de caracol que se arrasta  
sobre as pedras deixando um caminho de gosma  
escrito com o corpo

Indivíduo que experimenta a lascívia do ínfimo  
Aquele que viça de líquenes no jardim

*Boca, s.f.*

Brasa verdejante que se usa em música  
Lugar de um arroio haver sol  
Espécie de orvalho cor de morango  
Ave-nêspera!  
Pequena abertura para o deserto

*Água, s.f.*

Da água é uma espécie de remanescente quem já  
incorreu ou incorre em concha  
Pessoas que ouvem com a boca no chão seus  
rumores dormidos pertencem das águas  
Se diz que no início eram somente elas  
Depois é que veio o murmúrio dos corgos para dar  
testemunho do nome de Deus

*Poeta, s.m. e f.*

Indivíduo que enxerga semente germinar e engole céu  
Espécie de um vazadouro para contradições  
Sabia com trevas  
Sujeito inviável: aberto aos desentendimentos como  
um rosto

*Inseto, s.m.*

Indivíduo com propensão a escória  
Pessoa que se adquire da umidade\*  
Barata pela qual alguém se vê

\* — *Eu te levanto da umidade, inseto!* Inectiva do folclore pantaneiro colhida por Leonardo Leite de Barros. (N. do A.)

Quem habita os próprios desvãos  
Aqueles a quem Deus gratificou com a sensualidade  
(vide Dostoiévski, *Os irmãos Karamazov*)

*Sol, s.m.*

Quem tira a roupa da manhã e acende o mar  
Quem assanha as formigas e os touros  
Diz-se que:  
se a mulher espiar o seu corpo num ribeiro  
florescido de sol, sazona  
Estar sol: o que a invenção de um verso contém

*Trapo, s.m.*

Pessoa que tendo passado muito trabalho e fome  
deambula com olhar de água suja no meio das ruínas  
Quem as aves preferem para fazer seus ninhos  
Diz-se também de quando um homem caminha para  
nada

*Pedra, s.f.*

Pequeno sítio árido em que o lagarto de pernas  
areentas medra (como à beira de um livro)  
Indivíduo que tem nas ruínas prosperantes de sua  
boca avidez de raiz  
Designa o fim das águas e o restolho a que o homem  
tende  
Lugar de uma pessoa haver musgo  
Palavra que certos poetas empregam para dar  
concretude à solidão

*Árvore, s.f.*

Gente que despeta  
Possessão de insetos

Aquilo que ensina de chão  
Diz-se de alguém com resina e falenas  
Algumas pessoas em quem o desejo  
é capaz de irromper sobre o lábio  
como se fosse a raiz de seu canto

*Apêndice:*

Olho é uma coisa que participa o silêncio dos outros  
Coisa é uma pessoa que termina como sílaba  
O chão é um ensino.



## EXERCÍCIOS CADOVEOS

O tempo dele era só para não fazer as mesmas coisas  
todos os dias

Quase passarinho arrumou casa no seu chapéu

Estava para pegar bicho no osso da bunda

Com pouco ele escorre uma resina

(Ainda não desceu da copa dos coqueiros, será?)

De noite come caroço de égua no cupim

Ai que vontade de encostar!

Se arruma por desvãos como os lagartos

Se propaga no sol

Macega invade seus domínios ele guspe

Coisa latente: aurora crisálida em cima de um ovo

Passarinho caga no seu olho nem xum

Marimbondo sanhara seu vulto põe língua

Ai abandono de cócoras! Esse bugre Aniceto quase

não para de pé como os cadarços mas usa um

instrumento de voar que prende nos cabelos como

os poetas

*Sete inutensílios de Aniceto\**

1. Moça estrangeira dava uma viradinha com o traseiro como se estivesse levando uma pedrada e tinha lá dentro dela um dente que aperta quem a cobre
2. — O senhor é nosso Padre?  
— Não senhor, eu sou o guspe dele a bosta dele  
Então ela passou o braço para abraçar a pessoa e não achou carne  
Perguntou:  
— Que é isso, passarinho?
3. O meu patrão a casa dele é como vidro  
a gente vê tudo lá dentro como quando amanheceu  
uma vez eu apreciei aquela minha patroa  
mexendo por dentro do quarto pelada  
com aquele seu organismo bem constituído!  
isso que me enlouqueceu
4. O homem deixou o filho num cisco e saiu de  
a pé comendo fruta no mato  
Tem certidão desse homem por tudo quanto  
é vereda  
Tem tapera e osso de caititu por tudo quanto  
é lugar

\* Estes inutensílios foram colhidos entre os Mitos Cadiuéus, narrados pelo professor Darcy Ribeiro. Resguardando-se petulância e distância, exercitou-se aqui a moda posta em prática por Eliot incorporando à sua obra versos de Shakespeare, Dante, Baudelaire. E o que fez um pouco James Joyce aproveitando-se de Homero. E ainda o que fez Homero aproveitando-se dos rapsodos gregos.

Ai pobres Cadoveos! Esse bugre Aniceto aí de cima é que vai perpetuar vocês? Nem xum. (N. do A.)

5. Todas as coisas têm serventia sinimbus arvoredos  
Você derruba os paus  
de noite os passarinhos não têm onde descansar
  
6. As Nações já tinham casa, máquina de fazer pano,  
de fazer enxada, fuzil etc.  
Foi uma criança mexeu na tampa do vento  
Isso que destelhou as Nações



## EXERCÍCIOS ADJETIVOS

### *Manhã-passarinho*

Uma casa terena de sol raiz no mato  
formiga preta minha estrela  
de asa aparada pedras  
verdejantes voz  
pelada de peixe dia  
de estar riachoso  
manhã-passarinho  
inclinada no rosto esticada  
até no lábio-lagartixa  
mosquito de hospício verruma  
para água arame de estender música  
sabão em zona erógena faca  
enterrada no tronco meu amor!  
esses barrancos ventados...  
e o porco celestial

### *Rolinhas casimiras*

Rolas  
pisam  
a manhã  
Lagartixas pastam  
o sobrado

Um leque de peixe abana o rio  
Meninos atrás de gralhas contraem piolhos de cerrado  
Um lagarto de pernas areentas  
medra na beira de um livro  
Adeus rolinhas casimiras!  
O poeta descerra um cardume de nuvens  
A estrada se abre como um pertence

*Vermelhas trevas*

O veneno ingerido pela mosca deixa  
a curta raiz de sua existência  
exposta às vermelhas trevas

*Silêncio rubro*

Crista de silêncio rubro, o galo  
com frisos gelados de adaga no bico  
madruga as veredas batidas

*Modos ávidos*

Os modos ávidos de um caracol subir  
a uma parede com nódoas de idade e chuvas  
é como viajar à nascente dos insetos

*Visgo tátil*

O visgo tátil do canto é como  
a aranha que urde sua doce alfombra  
nas orvalhadas vaginas das violetas

*Os caramujos-flores*

Os caramujos-flores são um ramo de caramujos que  
só saem de noite para passear  
De preferência procuram paredes sujas onde se  
pregam e se pastam  
Não sabemos ao certo, aliás, se pastam eles essas  
paredes ou se são por elas pastados  
Provavelmente se compensem  
Paredes e caramujos se entendem por devaneios  
Difícil imaginar uma devoração mútua  
Antes diria que usam de uma transubstanciação:  
paredes emprestam seu musgo aos caramujos-flores  
e os caramujos-flores às paredes sua gosma  
Assim desabrocham como os bestegos

*Linha avelã*

A linha avelã de um pêssigo  
e o lado núbil de um canto  
são como a aurora gotejante de uma semente líquida

*Imarcescível puta*

A imarcescível puta preta  
que me arrastou na adolescência  
me ensaruou de sua concha





## ARRANJOS PARA ASSOPIO

### SUJEITO

Usava um Dicionário do Ordinário  
com 11 palavras de joelhos  
inclusive bestego. Posava de esterco  
para 13 adjetivos familiares,  
inclusive bêbado.  
Ia entre azul e sarjetas.  
Tinha a voz de chão podre.  
Tocava a fome a 12 bocas.  
E achava mais importante fundar um verso  
do que uma Usina Atômica!  
Era um sujeito ordinário.

### VISITA

Na cela de Pedro Norato, 23 anos de reclusão,  
a morte sesteava de pernas abertas...  
Dentre grades se alga, ele!  
Tem o sono praguejado de coxas.  
Contou que achara a mulher dentro de um pote e a  
bebeu.  
Sem amor é que encontramos com Deus — me diz.  
O mundo não é perfeito como um cavalo — me diz.

Vê trinos de água nos relógios.  
E para moscas bate continência.

Eu volto de sarjeta para casa.

#### OFERTA

Arcado ser —  
eu sou o apogeu do chão. Deixa passar o meu  
estorvo o meu trevo a minha corcova  
Senhor!  
(este assobio vai para todas as pessoas pertencidas  
pelos antros)

#### O PULO

Estrela foi se arrastando no chão deu no sapo  
sapo ficou teso de flor!  
e pulou o silêncio

#### SERVIÇOS

Catar um por um os espinhos da água  
restaurar nos homens uma telha de menos  
respeitar e amar o puro traste em flor

# LIVRO DE PRÉ-COISAS

Roteiro para uma  
excursão poética no Pantanal



## PONTO DE PARTIDA

### ANÚNCIO

Este não é um livro *sobre* o Pantanal. Seria antes uma anúncio. Enunciados como que constativos. Manchas. Nódos de imagens. Festejos de linguagem.

Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos. E há pregos primaveris...

(Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que eles brotem nas primaveras... Isso é fazer natureza. Transfazer.)

Essas pré-coisas de poesia.

### NARRADOR APRESENTA SUA TERRA NATAL

Corumbá estava amanhecendo.

Nenhum galo se arriscara ainda.

Ia o silêncio pelas ruas carregando um bêbedo.

Os ventos se escoravam nas andorinhas.

Aqui é o Portão de Entrada para o Pantanal.

Estamos por cima de uma pedra branca enorme que o rio Paraguai, lá embaixo, borda e lambe.

Já posso ver na semiescuridão os canoieiros que  
voltam da pescaria.  
Descendo a Ladeira Cunha e Cruz embico no Porto.  
Aqui é a cidade velha.  
O tempo e as águas esculpem escombros nos  
sobrados anciãos.  
Desenham formas de larvas sobre as paredes podres  
(são trabalhos que se fazem com rupturas — como  
um poema).  
Arbustos de espinhos com florimentos vermelhos  
desabrem nas pedras.  
As ruínas dão árvores!  
Nossos sobrados enfrutam.  
Aqui nenhuma espécie de árvore se nega ao gorjeio  
dos pássaros.  
Agora o rio Paraguai está banhado de sol.  
Lentamente vão descendo as garças para as margens  
do rio.  
As águas estão esticadas de rãs até os joelhos.  
Há um rumor de útero nos brejos que muito me  
repercuta.  
O que temos na cidade além de águas e de pedras  
são cuiabanos, papa-bananas, chiquitanos e turcos.  
Por mim, advenho de cuiabanos.  
Meu pai jogou canga pra cima no primeiro  
escrutínio e fugiu para cá.  
Estamos no zamboada.  
Aqui o silêncio rende.  
Os homens deste lugar são mais relativos a águas do  
que a terras.  
Há sapos vegetais que dão cria nas pedras.  
As pessoas são cheias de prenúncios: chegam de ver  
pregos nadar e bugio pedir a bênção.

Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce  
por dentro deles um desejo de árvores e aves.  
Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o  
verdor primal das águas com as vozes civilizadas.  
Agora a cidade entardece.  
Parece uma gema de ovo o nosso por do sol do lado  
da Bolívia.  
Se é tempo de chover desce um barrado escuro por  
toda a extensão dos Andes  
e tampa a gema.  
— Aquele morro bem que entorta a bunda da  
paisagem — o menino falou.  
Há vestígios de nossos cantos nas conchas destes  
banhados.  
Os homens deste lugar são uma continuação das  
águas.

#### EM QUE O NARRADOR VIAJA DE LANCHA AO ENCONTRO DE SEU PERSONAGEM

Deixamos Corumbá tardeando.

Empeixado e cor de chumbo, o rio Paraguai flui  
entre árvores com sono...

— Onze horas em lombo de água!

A lancha atracou com escuro. Um homem apareceu no barranco, erguendo um farol, e deu boa-noite. Jogaram uma prancha na praia. Por ela desceram passageiros e cargas. Aqui neste lugar, mosquito derruba gente da rede — alguém informou. Noto que o ermo tem boca.

Na outra margem do rio uma casa acendeu. Dois galos ensaiaram. O farol que estava na mão do homem

apagou. A lancha apitou despedida. O Porto de Manga está amanhecendo.

Vem um cheiro de currais por perto. Posso ver uma casa nascendo. E um menino recolhendo vacas na semiescuridão.

— Moça foi no mato fazer.

Já diviso um solapão de lontras. Cardeais cruzam os barrancos...

.....

Chegam de carro de bois Pocito e Nhá Velina Cuê. Pocito descanga os bois.

— Arruma, Graveto! Separa, Vegetal!

Pocito relenga.

— Boi que amansa amanhece na canga, meu amo. Animal que dá pelo, bentevi caga nele. Bão é pão chão e vão. Ruim é gordura de caramujo e onça ferventada. Oive de mi, xará. Quem não ouve conselho, conselho ouve ele.

Provo as delícias de uma cobra assada que me oferece Nhá Velina. Depois comeremos siputá.

— Este é o portão da Nhecolândia, entrada pioneira para o Pantanal.

Insetos compostos de paisagem se esfarinham na luz. Os cardeais recomeçam...

Suspensas

sobre o sabão das lavadeiras, miúdas

borboletas amarelas:

— Buquê de rosas trêfegas...



## CENÁRIOS

### UM RIO DESBOCADO

Definitivo, cabal, nunca há de ser este rio Taquari. Cheio de furos pelos lados, torneiral — ele derrama e destramela à toa.

Só com uma tromba-d'água se engravida. E empacha. Estoura. Arromba. Carrega barrancos. Cria bocas enormes. Vaza por elas. Cava e recava novos leitos. E destampa adoidado...

Cavalo que desembesta. Se empolga. Escouceia árdego de sol e cio. Esfrega o rosto na escória. E invade, em estendal imprevisível, as terras do Pantanal.

Depois se espraia amoroso, libidinoso animal de água, abraçando e cheirando a terra fêmea.

Agora madura nos campos sossegado. Está sesteando debaixo das árvores. Se entorna preguiçosamente e inventa novas margens. Por várzeas e boqueirões passeia manheiro. Erra pelos cerrados. Prefere os deslimites do vago, o campinal dos lobinhos.

E vai empurrando, através dos corixos, baías e largos, suas águas vadias.

Estanca por vezes nos currais e pomares de algumas fazendas. Descansa uns dias debaixo das pimenteiras, dos landis, dos guanandis — que agradecem.

De tarde à sombra dos cambarás pacus comem frutas.

Meninos pescam das varandas da casa.

Com pouco, esse rio se entedia de tanta planura, de tanta lonjura, de tanta grandura — volta para sua caixa. Deu força para as raízes. Alargou, aprofundou alguns braços ressecos. Enxertou suas areias. Fez brotar sua flora. Alegrou sua fauna. Mas deixou no Pantanal um pouco de seus peixes.

E emprenhou de seu limo, seus lanhos, seu húmus — o solo do Pantanal.

Faz isso todos os anos, como se fosse uma obrigação.

Tão necessário, pelo que tem de fecundante e renovador, esse rio Taquari, desbocado e malcomportado, é temido também pelos seus ribeirinhos.

Pois, se livra das pragas nossos campos, também leva parte de nossos rebanhos.

Este é um rio cujos estragos compõem.

## AGROVAL

*... onde pululam vermes de animais e plantas e subjaz um erotismo criador genésico.*

M. CAVALCANTI PROENÇA

Por vezes, nas proximidades dos brejos ressecos, se encontram arraías enterradas. Quando as águas encurtam nos brejos, a arraia escolhe uma terra propícia, pousa sobre ela como um disco, abre com as suas asas uma cama, faz chão úbere por baixo — e se enterra. Ali vai passar o período da seca. Parece uma roda de carreta adernada.

Com pouco, por baixo de suas abas, lateja um agroval de vermes, cascudos, girinos e tantas espécies de

insetos e parasitas, que procuram o sítio como um ventre.

Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. A troca de linfas, de reima, de rúmen que ali se instaura é como um grande tumor que lateja.

Faz-se debaixo da arraia a miniatura de um brejo. A vida que germinava no brejo transfere-se para o grande ventre preparado pela matrona arraia. É o próprio gromel dos cascudos!

Penso na troca de favores que se estabelece; no mutualismo; no amparo que as espécies se dão. Nas descargas de ajudas; no equilíbrio que ali se completa entre os rascunhos de vida dos seres minúsculos. Entre os corpos truncados. As teias ainda sem aranha. Os olhos ainda sem luz. As penas sem movimento. Os remendos de vermes. Os bulbos de cobras. Arquétipos de carunchos.

Penso nos embriões dos atos. Uma boca disforme de rapa-canua que começa a querer se grudar nas coisas. Rudimentos rombudos de um olho de árvore. Os indícios de ínfimas sociedades. Os liames primordiais entre paredes e lesmas. Também os germes das primeiras ideias de uma convivência entre lagartos e pedras. O embrião de um muçum sem estames, que renega ter asas. Antepassados de antúrios e borboletas que procuram uma nesga de sol.

Penso num comércio de frisos e de asas, de sucos de sêmen e de pólen, de mudas de escamas, de pus e de sementes. Um comércio de cios e cantos virtuais; de gosma e de lêndeas; de cheiro de íncolas e de rios cortados. Comércio de pequenas jias e suas conas redondas. Inacabados orifícios de tênias implumes. Um co-

mércio corcunda de armaus e de traças; de folhas recolhidas por formigas; de orelhas-de-pau ainda em larva. Comércio de hermafroditas de instintos adesivos. As veias rasgadas de um escuro besouro. O sapo rejeitando sua infame cauda. Um comércio de anéis de escorpiões e sementes de peixe.

E ao cabo de três meses de trocas e infusões — a chuva começa a descer. E a arraia vai levantar-se. Seu corpo deu sangue e bebeu. Na carne ainda está embutido o fedor de um carrapato. De novo ela caminha para os brejos refertos. Girinos pretos de rabinhos e olhos de feto fugiram do grande útero, e agora já fervem nas águas das chuvas.

É a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza. Uma festa de insetos e aves no brejo!

#### VESPRAL DE CHUVA

Nem folha se move de árvore. Nenhum vento. Nessa hora até anta quer sombrear. Peru derrubou a crista. Ruminam algumas reses, deitadas na aba do mato. Cachorro produziu chão fresco na beira do rancho e deitou-se. Arichiguana foi dormir na serra. Rãs se ajuntam detrás do pote. Galinhas abrem o bico. Frango-d'água vai sestear no sarã. O zinco do galpão estala de sol. Pula o cançã na areia quente. Jaracambeva encurta o veneno. Baratas escondem filhotes albinos. E a voz de certos peixes fica azul.

Faz muito calor durante o dia. Sobre a tarde cigarras destarraxam. De noite ninguém consegue parar.

Chuva que anda por vir está se arrumando no bojo das nuvens. Passarinho já compreendeu, está quieto no galho. Os bichos de luz assanharam. Mariposas cobrem as lâmpadas. Entram na roupa. Batem tontas nos móveis. Suor escorre no rosto.

Todos sentem um pouco na pele os prelúdios da chuva. Um homem foi recolher a carne estendida no tempo — e na volta falou: — Do lado da Bolívia tem um barrado preto. Hoje ele chove!

No oco do acurizeiro o grosso canto do sapo é contínuo. Aranhas-caranguejeiras desde ontem aparecem de todo lado. Dão ares que saem do fundo da terra.

Formigas de roseiras dormem nuas. Lua e árvore se estudam de noite.

Por dentro da alma das árvores, orelha-de-pau está se preparando para nascer. Todo vivente se assanha. Até o inseto de estrume está se virando. Se ouve bem de perto o assobio dos bugios na orla do cerrado. Cupins estão levantando andaimes. Camaleão anda de farda.

O homem foi reparar se as janelas estão fechadas. Mulheres cobrem espelhos. Se sente por baixo do pomar o assanhamento das porcas. Em véspera de chuva o cio das porcas se afrouxa. Como os areais.

Lobinho veio de noite até perto do galinheiro e fugiu. Relâmpagos mostram cavalos dormindo, em pé, sob os ingazeiros. Mostraram também os lobinhos.

Tudo está preparado para a vinda das águas. Tem uma festa secreta na alma dos seres. O homem nos seus refolhos presente o desabrochar.

Caem os primeiros pingos. Perfume de terra molhada invade a fazenda. O jardim está pensando... Em florescer.

## MUNDO RENOVADO

No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.

Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.

O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai garoto pelo piquete com olho de descobrir. Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas sem nome sem esquinas.

Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos! Há um referver de insetos por baixo da casca úmida das mangueiras.

Alegria é de manhã ter chovido de noite! As chuvas encharcaram tudo. Os baguaris e os caramujos tortos. As chuvas encharcaram os cerrados até os pentelhos. Lagartos espaceiam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam. Biguás engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. Os bulbos das lixeiras estão ensanguentados. E os ventos se vão apodrecer!

Até as pessoas sem eira nem vaca se alegram. E as éguas irrompem no cio os limites do pátio. Um cheiro de ariticum maduro penetra as crianças. Fugiram dos buracos cheios de água os ofídios lisos. E entraram debaixo dos fogões de lenha. Os meninos descobrem de mudança formigas-carregadeiras. Cupins constroem seus túneis. E há os bentevis-cartolas nos pirizeiros de asas abertas.

Um pouco do pasto ficou dentro d'água. Lá longe, em cima da peúva, o ninho do tuiuiú, ensopado. Aquele ninho fotogênico cheio de filhotes com frio!

A pelagem do gado está limpa. A alma do fazendeiro está limpa. O roceiro está alegre na roça, porque sua planta está salva. Pequenos caracóis pregam saliva nas roseiras. E a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde.

### CARRETA PANTANEIRA

As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem.

Dez anos de seca tivemos. Só trator navegando, de estádão, pelos campos.

Encostou-se a carreta de bois debaixo de um pé de pau. Cordas, brochas, tiradeiras — com as chuvas, melaram. Dos canzís, por preguiça, alguns faziam cabos de reio. Outros usavam para desemendar cachorro. Os bois, desprezados, iam engordando nos pastos. Até que os donos, não resistindo tanta gordura, os mandavam pro açougue. Fazendeiro houve, aquele um, que, havendo de passear pela Europa, enviou bilhete ao gerente: “Venda carreta, bois do carro, cangas de boi”.

À sombra do pé de pau a carreta se entupia de cupim. A mesa, coberta de folha e limos, se desmanchava, apodrecente. Chegaram a tirar mel na cambota de uma. Cozinheiros de comitiva, acampados debaixo da carreta, chegavam de usar o cabeçalho para tirar gravetos. Enchia-se o rodado de pequenas larvas, que ali se reproduziam, quentes. Debaixo da carreta, no

chão fresco, os buracos na areia, para onde os cachorros e os perus velhos corriam fugindo do sol. E a carreta ia se enterrando no chão, se desmanchando, desaparecendo.

Isso fez que o rapaz, vindo de fora pescar, lembrasse a teoria do Pantanal estático. Falava que no Pantanal as coisas não acontecem através de movimentos, mas sim do não movimento.

A carreta pois para ele desaconteceu apenas. Como haver uma cobra troncha.

## LIDES DE CAMPEAR

Na *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, vou buscar uma definição de pantaneiro: “Diz-se de, ou aquele que trabalha pouco, passando o tempo a conversar”.

Passando o tempo a conversar pode que se ajuste a um lado da verdade; não sendo inteira verdade. Trabalha pouco, vírgula.

Natureza do trabalho determina muito. Pois sendo a lida nossa de a cavalo, é sempre um destampo de boca. Sempre um desafiar. Um porfiar inerente. Como faz o bacurau.

No conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, às vezes de dias inteiros — é no uso de cantos e recontos que o pantaneiro encontra o seu ser. Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação.

Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lem-



branças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites.

Certo é que o pantaneiro vence o seu estar isolado, e o seu pequeno mundo de conhecimentos, e o seu pouco vocabulário — recorrendo às imagens e brincadeiras.

Assim, o peão de culatra é bago-de-porco — porque vem por detrás. Pessoa grisalha é cabeça de paina. Cavalos corredor é estufador de blusa. Etc. etc.

Sente-se pois então que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado quase, e suas referências vegetais, animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. O velho quase-animismo.

Mas na hora do pega-pra-capar, pantaneiro puxa na força, por igual. No lampino do sol ou no zero do frio.

Erroso é pois incutir que pantaneiro pouco trabalha. Ocorre que enxertar a vaca a gente não pode ainda. Esse lugar é difícil de se exercer pelo touro. Embora alguns o tentem.

Vaca não aceita outro que não seja touro mesmo. O jeito é ficar reparando a cobertura e contando mais um bezerro daquele ato.

Só por isso se diz que o boi cria o pantaneiro.

## NOS PRIMÓRDIOS

Era só água e sol de primeiro este recanto. Meninos cangavam sapos. Brincavam de primo com prima. Tor-do ensinava o brinquedo “primo com prima não faz

mal: finca finca”. Não havia instrumento musical. Os homens tocavam gado. As coisas ainda inominadas. Como no começo dos tempos.

Logo se fez a piranha. Em seguida os domingos e feriados. Depois os cuiabanos e os beira-corgos. Por fim o cavalo e o anta batizado.

Nem precisaram dizer cresci e multipliquei. Pois já se faziam filhos e piadas com muita animosidade.

Conhecimentos vinham por infusão pelo faro dos bugres pelos mascates.

O homem havia sido posto ali nos inícios para campear e hortar. Porém só pensava em lombo de cavalo. De forma que só campeava e não hortava.

Daí que campear se fez de preferência por ser atividade livre e andeja. Enquanto que hortar prendia o ente no cabo da enxada. O que não era bom.

No começo contudo enxada teve seu lugar. Prestava para o peão encostar-se nela a fim de prover seu cigarinho de palha. Depois, com o desaparecimento do cigarro de palha, constatou-se a inutilidade das enxadas.

— O homem tinha mais o que não fazer!

Foi muito soberano mesmo no começo dos tempos este cortado. Burro não entrava em seus pastos. Só porque *burro não pega perto*.\* Porém já hoje há quem trate os burros como cavalo. O que é uma distinção.

\* *Burro não pega perto* é expressão pantaneira. Nas lides de campear o pantaneiro usa o cavalo, que é veloz e alcança a rês desgarrada rapidamente. O cavalo pega perto. Mas o burro, não sendo veloz, alcança longe a rês desgarrada. Por isso se diz que o *burro não pega perto*. (N. do A.)

## O PERSONAGEM

### 1. NO PRESENTE

Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era. Veio de longe com a sua pré-história. Resíduos de um Cuiabá-garimpo, com velas rampadas e crianças papudas, assistiram seu nascimento.

Agora faz rastros neste terreiro. Repositório de chuva e bosta de ave é seu chapéu. Sementes de capim, algumas, abrem-se de suas unhas, onde o bicho-de-porco entrou cresceu e já voou de asa e ferramentas.

De dentro de seus cabelos, onde guarda seu fumo, seus cacos de vidro, seus espelinhos — nascem pregos primaveris!

Não sabe se as vestes apodrecem no corpo senão quando elas apodrecem.

É muito apoderado pelo chão esse Bernardo. Seu instinto seu faro animal vão na frente. No centro do escuro se espriam.

Foi resolvida em língua de folha e de escama, sua voz quase inaudível. É que tem uma caverna de pássaros dentro de sua garganta escura e abortada.

Com bichos de escama conversa. Ouve de longe a botação de um ovo de jacarua. Sonda com olho gordo de hulha quando o sáurio amolece a oveira. Escuta o ente germinar ali ainda implume dentro do ventre. Os

embriões do ovo ele vislumbra prazenteiro. Ri como fumaça. Seu maior infinito!

Quando o corpo do sáurio se espicha no areão, a fim de delivrar-se, Bernardo se ilumina. Pequena luzerna no pavio de seu olho brandeia. A jacaroeira e ele se miram imaculados. A própria ovura!

Passarinhos do mato bentevi João-Ferreira sentam no ombro desse bandarria para catar imundícia orvalho insetos.

Só dá de banda.

Nos fundos da cozinha onde se jogam latas de vermes ávidos, lesma e ele se comprazem. Teias o alcançam. Lagartas recortam seu dólmã verdoso. Formigas fazem-lhe estradas...

Unge com olho as formigas.

No pátio cachorro acua ele. (Pessoas com ar de que-lônio cachorro descompreende.) Galinhas bicoram seu casco.

Mal desenxerga.

(Nem mosca nem pedrada desviam ele de ser obscuro.)

Bernardo está pronto a poema. Passa um rio gorgueado por perto. Com as mãos aplaina as águas.

Deus abrange ele.

## 2. NO SERVIÇO (voz interior)

O que eu faço é servicinho à toa. Sem nome nem dente. Como passarinho à toa. O mesmo que ir puxando uma lata vazia o dia inteiro até de noite por cima da terra. Mesmo que um caranguejo se arrastando pelo barranco à procura de água vem um boi e afasta o rio

dele com as patas para sempre. O que eu ajo é tarefa desnobre. Coisa de nove nove fora: teriscos, nhamenham, de-réis, niilidades, oco, borra, bosta de pato que não serve nem pra esterco. Essas descoisas: moscas de conas redondas, casulos de cabelo. Servicinho de pessoa Quarta-Feira que sai carregando uma perniha de formiga dia de festa. De modo que existe um cerco de insignificâncias em torno de mim: atonal e invisível. Afora pastorear borboletas, ajeito éguas pra jumento, ensino papagaio fumar, assobio com o subaco. Serviço sem volume nem olho: ovo de vespa no arame. Tudo coisinhas sem veia nem laia. Sem substantivo próprio. Perna de inseto, osso de morcego, tripa de lambari. Serviço com natureza vil de ranho. Tudo sem pé nem cunhado. Tem hora eu ajunto ciscos debaixo das portas onde encontro escamas de pessoas que morreram de lado. Meu trabalho é cheio de nó pelas costas. Tenho de transfazer natureza. À força de nudez o ser inventa. Água recolhendo-se de um peixe. Ou, quando estrelas relvam nos brejos. No meu serviço eu cuido de tudo quanto é mais desnecessário nessa fazenda. Cada ovo de formiga que alimenta a ferrugem dos pregos eu tenho de recolher com cuidado. Arrumo paredes esverdeadas pros caramujos foderem. Separo os lagartos com indícios de água dos lagartos com indícios de pedra. Cuido das larvas tortas. Tenho de ter em conta o limo e o ermo. Dou comida pra porco. Desencilho harpa dos brejos. Barro meu terreiro. Sou objeto de roseiras. Cuido dos súcubos e dos narcisos. E quando cessa o rumor das violetas desabro. Derrubo folhas de tarde. E de noite empredreço. Amo desse trabalho. Todos os seres daqui têm fundo eterno.

### 3. NO TEMPO DE ANDARILHO

Prospera pouco no Pantanal o andarilho. Seis meses, durante a seca, anda. Remói caminhos e descaminhos. Abastece de perna as distâncias. E, quando as estradas somem, cobertas por águas, arrancha.

O andarilho é um antipiqueteiro por vocação. Ninguém o embuçala. Não tem nome nem relógio. Vagabundear é virtude atuante para ele. Nem é um idiota programado, como nós. O próprio esmo é que o erra.

Chega em geral com escuro. Não salva os moradores do lugar. Menos por deseducado. Senão que por alheamento e fastio.

Abeira-se do galpão, mais dois cachorros, magros, pede comida, e se recolhe em sua vasilha de dormir, armada no tempo.

Cedo, pela magrez dos cachorros que estão medindo o pátio, toda a fazenda sabe que Bernardão chegou. “Venho do oco do mundo. Vou para o oco do mundo.” É a única coisa que ele adianta. O que não adianta.

Tem sempre um ar altivo de quem vê pedra nadando, esse Bernardão. Não aceita brincadeiras. Não monta no porco. É coisa indefinida. Igual um caramujo irrigado. Anda na terra como quem desabrocha. E não inventa remédios para ficar mais inteiro.

Enquanto as águas não descem e as estradas não se mostram, Bernardo trabalha pela boia. Claro que resmunga. Está com raiva de quem inventou a enxada. E vai assustando o mato como um feiticeiro.

Os *hippies* o imitam por todo o mundo. Não faz entretanto brasão de seu pioneirismo. Isso de entortar pente no cabelo intratável ele pratica de velho. A ade-

são pura à natureza e a inocência nasceram com ele. Sabe plantas e peixes mais que os santos.

Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopeia do consumismo.

Porque já desde nada, o grande luxo de Bernardo é ser ninguém. Por fora é um galalau. Por dentro não arredou de criança. É ser que não conhece ter. Tanto que inveja não se acopla nele.

#### 4. UM AMIGO

Vê-se que não comeu sebo de égua o cágado. À procura de água, desce o cerrado, no pino do sol, tardoso e raro. É o próprio esquisitão que aprendeu paciência sem cartilha. O ínvio nato. O antióbvio.

Está ali esse pobre-diabo. Desmancha cem anos, dizem, no seu desviver. Pois o suco do amor até hoje ninguém viu escorrer de seus lábios. Não tem lábios nem artes. Penso no seco do verde quando o encontro. Dá-me a impressão de alguém obscuro que vem de lugar nenhum e vai para nada todos os dias. E penso na voz de chão podre que tem nos seus abismos.

Seu jeito de andar é de quem está chegando de um bueiro. Há sempre sinais de incêndios e de limos na sua casca loteada. E um crespo ardor de chuvas extintas.

Está aí esse indivíduo cágado. Sem poder criar raízes sobre nada. Seu corpo não conhece o espojar-se na terra e nem o frescor das águas. Toma banho de casca

e tudo. A mim me parece um castigo alguém não conhecer na carne o frescor de águas correntes.

É cheio de vestígios do começo do mundo, por isso nos parece inacabado. Mas quando metade da terra estava por decidir se seria de pedra ou de água — já estava decidida a sua desforma. E quando ainda ninguém ousava de prever se o inseto nasceria de uma planta ou de uma larva — já ele estava deformado e pronto. O cágado é pois uma coisa sem margens; feio por igual; feio sem defeito.

Só quando acha no cerrado um ninho de pitangas, exulta-se o cágado. E se nos paus apodrecidos um coró abre para ele suas folhas brancas — aí dança de lado. E deita o pescoço para fora. E sente os odores do sol.

Agora está aí o pobre cágado. Alguém o trouxe do campo e o largou no quintal, em volta da cozinha, no chão rico de restos de comida e crianças.

No começo os meninos suspenderam o fôlego. Ficaram de longe cubando. Veio a galinha xereta, arrastou asa, mexericou com as outras, arriscou uma bicada no casco, e saiu ciscando como se visse macaco venéreo.

Depois o cachorro, cauto, cheirou o indefinido e foi deitar-se, de guarda. Papagaio espiou e saiu andando de lado. Papagaio quando anda de lado examina. Um garoto estava de cócoras defronte da janelinha do cágado e via a cabeça mover-se obscena.

Logo porém se acostumaram todos. O cágado já comia folhas de alface. E os meninos começaram a montar.

Só não conseguiram apertar a chinchal!



## 5. NA MOCIDADE, FEITO LOBISOMEM

Pantanal é muito propício a assombrações. Principalmente lobisomens, que são uma espécie de assombração que bebe leite.

Houve quem tenha visto até lobisomem de chinelo. Vento que sopra na folha do rancho pode que seja. Passos no quarto da moça, imitando com passo de gente, já ouvi chamar de lobisomem. Parente de viúva aparece muito de noite. Pede mingau, pede vela e se vai. Às vezes até pede para a viúva acompanhá-lo do outro lado do mato, a fim que não fique extraviado o errante por esses cerradões de três pelos.

Outros são de rondar cozinha (Bernardão era). Rogam tições pras cozinheiras. Conversam de cunhado e acabam tomando cafezinho arretado.

Tem gente que não conhece lobisomem de vista. É muito difícil mesmo. Houve quem enviasse bilhete em pescoço de cachorro marcando encontro na hora que a lua tiver arta. Fazem caprichos.

São mansos de coçar entretanto esses lobisomens. Explicam bem o avesso: ou, aliás, isto é: não se explicam. Andam ora de joelhos, como quatis baleados, ora mancam. Nas estradas, de noite, por disfarce, até mijam pra trás, mulhermente. Dizem que falam fanho, se chamam de cunhados e se fedem. Pulam na grama de pés juntos como as locustas. São entes muito hábeis. Os escuros conhecem de apalpos. Têm os olhos desúteis.

Pantanal tem muitos veios para esses indumentos. Quem termina de inteirar cem anos vira serepente. Foi o caso de uma velha Honória. Outubro ela sumiu de casa e tardou comprido. Dezembro apareceu de esca-

mas na beira da vazante. Estava pisada na cacunda e os joelhos criaram cascão de tanto andar no tijuco. A língua muito fininha, ofídica, assoprava agora como no tempo de pegar a arca de Noé. Mesmo até raios de sol às vezes nela tremblavam. Hora teve que não se podia mais dizer se era ave estrupício ou peixe-cachorro.

Bernardo, de tarde, o filho mais velho, levava farofa pra velha, e fósforo. Fazia mozza era ver como passeava sozinha, no meio das capivaras, de cola erguida.

Heróis gregos viravam de rochas de anêmonas de água — frequentemente. Porém desviravam logo, ao primeiro gesto de amor.

Velha Honória parece que não pretende desvirar. Nem que a chamem de *darling*.

Ama de andar na beira da vazante todas as noites com ar de serepente aberta. Irmã de lobisomens. Cruza de urubu com porca.

## 6. RETRATO DE IRMÃO

Era um ente irresolvido entre vergôntea e lagarto. Tor-dos que externam desterro sentavam nele. Sua voz era curva pela forma escura da boca. (Voz de sôtão com baratas luminosas.) Dava sempre a impressão que estivesse saindo de um bueiro cheio de estátuas. — Confor-me o viver de um homem, seu ermo cede — ensinava. Era a cara de um lepidóptero de pedra. E tinha um modo de lua entrar em casa.

Deixou-nos um *TRATADO DE METAMORFOSES* cuja Parte XIX, *Livro de pré-coisas*, transcrevemos.

## LIVRO DE PRÉ-COISAS

*Tudo, pois, que rasteja partilha da terra.*

HERÁCLITO

Andava atrás das casas, como um corgo urbano,  
entre latas podres e rãs.

•

Sorna lagarta curta recorta a roupa de um osso.

•

Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem.

•

Se no tranco do vento a lesma treme,  
no que sou de parede a mesma prega;  
se no fundo da concha a lesma freme,  
aos refolhos da carne ela se agrega;  
se nas abas da noite a lesma treva,  
no que em mim jaz de escuro ela se trava;  
se no meio da náusea a lesma gosma,  
no que sofro de musgo a cuja lasma;  
se no vinco da folha a lesma escuma,  
nas calçadas do poema a vaca empluma!

•

Vaga-lumes driblam a treva.

•

Esse jarro aromal e seus vermes cor de vinho!  
(A avidez do obscuro é que me estorva.)

•

Os rios começam a dormir pela orla.

•

Pois o que disse Joyce foi que o arame farpado  
quem inventou foi uma freira, para amarrar na  
cintura dela quando viesse a tentação.

•

Essa abulia vegetal sapal pedral — não será de  
ele ter sido ontem árvore?

•

Um canteiro de larvas estrábicas, o brejo.

•

Baratas glabras se fedem nas dobras.

•

Restolho tem mais força do que o tronco. Isso é  
uma desteoria que ele usava. Depois: *Viva a as-  
censão do restolho!* (Palavras de Chico Miranda.)

•

Sapo nu tem voz de arauto.

•

*O peixe-cachorro*

Era um peixe esquisito pra cachorro:  
Cruza de lobisomem com tapera?  
Filho de jacaré com cobra-d'água? Ou  
Simplesmente cachorro de indumentos?

Era muito esquisito para peixe  
E pra cachorro lhe faltava andaime.  
Uma feição com boca de curimba  
E o traseiro arrumado para entrega.

Se peixe, o rabo empresta ao liso campo  
Um andar de moreia atravancada.  
Sendo cachorro não arranca a espada?

Difícil de aceitar esse estrupício  
Como um peixe; ainda que nade.  
Pra cachorro não cabe no possível.

•

Flores engordadas nos detritos até falam!

•

Sapos com rio atrás de casa atraem borboletas  
amarelas.

•

— Eu briguei *naquele* menino com uma pe-  
dra... Crianças desescrevem a língua. Arrombam  
as gramáticas. (Como um cálice lilás de beco!)

•

Os grilos de olhos sujos se criam nos armazéns.

•

Bicho acostumado na toca encega com estrela.

•

Eu havia de pedir desculpas sobre a esperança.  
Olhares que pesavam malvas. Esterco fumegante.  
O sangue escuro como um corte ácido no  
vaso de uma rês. Tudo me perturbava. E mais  
abaixo, sobre o estrado da cama, aquele cheiro  
de sol na boca atormentada de uma fêmea.

•

Ovo de lobisomem não tem gema.

•

Lagarto apressado atravessa o terreiro. Olho  
de angu.

•

No garfo da árvore seca uma casa de amassa-  
barro! Ele edifica com lama. A gula do podre  
influi em seus traços. Porém. No que edifica o  
sol tem raios túrgidos.

•

No lodo, apura o estilo, o sapo.

•

Ermo se toca em sanfona.

•

Raiz de caracol, no lodo, dilui-se.

•

Se tem pacu no rio, de manhã desventa.

•

Cortázar conta que quando alguma expressão lhe queria sujar, ele a camuflava. Assim: *espectador ativo* virou *Hespectador Hativo*. Com essas vestimentas de HH, aquele lugar-comum não lhe sujava mais.

•

Marandovás me ensinam, com seu corpo de sanfona, a andar em telhas.

•

Formiga de bunda principal em pé de fedegoso anda entortada.

•

De tarde, iminente de lodo, ia sentar-se no banco do jardim. (Diminuíram o seu jardim de 40 roseiras e uns vermes.)

Lesmava debaixo dos bancos. O homem sentia-se em ruínas: um lanho em vez de torso era sua metáfora.

As ruínas só serviam para guardar civilizações e bosta de sapo.

Amava caracóis pregados em palavras.

•

Um rio tomado banho pelos tordos depura-se.

## 7. A VOLTA (voz interior)

Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu. Não há lombo de morro pro sol se esconder detrás. Ocaso encosta no chão. Disparate de grande este cortado. Nem quase não tem lado por onde a gente chegar de frente nele. Mole campanha sem gumes. Lugares despertencidos. Gente ficava isolado. O brejo era bruto de tudo. Notícias duravam meses. Mosquito de servo era nuvem. Entrava pela boca do vivente. Se bagualeava com lua. Gado comia na larga. Mansei muito animal chucro nesses inícios. Já hoje não monto mais. Não presto mais pra cavalo. Pulo não vedo nenhum. Sou traste de cozinheira. No enxurro parei aqui. Enganchei na pouca força. Dei rodeio neste quintal. Do mundo sei reunido, entretanto. Sou macaco pra lá de cipriano. Ninguém me engana com bolo. Nem me desvenda com caneta. Seráficas são as pedras. Serviço em roda de casa engorda é cachorro. Jogo canga e cambão pra cima. Raiz é que acha a lama pura. De tarde passarinho me descobre. Eu toco minha vida com 70 flautas. Beleza e glória das coisas o olho é que põe. Bonito é o desnecessário. É pelo olho que o homem floresce. Ver a tarde secando em cima de uma garça... Atrás das árvores tortas nascem as horas mais prístinas. E só debaixo do esterco besouros têm arrebóis. O que sei aprendi no galpão. Desde ir em égua. Leitura não tive quase. Não tenho apetrechos de idioma. Palavras não têm lado de amontar comigo, entretanto. Tudo tem seus lampejos e leicenços. A língua é uma tapagem. E tão subterrânea a instalação das palavras em meu canto como os silêncios conservados no amarelo.



## 8. A FUGA (voz interior)

De Quarta-Feira tenho só feição. Gosto de moça praticada e de estribar comprido. Gosto de tordos com rio e de ocelados gaviões-fumaça. Saí do poder de meu padrinho com 18 anos. Correr as cercas do mundo. E pois! Rosado não é o canto do sabiá que vem de longe? Fui no aceno do pássaro. Exceção não se abriu pra mim. Nadei sem água por baixo. No quartel fui anspeçada. Puxei luar de sargento. Vi bugio tocar comércio. Tirei urinol de padre. Usei água de sacristão. Peguei reza de empreitada. Hoje benzo bicheiras a distância. Desmancho mal de prepúcio. Porém uso os mistérios com cuidado. Porque ninguém não sabe ainda adonde que começa o fim do arcano nem o começo da roda. Hoje estou comparado com árvore. Sofrimento alcandorou-me. Meu olho ganhou dejetos. Vou nascendo de meu vazio. Só narro meus nascimentos. Sou trinado por lírio como os brejos. Eu tenho pretensões pra tordo. É nos loucos que grassam luarais. Sei muitas coisas das cousas. Hai muitas importâncias sem ciência. Sei que os rios influem na plumagem das aves. Que vespas de conas frondosas produzem mel azulado. E as casas com rio nos fundos adquirem gosto de infância. Isso eu sei de me ser. Falando é que não se entende. Difícil é pregar moringas em paredes. E totalmente eu prego. Caminho de urubu pois não tem pedras. Não somo com detrimentos. No mais são caracóis e cios de roseiras.

## 9. DE CALÇAS CURTAS

Pôr freio em cachorro e montar de espora. Pealar porco no quintal. Correr na chuva de prancha. Pelotear passarinhos e soprar no cu dos semimortos a fim de que ressuscitem. Fazer besouro nadar em querosene. Plantar goiabeira com máquina-corpo.\* Cangar grilos. Fazer gato cabrestear. Regaçar lagarto assustado. Experimentar se cágado entorta chaira mesmo com o sesso. Dar banho de álcool em urubu e soltar com fogo pra ver incêndio no céu. Enfiar vento no cordão. Destaraxar o traseiro dos gafanhotos. Fazer retinir a luzerna dos vaga-lumes. Desemendar cachorro com água pelando. Passar taligrama no mato. Fazer barata dormir de costas. Assobiar com o subaco. Esfregar pimenta no olho do irmãozinho. Matar bentevi a soco. Capar gato com caco de vidro. Sondar as priminhas no banho. Botar saracura na sogá pra chamar chuva. Enfiar ferro em brasa na cona das jacaroas. Andar de árvore nos corixos. Espremar sumo de laranja no olho do sapo pra ver se arregala o horizonte. Arrolhar galinhas com sabuco. Botar coração de anu-branco torrado na cabeça da namorada pra fim do corpo dela amolecer. Cortar procissão de formiga na força do mijo. Ouvir lesma foder na pedra.

\* *Plantar goiabeira com máquina-corpo* seria defecar no campo ou no quintal depois de comer goiaba com caroço. Dessa forma, aparecem pelos campos muitos pés de goiaba plantados com o corpo. (N. do A.)

## 10. DOS VEIOS ESCATOLÓGICOS

Na Vila não se praticavam latrinas. Donas desabavam em urinóis. E os homens no mato. Os porcos seguiam os homens pelos trilheiros que davam no mato. As lides de cagar facilitavam encontros de amor. A ponto de um viajante verter no caderno de notas. “Aqui as pessoas se filham no mato com vera competência, qual os porcos nas vielas, de forma que se pare espriado e nascem crianças papudas e idiotas de igrejas como cupim. Lugar onde se fode e se caga no mato há de ser este!!!” (Desse jeito — !!! — com três pontos de admiração.) Na hora do homem fazer força, quando a vaidade se acaba, justo aí chegavam os porcos famintos e, lhes entrando nos homens por debaixo, saíam com eles nas costas, quando lhes não prostravam na própria obra. De forma que *sujos de suas obras*, como se lê no Eclesiastes. Montados ainda no porco, alguns homens entravam na Vila, na maior sengraceira, com cara de cachorro que peidou na igreja.

A fim de evitar tais vexames, depois de muito craniar, engenhoso cidadão e exemplar paroquiano inventou o Pau-Pra-Porco. Instrumento esse de madeira medindo uma bengala de lorde, chanfrada a facão, com que os homens na hora de descomer bordoavam os porcos que lhes tentassem derrubar na própria plastr. O engenhoso paroquiano abastou-se em de-réis, e se tornou o rei do Pau-Pra-Porco. Com venda do mesmo nome no beco principal. Desse tempo pra cá ninguém mais apareceu na Vila montado no porco.

Na beira do Tanque da Praça da Matriz, o poeta Neco Caolho versava pras moças vergonhosas — “No dia em que me achei cagando ao vento...” bocagemen-

te, ao de cócoras. Dava um prazer frídico no sacristão em desmoçar as beatas dentro do Tanque, entre rãs prenhas. A égua velhaca da Praça só entregava pra ele. Era de ver a mansura da égua com o sacristão. Toda essa universal cristandade se transmitia pelo sangue.

Em 1926, o antropólogo Claude Lévy-Strauss, de viagem por ali, notou a pobreza dos móveis que encontrou no interior das residências. Dois ou três mochos na sala, arames de estender roupas nos quartos servindo de armário — e redes. Redes armadas por todos os cantos. Redes muitas de varandas artísticas, servindo de vasilhas de dormir e de sestar. No hábito de sestar ao mormaço do meio-dia se amulheravam e se afilhavam também. A blandícia do mormaço engendrava crianças. Se usavam demais os dedos nos barrotes a fim de impulsionar as redes. Davam-se cópulas balançadas e refrescantes. Assim, os barrotes dos quartos sempre estavam furados. E por eles podiam-se ver as primas nos urinóis. Coisa imanente e afrodisíaca, que muito deve ter influído nas tendências voyeurísticas daquele povo. Bem como o hábito do guaraná que é bebida afrodisíaca, porém no seu ralar e não na substância da bebida. Eis que no ralar a mulher meneia os quadris. E o desejo dos homens provém do mover dos quadris. Coisa que eu não descreio.

Pois foi esse o povo ladino, sensual e andejo que um dia atravessando o rio Taquari encheu de filhos e de gado o que se chama hoje, no Pantanal, a zona da Nhecolândia.

## PEQUENA HISTÓRIA NATURAL

### 1. DE URUBU

Aqui, no fim das enchentes, urubus andam de a pé. Quase nem precisam mais de avoar. Só caminham de banda, finórios, saltando de uma para outra carniça, lampeiros.

De outro modo, urubu é omnipresente. Está em qualquer árvore do mundo em que debaixo dela um bicho morre.

No alto da árvore mais próxima, antes mesmo do bicho encomendar, urubu já discute, em assembleia, com os primos, quem que vai no olho, quem que vai no ânus.

Apeiam depois na terra, supimpando, tirando um paladar de vinho, usp, usp, antechupando os dentes...

Depois do banquete retornam às árvores, onde degustam, enviesam, revezam e se esvaziam — para comer de novo.

Urubus digerem e descomem em 12 minutos. E largam de ré sobre as folhas o guspe branco deles, na mais jubilosa caiação.

Assim, pau que urubu frequenta seca daquele guspe ácido. Nem embaixo dessa árvore vinga mais nada. Como quando o cavalo de Átila passava.

Também filhote de urubu não pode ver gente que gumita branco. Tem nojo duvidá de homem. Decerto nosso jeito a branco azeda o olho deles. E esse gumito de urubu tem acidez tão forte que dizem se pode alimpar alguidar com ele.

Sobre isso diz o Livro: — Pessoa que comer carne de animal que morre estará imunda até de tarde — e desse modo se purificará. Isso está no Levítico. Urubu tem muita fiúza no Levítico.

— O caso eu aprendi de oitiva, xará. Oive de mi. Nenhuma voz adquire pureza se não comer na espurcícia. Quem come pois do podre se alimpa. Isso diz o Livro.

Sujeito que entende pois de limpeza há de ser o urubu. Só ele que logra os vermes de frente. São entes muito sanitários. — Conquanto que delimpam até o céu.

Como eles, sobre as pedras, eu cato restumes de estrelas. É muito casto o restume.

## 2. SOCÓ-BOCA-D'ÁGUA

Socó-boca-d'água meio que espicha seu corpo pra trás, como se quisesse conversar de costas; alonga o pescoço esgalgo, arregala o olho vermelho, e vê dos treze lados.

Tem fino ouvido de barata, esse pássaro. Não boceja nunca. Cisma até com a sombra das borboletas. E avista os perigos desde ontem.

Sempre alarmado, em cima do susto, como um galo que está viajando em canoa bêbeda, não para de vigiar destinos e mutucas.

Ninguém tira retratos dele para enfeite. Não entra em jardins. Sonda a hora das cobras e dos grilos subjacentes. E não sabe se casa tem portas.

Se uma lontra ele vê, exorciza. Pula de lado três passos. E para atencioso, esgalgado. Logo adivinha o que tem na cabeça da lontra. E detona o alarme. Parece que sopra no mundo uma avena entupida de areia. Diante de tanto barulho, esse cachorro-d'água se manda assustado.

O socó-boca-d'água é puro de corixo. Pantaneiro escarrado. Sabe onde mora o peixe desde quando por aqui era mar de Xaraés. E atrai os rubafos com ceva de falenas.

Por cima dos camalotes, disfarçados, os socós-boca-d'água conversam como inocentes lavadeiras. Parecem a mãe dos peixes.

Súbito mergulha um. E aparece com o peixe no bico, de atravessado. O olho vermelho com lágrimas de água.

Engole sem guspe o peixe. O longo pescoço engrossa. Arregala muito o olho. Naquela comprida estrada que é o seu pescoço, a gente vê o peixe descendo. Vai agora salivado por uma gosma cinzenta.

Organiza depois um canto rachado para limpar a goela.

Desse pássaro ninguém sabe muito. Ouço que mora na gravanha — ou no gravanha. Sabendo ninguém o que seja gravanha.

A palavra é bonita e selvagem. Não está registrada nos léxicos. Ouço nela um rumor de espinheiro com água. Tem tudo para ser ninho e altar de um socó-boca-d'água.

### 3. DE TATU

Folgam muito no cio, os tatus — como os cachorros. E formam acompanhamentos. A fêmea vai na frente, cheirando matinhos, a tatua. Logo fica de joelhos para o amor e chora esverdeado.

Em cima de sua femeazinha, o macho passa horas — como se fosse em cima de uma casa de tábuas. E ela fica submetida para ele, rezando naquela postura.

Protocolos que a natureza lhes deu para montar filhos são tântricos. A femeazinha espera paciente enquanto venta azul no olho dos patos.

Como certas dalias lésbicas, de estames carnudos, se entregam as tatus ao gosto de filhar. Seviciadas e ávidas.

Reproduzem de cacho.

Daí já saem pelas campinas fazendo buracos. Há campinas furadas como ralos.

Na corrida, pega um buraco desses o cavalo — se ajoelha no vento. Roda por cima do pescoço. E frecha de boca na macega o vaqueiro.

— Por isso não dispense tatu quando acho no campo. Nem guenta faca esse bicho deletério. É ente morredor à toa. Afogou nele um dedo só de aço, estrebuchou. Embolou. Não falou água. Cagou-se persignado; pedindo bênção. É bicho morredor à toa. Sem aras nem arres. E chia fino quando o vaqueiro grossa a vara dele com faca.

Nas águas o tatu desaparece. Entra de ponta no cerrado. Diz-se que caiu na folha. Que folhou. De fato, nas águas todos folham, esses tatus!



#### 4. O QUERO-QUERO

Natureza será que preparou o quero-quero para o mister de avisar? No meio-dia, se você estiver fazendo sesta completa, ele interrompe. Se está o vaqueiro armando laço por perto, em lugar despróprio, ele bronca. Se está o menino caçando inseto no brejo, ele grita naquele som arranhado que tem parte com arara. Defende-se como touro. E faz denúncias como um senador romano.

Quero-quero tem uma vida obedecida, contudo. Ele cumpre Jesus. Cada dia com sua tarefa. Tempo de comer é tempo de comer. Tempo de criar, de criar.

É pássaro mais de amar que de trabalhar.

De forma que não sobra ócio ao quero-quero para arrumar o ninho. Que faz em beira de estrada, em parcas depressões de terreno, e mesmo aproveitando sulcos deixados por cascos de animal.

Gosta de aproveitar os sulcos da natureza e da vida. Assim, nesses recalques, se estabelece o quero-quero, já de oveira plena, depois de amar pelos brejos perdida e avoadoramente.

E porque muito amou e se ganhou de amar desperdiçadamente, seu lar não construiu. E vai conceber no chão limpo. No limpo das campinas. Num pedaço de trampa enluçada. Ou num aguaçal de estrelas.

Em tempo de namoro quero-quero é boêmio. Não aprecia galho de árvore para o idílio. Só conversa no chão. No chão e no largo. Qualquer depressãozinha é cama. Nem varre o lugar para o amor. Faz que nem boliviana. Que se jogue a cama na rua na hora do prazer, para que todos vejam e todos participem. Pra que todos escutem.

Não usa o silêncio como arte.

Quero-quero no amor é desbocado. Passarinho de intimidades descobertas. Tem uma filosofia nua, de vida muito desabotoada e livre.

Depois de achado o ninho e posto o ovo porém, vira um guerreiro o quero-quero. Se escuta passo de gente se espeta em guarda. Tem parenteza com sentinela. Investe de esporão sobre os passantes. E avisa os semoventes de redores.

Disse que pula bala. Sei que ninguém o desfolha. Tem misca de carrapato em sua carne exígua. Debaixo da asa guarda esse ocarino redoleiro pra de-comer dos filhotes.

De olhos ardidos, as finas botas vermelhas, não pode ver ninguém perto do ninho, que se arrepia e enfeza, como um ferrabrás.

Passarinho de topete na nuca, esse!

## 5. DE CACHORROS

Biguá passeava no corixo, arregaçando água. Fazia avenida de tarde, o valsante!

Cachorro observa das margens, com olho gordo. Biguá costura o rio na frente do cachorro. Desliza de leve, remenda água de baixo pra cima. Desfila.

Cachorro espicha o olho úmido. E súbito pula sobre a ave.

Biguá mergulha e aparece do outro lado.

Cachorro se desgoverna.

Biguá mergulha de novo. Aparece mais longe. Dá adeusinho.

Cachorro volta sem graça, rabo entre as pernas.

Biguá se despede. Sobe no sarã.  
Cachorro desiste humilde.  
Biguá se desfralda no sarã. Toma porre de sol.

## 6. DE QUATI

Aparece um quati escoteiro. Decerto perseguido de cachorro. No chão é ente insuficiente o quati. Imita ser baleado. O rabo desin equilibra de tanto rente na terra.

Agora, se alcança árvore, quati arma banzé. Arre-ganha. Monta episódio. E até xinga cachorro.

Igual é o tamanduá. Fora do mato, no limpo, tamanduá nega encrenca. Porém se encontra zamboada, vira gente. E desafia cachorro, onça-pintada, tenente.

## 7. A NOSSA GARÇA

Penso que têm nostalgia de mar estas garças pantaneiras. São viúvas de Xaraés? Alguma coisa em azul e profundidade lhes foi arrancada. Há uma sombra de dor em seus voos. Assim, quando vão de regresso aos seus ninhos, encham de entardecer os campos e os homens.

Sobre a dor dessa ave há uma outra versão, que eu sei. É a de não ser ela uma ave canora. Pois que só grana — como quem rasga uma palavra.

De cantos portanto não é que se faz a beleza desses pássaros. Mas de cores e movimentos. Lembram Modigliani. Produzem no céu iluminuras. E propõem esculturas no ar.

A Elegância e o Branco devem muito às garças.

Chegam de onde a beleza nasceu?

Nos seus olhos nublados eu vejo a flora dos corixos.  
Insetos de camalotes florem de suas rêmiges. E andam pregadas em suas carnes larvas de sapos.

Aqui seu voo adquire raízes de brejo. Sua arte de ver caracóis nos escuros da lama é um dom de brancura.

À força de brancuras a garça se escora em versos com lodo?

(Acho que estou querendo ver coisas demais nestas garças. Insinuando contrastes — ou conciliações? — entre o puro e o impuro etc. etc. Não estarei impregnando de peste humana esses passarinhos? Que Deus os livre!)

O GUARDADOR  
DE ÁGUAS



## O GUARDADOR DE ÁGUAS

### I

O aparelho de ser inútil estava jogado no chão, quase  
coberto de limos —  
Entram coaxos por ele dentro.  
Crescem jacintos sobre palavras.  
(O rio funciona atrás de um jacinto.)  
Correm águas agradecidas sobre latas...  
O som do novilúnio sobre as latas será plano.  
E o cheiro azul do escaravelho, tátil.  
De pulo em pulo um ente abeira as pedras.  
Tem um cago de ave no chapéu.  
Seria um idiota de estrada?  
Urubus se ajoelham pra ele.  
Luar tem gula de seus trapos.

### II

Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento.  
Ele faz encurtamento de águas.  
Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros  
Até que as águas se ajoelhem  
Do tamanho de uma lagarta nos vidros.

No falar com as águas rãs o exercitam.  
Tentou encolher o horizonte  
No olho de um inseto — e obteve!  
Prende o silêncio com fivela.  
Até os caranguejos querem ele para chão.  
Viu as formigas carregando na estrada duas pernas de ocaso  
para dentro de um oco... E deixou.  
Essas formigas pensavam em seu olho.  
É homem percorrido de existências.  
Estão favoráveis a ele os camaleões.  
Espreado na tarde —  
Como a foz de um rio — Bernardo se inventa...  
Lugarejos cobertos de limo o imitam.  
Passarinhos aveludam seus cantos quando o veem.

### III

#### *Nascimento da palavra:*

Teve a semente que atravessar panos podres, criames  
de insetos, couros, gravetos, pedras, ossarais de peixes,  
cacos de vidro etc. — antes de irromper.

Agora está aberto no meio do monturo um grelo pálido.

Não sabemos até onde os podres o ajudaram nessa  
obstinação de ver o sol.

Ó absconsos ardores!

É atro o canto com reentrâncias que sai das escórias  
de um ser.



Os nascidos de trapo têm mil encolhas...

P.S. No achamento do chão também foram descobertas as origens do voo.

#### IV

O que ele era, esse cara  
Tinha vindo de coisas que ele juntava nos bolsos —  
por forma que pentes, formigas de barranco, vidrinhos  
de guardar moscas, selos, freios enferrujados etc.

Coisas

Que ele apanhava nas ruínas e nos montes de borra de  
mate (nos montes de borra de mate crescem abobreiras  
debaixo das abobreiras sapatos e pregos engordam...)

De forma que recolhia coisas de nada, nadeiras, falas  
de tontos, libélulas — coisas

Que o ensinavam a ser interior, como silêncio nos  
retratos.

Até que de noite pôs uma pedra na cabeça e foi embora.

Estrelas passavam leite nas pedras que carregava.

Vagou transpedregoso anos.

Se soube que atravessou Paris de urina presa.

Estudou anacoreto.

Afez-se com as estradas e o cheiro de ouro dos  
escaravelhos.

Um dia chegou em casa árvore.

Deitou-se na raiz do muro, do mesmo jeito que um rio  
fizesse para estar encostado em alguma pedra.

Boca não abriu mais?

Arbora em paredes podres.

## V

Eles enverdam jia nas auroras.  
São viventes de ermo. Sujeitos  
Que magnificam moscas — e que oram  
Devante uma procissão de formigas...  
São vezeiros de brenhas e gravanhas.  
São donos de nadifúndios.  
(Nadifúndio é lugar em que nada  
Lugar em que osso de ovo  
E em que latas com vermes emprenhados na boca.  
Porém.  
O nada destes nadifúndios não alude ao infinito menor  
de *ninguém*.  
Nem ao *Néant* de Sartre.  
E nem mesmo ao que dizem os dicionários: *coisa que  
não existe*.  
O nada destes nadifúndios existe e se escreve com letra  
minúscula.)  
Se trata de um tratal.  
Aqui pardais descascam larvas.  
Vê-se um relógio com o tempo enferrujado dentro.  
E uma concha com olho de osso que chora.  
Aqui, o luar desova...  
Insetos umedecem couros  
E sapos batem palmas compridas...  
Aqui, as palavras se esgarçam de lodo.

## VI

Chega de escombros centopeia antúria.  
Estrepe enterrada no corpo a lacraia

Se engrola  
Rabeja rebola  
Suja-se na areia  
Floresce como louca...  
Gerânios recolhem seus anelos.  
Está longe o horizonte para ela!

## VII

Roupa-Grande aparece no trecho.  
(Crianças não o diferenciam do ave joão-grande.)  
Com seu enorme casaco ele encarde o crepúsculo.  
Sabe os atalhos do chão.  
Caminha espaceado, de metro em metro, como  
quem planta mandioca na roça.  
(Quem anda curto é carancho — ele diz; mas também  
excreta curto.  
Pato que guspe longínquo...)  
Roupa-Grande alcandora mosca.  
Com as mãos endireita Deus para ele.  
O rio conta com os seus cuidados para descer as grotas  
— conta  
Com as suas bênçãos, com os seus escapulários...  
Ele mexe com planta e com épocas.  
Usa o Livro de São Cipriano contra lascívia, mal de  
grotas, ferroadas de arraia etc.  
(Ferroadas de arraia é só encostar o lugar ofendido em  
vaso de moça que o ferrão escurece...)  
Um menino escaleno o acompanha.  
Dorme no ombro dele um tordo arino.  
Roupa-Grande fala de manso — como quem vai  
passando por dentro de uma nuvem...

Sangue de anta bebe por mês: serve na guampa o  
cor-de-rosa espumoso — a língua tomando espécie...  
Conta que sangue de anta desempena traste de velho.  
Tresconta. Ri sobre as gengivas.  
É homem proposto ao escárnio.  
Arremeda que vai esperar o crepúsculo mais adiante  
E se equipa.  
Uma árvore espera filhos dele.  
Espessura de estrela o transparenta.

### VIII

Idiotas de estrada gostam de urinar em morrinhos de  
formigas. Apreciam de ver as formigas correndo de um  
canto para outro, maluquinhas, sem calças, como as  
crianças. Dizem eles que estão infantilizando as  
formigas. Pode ser.

### IX

Bernardo escreve escorreito, com as unhas, na água,  
O Dialeto-Rã.\*  
Nele o chão exuberava.  
O Dialeto-Rã exara lanhos.  
Bernardo conversa em rã como quem conversa em  
Aramaico.

\* Falado por pessoas de águas, remanescentes do Mar de Xaraiés, o Dialeto-Rã, na sua escrita, se assemelha ao Aramaico — idioma falado pelos povos que antigamente habitavam a região pantanosa entre o Tigre e o Eufrates. Sabe-se que o Aramaico e o Dialeto-Rã são línguas escorregadias e carregadas de consoantes líquidas. É a razão desta nota.

Pelos insetos que usa ele sabe o nome das chuvas.  
Bernardo montou no quintal Oficina de Transfazer  
Natureza.

(Objetos fabricados na Oficina, por exemplo:

Duas aranhas com olho de estame

Um beija-flor de rodas vermelhas

Um imitador de auroras — usado pelos tordos.

Três peneiras para desenvolver moscas

E uma flauta para solos de garça.)

Bernardo é inclinado a quelônio.

A córnea azul de uma gota de orvalho o embevece.

X

É o mais engenhoso estafermo.

Sem mexer com a boca ele tira ardor de pétalas!

Atrás de sua casa trabalha um tordo cego

E um rio emprenhado de rãs até os joelhos.

De manhã ouve frases do tordo.

Prende aragens de manga nos cabelos.

O lodo aceso das moscas —

Guarda em vasos de pedra.

Ave, pedras!

Um roxo a vegetal encorpa em seu casaco — o  
mesmo roxo enfermo das violetas desmolhadas...

Sabe coisas por concha e água.

Cigarras lhe sonetam sobre outubro.

Esse homem

Teria, sim

O que um poeta falta para árvore.

## XI

De tonto tenho roupa e caderneta.  
Eu sei desigualar por três.  
Já gostei muito de mula  
E Estação de Estrada de Ferro.  
Depois troquei por anu-branco  
E Estação de Estrada de Ferro.  
Hoje gosto de santo e peneira.  
Uma dona me orvalha sanguemente.  
O que no alforje eu trago  
É um azul arriscado a pássaros...  
Eu sei o nome das letras.  
E desenvolvo moscas em peneira.  
Sou muito lateralmente entretonos.  
O que desabre o ser é ver e ver-se.  
Aragem cor de roupa me respande.

## XII

Ele tem pertinências para árvore.  
O pé vai se alargando, via de calangos, até ser  
raizame. Esse ente fala com águas.  
É rengo de voz e pernas.  
Se esconde atrás das palavras como um perro.  
Formigas se mantimentam nas nódoas de seu casaco.  
De um turvo cheiro órfico os caracóis o escurecem.  
Um Livro o ensinou a não saber nada — agora já sabe.  
Estrela encosta quase em sua boca descalça.

### XIII

Já estão a relvar os trastes...  
Crescem por cima de um homem, de seu casaco, de seus  
óculos, de seus urinóis  
E entopem seus vocábulos de luxúria e escória.  
O homem está coalescente às coisas como um osso de ave.  
Dão-lhe ênfase os destroços.  
É ente desmanchado a monge.  
Formigas o descobrem pela fé.  
Olhando para o chão convê os vermes sendo-o.  
O nada o aperfeiçoa.  
(Mas isso não tem metafísica — como fechar um rio com  
trinco.)

### XIV

*Tapera falou, tem assombração.*  
Ditado polular

Suporte de uma tapera é o abandono.  
Aqui passeiam emas distraídas, com as suas moelas de  
alicate, a comer suspensórios, cobras, pregos, maçarocas  
de cabelo, cacos de vidro etc.  
A ema esmera mais com vidros.  
E não são feitas para elas as hirtas coxas das lagartixas?  
Tapera tem as horas paradas.  
É um território de aturdidos morcegos.  
Baratas passeiam por seus luars...  
Tapera é a coisa mais nua!  
Tem perfeições de apagamento esse lugar.  
Descem por seus escâncaros rubros melões-de-são-caetano.

Tapera só aguenta o esquecimento.  
Teius de amígdalas gordas dormem nas cinzas do fogão.  
Cipós e teias amarram esse abandono.

## XV

— Viventes de ermo o que são?  
— Quando começamos a cavar um buraco no leito seco do rio, os cascudos como que minavam das areias — e eram escuros. Suponho que andavam por lá hibernados. Agora se escondem por baixo de cascas podres. Por baixo das cascas podres, dizem, esses cascudos metem. Tais informações foram sempre dadas por devaneios, por indícios, por força de eflúvios.

— A partir da fusão com a natureza esses bichos se tornaram eróticos. Se encostavam no corpo da natureza para exercê-la. E se tornavam apêndices dela. Ou seres adoecidos de natureza. Assim, pedras sonhavam eles para musgo. Sapos familiarizavam eles com o chão. Nenhuma coisa ficava sem órgãos ou locas. Mudaram a brancura das chuvas e a extensão dos escuros.

— Tal como os peixes, lhes foi dada uma fisiologia especial — para que vivam nas águas, a esses viventes de ermo lhes deram vozes batráquias, que repercutem como algodão.

— As palavras invadem esse ermo como ervas. Todas as coisas passam a ter desígnios. Não há o que lhes ande por documentos. Enxergam borboletas apertando rios.



Escutam o luar comendo árvores. Trazem no centro da boca pequenas canaletas por onde lhes correm o lanho e o lodo. O chão dá encosto para as suas latas, seus trevos, seus apetrechos. Arrastam no crepúsculo andrajos e moscas. Criam peixes nos bolsos. Há cogumelos paridos em seus ressaíos. E vozes de rios e rãs em suas bocas. Águas manuseiam seus azuis. E, viver roça no corpo deles.

— E as palavras, têm vida?

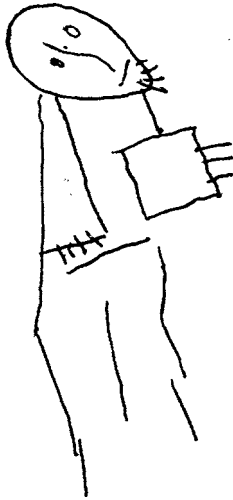
— Palavras para eles têm carne aflição pentelhos — e a cor do êxtase.



## PASSOS PARA A TRANSFIGURAÇÃO

### I

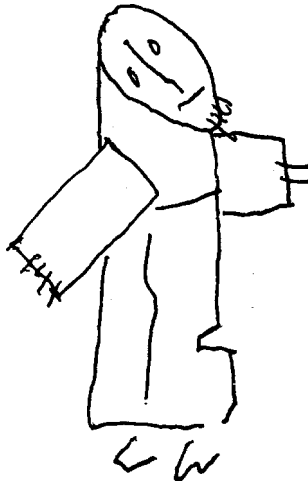
Das vilezas do chão  
Vêm-lhe as palavras  
Chega têm ouro  
Até. Chega libélulas.



MURMÚRIOS O RECITAM SOBRE A TARDE

II

Em suas ruínas  
Homizia sapos  
Formigas carregam suas latas  
Devaneiam palavras



O ESCURO ENCOSTA NELES  
PARA TER VAGA-LUMES

III

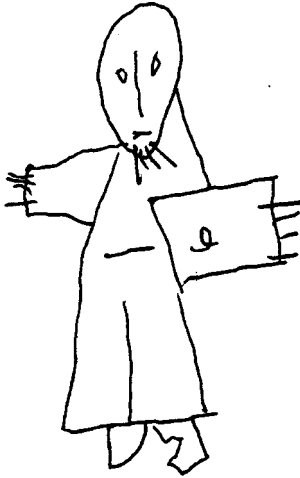
Anda lugares vazios  
Em que inúteis  
Borboletas o adotam  
Por petúnias...



UM RIO ESTICADO DE AVES  
O ACOMPANHA

IV

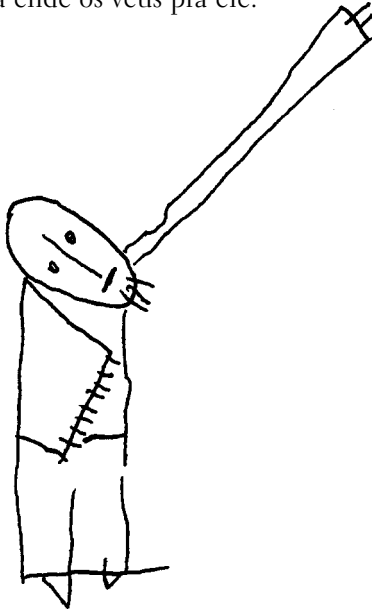
Descobre-se com unção  
Ante uma pedra  
Uma árvore  
Um escorpião



PEDRAS APRENDEM SILÊNCIO NELE

V

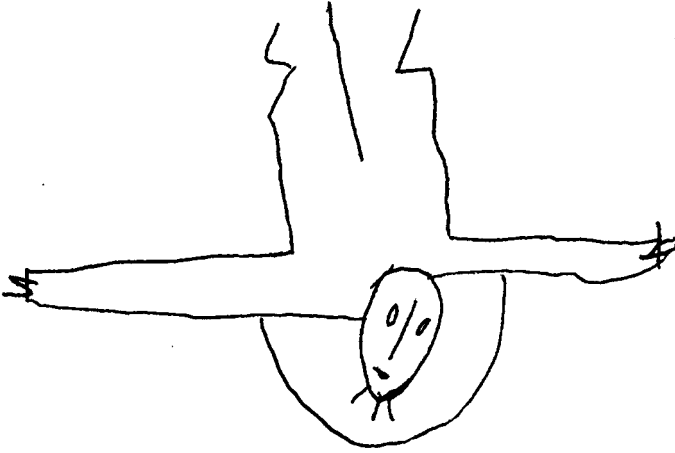
Sonham os musgos  
De o revestir.  
É referente de conchas  
A lua elide os véus pra ele.



SEU OMBRO CONTRIBUIU  
PARA O HORIZONTE DESCER

VI

Um desígnio a coisas  
O eremisa.  
Jias dormem gerânios  
Com o seu rosto.



ELE CONCLUI O AMANHECER?



SEIS OU TREZE COISAS  
QUE EU APRENDI SOZINHO

1.

Gravata de urubu não tem cor.  
Fincando na sombra um prego ermo, ele nasce.  
Luar em cima de casa exorta cachorro.  
Em perna de mosca salobra as águas cristalizam.  
Besouros não ocupam asas para andar sobre fezes.  
Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina.  
No osso da fala dos loucos há lírios.

2.

Com cem anos de escória uma lata aprende a rezar.  
Com cem anos de escombros um sapo vira árvore e cresce  
por cima das pedras até dar leite.  
Insetos levam mais de cem anos para uma folha sê-los.  
Uma pedra de arroio leva mais de cem anos para ter  
murmúrios.  
Em seixal de cor seca estrelas pousam despidas.  
Mariposas que pousam em osso de porco preferem melhor  
as cores tortas.  
Com menos de três meses mosquitos completam a sua  
eternidade.  
Um ente enfermo de árvore, com menos de cem anos,  
perde o contorno das folhas.

Aranha com olho de estame no lodo se despedra.  
Quando chove nos braços da formiga o horizonte diminui.  
Os cardos que vivem nos pedrouços têm a mesma sintaxe  
que os escorpiões de areia.  
A jia, quando chove, tinge de azul o seu coaxo.  
Lagartos empernam as pedras de preferência no inverno.  
O voo do jaburu é mais encorpado do que o voo das horas.  
Besouro só entra em amavios se encontra a fêmea dele  
vagando por escórias...  
A quinze metros do arco-íris o sol é cheiroso.  
Caracóis não aplicam saliva em vidros; mas, nos brejos,  
se embutem até o latejo.  
Nas brisas vem sempre um silêncio de garças.  
Mais alto que o escuro é o rumor dos peixes.  
Uma árvore bem gorjeada, com poucos segundos, passa a  
fazer parte dos pássaros que a gorjeiam.  
Quando a rã de cor palha está para ter — ela espicha os  
olhinhos para Deus.  
De cada vinte calangos enlanguescidos por estrelas,  
quinze perdem o rumo das grotas.  
Todas estas informações têm soberba desimportância  
científica — como andar de costas.

3.

Ilhota de pedra no meio de um corixo é de nome sarã.  
Amanhecer de um sarã tem gala! Eu assisto:  
Martim-pescador, de repente, no alto da água, arregaça  
o cuzinho e solta sua isca de guspe.  
Peixe vai ver o que foi aquele guspe: antepara!  
De veloz arrojo martim-pescador frecha na água, e  
num átimo sobe —

O peixe atravessado no bico!  
As águas remansam e rezam.  
Que esse martim-pescador é fela.

4.

Tem quatro teorias de árvore que eu conheço.  
*Primeira:* que arbusto de monturo aguenta mais formiga.  
*Segunda:* que uma planta de borra produz frutos ardentes.  
*Terceira:* nas plantas que vingam por rachaduras lavra  
um poder mais lúbrico de antros.  
*Quarta:* que há nas árvores avulsas uma assimilação maior  
de horizontes.

5.

A água passa por uma frase e por mim.  
Macerações de sílabas, inflexões, elipses, refegos.  
A boca desarruma os vocábulos na hora de falar  
E os deixa em lanhos na beira da voz.

6.

O coró é um bicho abléfaro — e sem engonços.  
Habita encostado nos termos que lhe referem.  
Tem o corpo transparente e lambe o próprio oco na  
fortuna  
de que esse oco ainda seja a placenta em que morou.  
O coró se suficiente.  
Devora-se como um prato azedo de formigas.  
E lambe até o algodão do nariz em que está morto.

7.

O rio atravessou um besouro pelo meio — e uma falena.  
Era um besouro de âmbar, hosco  
E uma falena de Ocaso. O besouro  
Enfiou na falena seu aguilhão  
E a trouxe para seu esconderijo.  
Depois esplendorou-a toda antes de comê-la.

8.

Uma chuva é íntima  
Se o homem a vê de uma parede umedecida de moscas;  
Se aparecem besouros nas folhagens;  
Se as lagartixas se fixam nos espelhos;  
Se as cigarras se perdem de amor pelas árvores;  
E o escuro se umedeça em nosso corpo.

9.

De noite passarinho é órfão  
para voar. Não enxerga  
nem o pai das vacas  
nem o adágio dos arroios.  
Seu olho de ovo emaranha com folhas.  
No escuro não sabe medir direção e trompa nos paus.  
Passarinho é poeta de arrebol.

10.

Em passar sua vagínula sobre as pobres coisas do chão,  
a lesma deixa risquinhos líquidos...  
A lesma influi muito em meu desejo de gosmar sobre as  
palavras

Neste coito com letras!  
Na áspera secura de uma pedra a lesma esfrega-se  
Na avidez de deserto que é a vida de uma pedra a lesma  
                  escorre...  
Ela fode a pedra.  
Ela precisa desse deserto para viver.

11.

Tem asas mas não entoa.  
Penso que o papel o aceite.  
Cuido que não seja nada.  
Quase que não abre olho.  
Acho que será de pano.  
Falam que passou de lata.  
No lugar de haver boca está o espanto.  
Ri por não ter rosto.

12.

Que a palavra parede não seja símbolo  
de obstáculos à liberdade  
nem de desejos reprimidos  
nem de proibições na infância  
etc. (essas coisas que acham os  
reveladores de arcanos mentais)  
Não.  
Parede que me seduz é de tijolo, adobe  
preposto ao abdômen de uma casa.  
Eu tenho um gosto rasteiro de  
ir por reentrâncias  
baixar em rachaduras de paredes  
por frinchas, por gretas — com lascívia de hera.

Sobre o tijolo ser um lábio cego.  
Tal um verme que iluminasse.

13.

Seu França não presta pra nada —  
Só pra tocar violão.  
De beber água no chapéu, as formigas já sabem quem ele é.  
Não presta pra nada.  
Mesmo que dizer:  
— Povo que gosta de resto de sopa é mosca.  
Disse que precisa de não ser ninguém toda vida.  
De ser o nada desenvolvido.  
E disse que o artista tem origem nesse ato suicida.

14.

Lugar em que há decadência.  
Em que as casas começam a morrer e são habitadas por  
morcegos.  
Em que os capins lhes entram, aos homens, casas portas  
adentro.  
Em que os capins lhes subam pernas acima, seres adentro.  
Luares encontrarão só pedras, mendigos, cachorros.  
Terrenos sitiados pelo abandono, apropriados à indigência.  
Onde os homens terão a força da indigência.

RETRATO QUASE APAGADO EM QUE  
SE PODE VER PERFEITAMENTE NADA

I

Não tenho bens de acontecimentos.  
O que não sei fazer desconto nas palavras.  
Entesouro frases. Por exemplo:  
— Imagens são palavras que nos faltaram.  
— Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.  
— Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.  
Ai frases de pensar!  
Pensar é uma pedreira. Estou sendo.  
Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).  
Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos,  
retratos.  
Outras de palavras.  
Poetas e tontos se compõem com palavras.

II

Todos os caminhos — nenhum caminho  
Muitos caminhos — nenhum caminho  
Nenhum caminho — a maldição dos poetas.

### III

Chove torto no vão das árvores.  
Chove nos pássaros e nas pedras.  
O rio ficou de pé e me olha pelos vidros.  
Alcanço com as mãos o cheiro dos telhados.  
Crianças fugindo das águas  
Se esconderam na casa.  
Baratas passeiam nas fôrmas de bolo...  
A casa tem um dono em letras.  
Agora ele está pensando —  
    no silêncio líquido  
    com que as águas escurecem as pedras...  
Um tordo avisou que é março.

### IV

Alfama é uma palavra escura e de olhos baixos.  
Ela pode ser o germe de uma apagada existência.  
Só trolhas e andarilhos poderão achá-la.  
Palavras têm espessuras várias: vou-lhes ao nu, ao fóssil,  
ao ouro que trazem da boca do chão.  
Andei nas negras pedras de Alfama.  
Errante e preso por uma fonte recôndita.  
Sob aqueles sobrados sujos vi os arcanos com flor!

### V

Escrever nem uma coisa  
Nem outra —  
A fim de dizer todas —  
Ou, pelo menos, nenhuma.



Assim,  
Ao poeta faz bem  
Desexplicar —  
Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.

## VI

No que o homem se torne coisal — corrompem-se nele  
os veios comuns do entendimento.  
Um subtexto se aloja.  
Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que  
empoema o sentido das palavras.  
Aflora uma linguagem de defloramentos, um  
inauguramento de falas.  
Coisa tão velha como andar a pé  
Esses vareios do dizer.

## VII

O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.  
Há que se dar um gosto incasto aos termos.  
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.  
Talvez corrompê-los até a quimera.  
Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.  
Não existir mais rei nem regências.  
Uma certa liberdade com a luxúria convém.

## VIII

Nas Metamorfoses, em duzentas e quarenta fábulas,  
Ovídio mostra seres humanos transformados em  
pedras, vegetais, bichos, coisas.

Um novo estágio seria que os entes já transformados  
falassem um dialeto coisal, larval, pedral etc.  
Nasceria uma linguagem madruguenta, adâmica,  
edênica, inaugural —  
Que os poetas aprenderiam — desde que voltassem às  
crianças que foram  
Às rãs que foram  
Às pedras que foram.  
Para voltar à infância, os poetas precisariam também de  
reaprender a errar a língua.  
Mas esse é um convite à ignorância? A enfiar o idioma  
nos mosquitos?  
Seria uma demência peregrina.

## IX

Eu sou o medo da lucidez.  
Choveu na palavra onde eu estava.  
Eu via a natureza como quem a veste.  
Eu me fechava com espumas.  
Formigas vesúvias dormiam por baixo de trampas.  
Peguei umas ideias com as mãos — como a peixes.  
Nem era muito que eu me arrumasse por versos.  
Aquele arame do horizonte que separava o morro do céu  
estava rubro.  
Um rengo estacionou entre duas frases.  
Um descor  
Quase uma ilação do branco.  
Tinha um palor atormentado a hora.  
O pato dejetava liquidamente ali.

## BEIJA-FLOR DE RODAS VERMELHAS

Imprestável seria: um pássaro

Ter corola?

Um beija-flor de rodas vermelhas?

— E as aves sonham pelo pescoço?

•

Os adejos mais raros se escondem nos emaranhos.

•

Formigas botaram ovo

Nuas, sem cortinas...

Na aba de um capuz roto

Agosto estava por um trevo!

•

Silêncio a gerânios

Iluminadamente

Aves de ilhas trazem perfumes vermelhos

•

Nas petúnias  
a lua  
delonga...

Uma certa cor torta espera abril

•

Rola uma vespa na estrada  
— morta e enformigada —  
Aranhas a tecem com pontos de orvalho

•

Folha seca viaja  
pelo rio — um rã sentado nela  
escolhe nuvens

Nas nuvens um incêndio de garças

•

Cigarras franzem a hora  
Libélulas pensam dalias...

CONCERTO  
A CÉU ABERTO  
PARA SOLOS DE AVE



## CONCERTO A CÉU ABERTO PARA SOLOS DE AVE

### INTRODUÇÃO A UM CADERNO DE APONTAMENTOS

Meu avô ainda não estava morando na árvore.  
Se arrastava sobre um couro encruado no  
assoalho da sala.

O vidro do olho de meu avô não virava mais e  
nem reverberava.

Uma parte estava com oco e outra com arame.  
Quando arrancaram das mãos do Tenente  
Cunha e Cruz a bandeira do Brasil, com a  
retomada de Corumbá, na Guerra do Paraguai,  
meu avô escorregou pelo couro com a sua  
pouca força, pegou do Gramofone, que estava  
na sala, e o escondeu no porão da casa.

Todos sabiam que o Gramofone estava  
escondido no porão da casa, desde o episódio.  
Durante anos e anos, poucos desceram mais  
àquele porão da casa, salvo uns morcegos  
frementes.

Em 1913, uma árvore começou a crescer no  
porão, por baixo do Gramofone.

(Os morcegos decerto levaram a semente.)

Um guri viu o caso e não contou pra ninguém.  
Toda manhã ele ia regar aquele início de planta.  
O início estava crescendo entrelaçado aos  
pedaços de ferro do Gramofone.  
Dizem que as árvores crescem mais rápido de  
noite, quando menos são vistas, e o escuro do  
porão com certeza favorecia o crescer.  
Com menos de dois anos, as primeiras folhas  
da árvore já empurravam o teto do porão.  
O menino começou a ficar preocupado.  
O avô foi acordado de repente com os esforços  
da árvore para irromper no assoalho da sala.  
Escutavam-se também uns barulhos de ferro —  
deviam de ser partes do Gramofone que  
estertoravam.  
No Pentecostes, a árvore e o Gramofone  
apareceram na sala.  
O avô ergueu a mão.  
Depois apalpou aquele estrupício e pôde  
reconhecer, com os dedos, algumas reentrâncias  
do Gramofone.  
A árvore frondara no salão.  
Meu avô subiu também, preso nas folhas e nas  
ferragens do Gramofone.  
Pareceu-nos, a todos da família, que ele estava  
feliz.  
Chegou a nos saudar com as mãos.  
O pé-direito da sala era de dois metros e a telha  
era vã.  
Meu avô flutuava no espaço da sala entrelaçado  
aos galhos da árvore e segurando o seu  
Gramofone.



Todos olhavam para o alto na hora das refeições, e víamos o avô lá em cima, flutuando no espaço da sala com o rosto alegre de quem estava encetando uma viagem.

Tornava-se difícil para mim levar alimentos para o meu avô.

Eu tinha que trepar na árvore que agora começava a forçar o teto da sala.

Havia medo entre nós que as telhas ferissem de alguma forma o meu avô —

ou então que o sufocassem entre os galhos e o Gramofone.

Eu estaria com sete anos quando a árvore furou o telhado da sala e foi frondear no azul do céu.

Meu avô agora estava bem, sorrindo de pura liberdade, pousado nas frondes da árvore, ao ar livre, com o seu Gramofone.

Eu tinha medo que o meu avô ali pegasse um resfriado.

Tornou-se mais difícil levar comida para ele.

Algumas formigas e alguns pássaros roubavam arroz de seu prato.

Aqueles passarinhos pousavam do mesmo jeito nos galhos e nos braços de meu avô.

Todos ficavam admirados de ver o avô morando na árvore.

Aquele Gramofone, como eu imaginara, não deveria mais tocar música, pois que estava todo enferrujado e bosteadado de arara.

Quatro dias depois de um novo Pentecostes, caiu sobre o assoalho da sala, onde viviam os outros membros da família, um ovo! pluft e se quebrou.

Era um ovo de anhuma.

(A anhuma é um pássaro grande, que muda de prosódia quando alguma chuva está por vir.)

De forma que quando a prosódia da anhuma mudava eu corria a levar um agasalho para o meu avô.

Aquela ave, a anhuma, depois nós descobrimos, fizera o seu ninho justamente no tubo do Gramofone.

E por ali o ovo escapou e desceu (pelo tubo furado) e pluft se quebrou no assoalho da sala.

Meu avô percebeu o barulho do ovo que se quebrou lá embaixo.

Parte do olho dele estava com oco e parte com arame, como já disse.

Doze dias antes de sua morte meu avô me entregou um CADERNO DE APONTAMENTOS.

Os pássaros iam carregando os trapos esgarçados do corpo do meu avô.

Ele morreu nu.

Falam que meu avô, nos últimos anos, estava sofrendo do moral.

Por tudo que leio nesses apontamentos, pela ruptura de certas frases, fico em dúvida se esses escritos são meros delírios ônticos ou mera sedição de palavras.

Metade das frases não pude copiar por ilegíveis.

CADERNO DE APONTAMENTOS

*Devo falar agora de mim,  
isso seria um passo  
na direção do silêncio...*  
SAMUEL BECKETT  
in *O inominável*

I.

Deixei uma ave me amanhecer.

II.

Toda vez que a manhã está sendo começada nos meus olhos, é assim...

Essa luz empoçada em avencas.

As avencas são cegas.

Nenhuma flor protege o silêncio quanto elas.

Ó a luz da manhã empoçada em avencas!

III.

Louçania das garças na manhã!

IV.

Sabiá de setembro tem orvalho na voz.

De manhã ele recita o sol.

V.

Quando eu nasci  
o silêncio foi aumentado.

Meu pai sempre entendeu  
Que eu era torto  
Mas sempre me aprumou.  
Passei anos me procurando por lugares nenhuns.  
Até que não me achei — e fui salvo.  
Às vezes caminhava como se fosse um bulbo.

VI.

Ontem passou por aqui um meu ancestral, que  
solfejava Bach:  
“Fique conosco, Senhor, que a noite chega.”  
Ele cantava assim nas estradas mais sujas.  
E aquelas borboletas sobre uns ramos de  
tomilho cantavam com ele.

VII.

Atrás de nossa casa trabalha um rio.  
O alumínio dos peixes vislumbra.

VIII. (lembração)

Passou por dentro da Praça, fez uma beleza  
com o rosto, e me viu.  
Disse que tinha tino para piano; mas só tocava  
borboletas...  
Bichinho contráctil:  
Às primeiras carícias no pelo a valva cindia.  
Usava glicínias no pube.  
Os olhos encardidos de sonhos.

IX.

Agora estou sonhado de glicínias.

X.

Eis o aranquã — um pássaro sem indústria.  
O passado obscuro dele é um rio.  
Sua voz tem um som vegetal.

XI.

Não sei bem de que cor é a cor do amaranto.  
Mas pelo *amar* e pelo *canto* fica bem esse  
amaranto aí (melhor do que se eu usasse  
perpétua, que é o outro nome que se põe a essa  
flor).  
Amaranto murmura melhor.

XII.

Desceu um tédio de verbena em mim.

XIII.

Certas palavras têm ardimentos; outras, não.  
A palavra *jacaré* fere a voz.  
É como descer arranhado pelas escarpas de um  
serrote.  
É nome com verdasco de lodo no couro.  
Além disso é agríope (que tem olho medonho).  
Já a palavra *garça* tem para nós um  
sombreamento de silêncios...  
E o azul seleciona ela!

XIV. (lembração)

Entrei na Vila do Livramento (Vila de Nossa  
Senhora do Livramento — ao completo)  
puxando uma égua aviciada.

No Largo do Tanque, onde existe ainda hoje  
uma Igreja Romana, a égua estancou.  
Aviciada.  
O sacristão apareceu (puxava um cavalo).  
Aquela chapeleta do cavalo na égua por detrás  
adentro, eu vi de perto.  
Meu olho crepusculou-se.  
Uma aranha espirrou pessoalmente.  
Deu para apreender concepção sem ler o  
Pentateuco.

XV.

Dentro do abandono de minha boca tem uma  
luxúria.

XVI.

Vi um incêndio de girassóis na alma de uma  
lesma.

XVII.

Afundo um pouco o rio com os meus sapatos  
Desperto um som de raízes com isso  
A altura do som é quase azul.

XVIII.

Uma palavra está nascendo  
Na boca de uma criança:  
Mais atrasada do que um murmúrio.  
Não tem história nem letras —  
Está entre o coxo e o arrulo.

XIX.

De tarde o horizonte amolece meu olho.  
Põe breu.  
De manhã faço abluções com orvalho.

XX.

No olho dourado dos sapos a primazia é das  
flores.  
Eles têm condão para hortênsias.

XXI.

O tordo guarda no olho  
    andrajos de jardins.  
Seu canto entretanto é límpido.

XXII.


Achei entre os pertences de Bernardo um vaso  
de colher chuvas, um cachimbo  
e um rosto de inseto dependurado na calça.  
Bernardo tem fé quase assim de molusco.  
Para saber dos passarinhos só precisa de suas  
ignorâncias.

XXIII.

Vi uma água viciada em mar!  
Meus ocasos mudaram de aves?

XXIV.

Ouçõ uma frase de aranquã: ên-ên? ço-hô!  
*ahê han? hum?...*

Não tive preparatório em linguagem de  
aranquã.  
Caligrafei seu nome assim  . Mas pode  
uma palavra chegar à perfeição de se tornar um  
pássaro?  
Antigamente podia.  
As letras aceitavam pássaros.  
As árvores serviam de alfabeto para os Gregos.  
A letra mais bonita era a **Ƨ** (palmeira).  
Caratujei meus pássaros até a última natureza.  
Notei que descobrir novos lados de uma  
palavra era o mesmo que descobrir novos lados  
do Ser.  
As paisagens comiam no meu olho.

XXV. (lembração)

Perto do rio tenho sete anos.  
(Penso que o rio me aprimorava.)  
Acho vestígios de uma voz de pássaro nas  
águas.  
Viajo de trem para o Internato.  
Vou conversando passarinhos pela janela do  
trem.  
Um bedel raspou a cabeça de meu irmão no  
internato.  
Havia um muro cheio de ofendículos.  
Liberdade havia de ser pular aquele muro.  
Do outro lado havia um guaviral onde os  
moços e as moças se encontravam e se filhavam.  
A gente manuseava os pichitos.  
Na Igreja os padres reuniam os alunos e  
tentavam falar a sério.



Mas eu sempre achei muita graça quando as  
pessoas estão falando sério.  
Acho que isso é um defeito alimentar.

XXVI.

Depois que atravessarem o muro e a tarde  
os caracóis cessarão.  
Às vezes cessam ao meio.  
Cessam de repente, porque lhes acaba por  
dentro a gosma com que sagram os seus  
caminhos.  
Vêm os meninos e os arrancam da parede  
ocos.  
E com formigas por dentro passeando em seus  
restos de carne.  
Essas formigas são indóceis de ocos.  
Ah, como serão ardentes nos caracóis os desejos  
de voar!

*P.S.:* Caracol é uma solidão que anda na parede.

XXVII.

Pelúcia  
no olho dos pássaros.  
E este inverno que não acaba!

XXVIII.

Limos cingem meu exílio  
Me desejam  
Tentam enverdar meus pés.  
Em suas pedras moram meus indícios.

XXIX.

A linha do horizonte quase rubra  
estava esticada desde uma parte leste do morro  
até uma garça guiratinga na beira do rio.  
Um besouro tentava alcançar essa linha do  
horizonte com os seus ganchos de pegar moscas.  
Beligerava como um guerreiro medieval.  
Logo depois a linha escureceu.  
Encontramos o besouro atrás de casa com as  
patas para cima.  
Perguntava: — Onde estão os despojos do dia?

XXX.

Atrás do voo dos patos seguem os restos do dia...

XXXI.

Contemplo as engrenagens de um monturo:  
vísceras de colchões, caixotes, tripas de aves etc.  
A tripa é insigne!  
Seduz-me essa união rasteira das tripas com o  
musgo.  
Seduz-me o trono dos insetos.

XXXII.

Há nos poetas uma aura de ralo?

XXXIII. (lembança)

Um sujeito mancava de madeira.  
Seu manco era oblíquo.  
Sua boca atingia o canto.  
Para avançar no poente, ele tinha que atravessar  
o rio.

O rio dobrava uma perna para ele passar; mas ele não dobrava a sua perna para passar o rio. De forma que nós, do barranco, ficávamos, de um modo ascoso, esperando.

Era preciso amarrar uma corda na cintura do homem e depois puxar.

O homem atravessava o rio como um peixe fisgado pelo meio.

Poucos entendiam quase nada; mas eu entendia um pouco menos.

(É assim. Restolho, de primeiro, não passava de restos de uma erva seca; depois o restolho se tornaria a imagem de um pobre homem à beira de um ralo.)

Esse manco era um pobre homem à beira de um ralo.

XXXIV. (lembança)

Em 1912,

Entrei para uma seita desativada cujos membros um pouco dementados

Se ocupavam de ouvir a ressonância deles mesmos nas palavras

(igual que os louquinhos quando ouvem paredes)

Comecei a saber menos sobre meus desencontros.

Uma porção de lodo forçou para baixo a minha voz.

Apreendi que no escuro eu enxergo melhor.

Orvalho benzeu meu olho.

P.S.: Esse é um trecho da autobiografia religiosa que estou escrevendo *para enfeitar a noite do meu bem*.

XXXV.

A vespa amanheceu  
molhada sobre o ralo.  
O voo não aguenta mais com ela.

XXXVI.

A voz de um passarinho me recita.

XXXVII.

Araras ralam as extensões...

XXXVIII.

Há pela tarde uma dissipação de aves.

XXXIX.

Vi a mosca de tule sempiterna  
(Opulento comigo esse luar...)  
Vi um réptil de rendas e alamares  
As larvas de uniforme  
Baratas de togas pretextas  
A brisa presa no algodão  
E a vida dos prepúcios minerais

XL.

Vi a tarde correndo dos cachorros...

XLI.

Colavam anêmonas no sol!

XLII.

.....

.....

Eu vi um êxtase no cisco!

.....

XLIII.

Chegam as andorinhas com vestígios de chuvas.

Elas me desempenham?

XLIV.

Amuram-se lesmas frias nas minhas consoantes  
labiais.

XLV.

Fui convidado pelas aves para ser árvore.

Eu sofro preferência para pedras.

XLVI.

.....

Cresce uma ascese no meu caderno.

.....

.....

Vou vender entrecosto de mosca  
no Helesponto?

.....

XLVII.

Abelhas novembras murmuram meu olho.

XLVIII.

.....

Sei de conchas em mim ouvindo hinos.

Estou em vão.

XLIX.

.....

.....

Os morros se andorinham longemente...

Eu me horizonte.

Eu sou o horizonte dessas garças.

L.

Ó azaleias veementes! Fim.

## CADERNO DE ANDARILHO

### APRESENTAÇÃO

Eu quando conheci o Aristeu —  
    ele estava em final de árvore.  
E andava por aldeias em santidade de zínias.  
O ermo fazia curvas para ele.  
Subiam-lhe caracóis ao manto.  
O que Gogol falou sobre Akaki Akakievitch,  
eu diria de Aristeu:  
“Um homem que desceu à sepultura sem ter  
realizado um só ato excepcional.”  
Inventava descobrimentos:  
Que a estridência dos grilos durante o cio  
aumenta 75 vezes. E peixe não tem honra.  
Difícil de provar a desonra dos peixes; mesmo  
com fita métrica...  
Como é difícil de provar que em abril as  
manhãs recebem com mais ternura os  
passarinhos.  
Exerci alguns anos ao lado de Aristeu a  
profissão de urubuzeiro (o trabalho era  
espantar os urubus dos tendais de uma  
charqueada).  
Com esses exercícios os nossos  
desconhecimentos aumentaram bem.

As coisas sem nome apareciam melhor.  
Vimos até que os cantos podem ser ouvidos em forma  
de asas.

#### RETRATO

Quando menino encompridava rios.  
Andava devagar e escuro — meio formado em  
silêncio.  
Queria ser a voz em que uma pedra fale.  
Paisagens vadiavam no seu olho.  
Seus cantos eram cheios de nascentes.  
Pregava-se nas coisas quanto aromas.

#### PREFÁCIO

Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) —  
sem nome.  
Depois é que veio a harpa e a fêmea em pé.  
Insetos errados de cor caíam no mar.  
A voz se estendeu na direção da boca.  
Caranguejos apertavam mangues.  
Vendo que havia na terra  
    dependimentos demais  
e tarefas muitas —  
os homens começaram a roer unhas.  
Ficou certo pois não  
que as moscas iriam iluminar  
    o silêncio das coisas anônimas.  
Porém, vendo o Homem  
que as moscas não davam conta de iluminar o



silêncio das coisas anônimas —  
passaram essa tarefa para os poetas.

## CADERNO DE ANDARILHO

Sapo de noite arregala o olho pra desmedir a  
saudade.

•

Melhor para entardecer é encostar em árvore.

•

Se um trevo assumir a tarde, de noite chove.

•

Pessoa que lê água está sujeita a libélula.

•

Lagartixas piscam para as moscas antes de  
havê-las.

•

Nos lábios do chão formigas fazem de lado.

•

As 4.000 estrias de um olho de mosca no verão  
irisam. Isso só pode ser visto sem microscópio.

•

Cheio de vogais pelas pernas vai o caranguejo  
soletrando-se.

•

Há nos santos grandes margens de antro.

•

Os girassóis têm dom de auroras.

•

Muito suspeito o andar das rolinhas: o traseiro delas entoa.

•

A água lírica dos córregos não se vende em farmácia.

•

Camaleões são pertencidos pelas cores; eles se aperfeiçoam das paisagens.

•

Mosca de estrume tem pestana alta (ou quase 32% delas).

•

Nódoas de muro seduzem caracóis.

•

Cupim trabalha o dia inteiro; de noite, enlama.

•

De noite há uma flor que corrige os insetos.

•

No inverno as anhumas verdejam de voz.

•

Na beira do entardecer o canto das cigarras  
enferruja.

•

Se for interno de árvore até o macaco gorjeia.

•

Na cidade o silêncio avilta-se.

•

A arara gutura: em sua voz o canto desmerece.

•

Uma coisa que o homem descobre de tanto  
seu encosto no chão é o êxtase do nada.

•

Calango escuma verde antes de meter.

•

Grilo faz a noite menor para ele caber.

•

Mosca zine de magra; zine por nós.

•

Existe um lagarto indigente; o rio encosta  
as margens na sua voz azul.

•

Caramujos ajudam as árvores a crescer.

•

Quando as aves falam com as pedras e as rãs  
com as águas — é de poesia que estão falando.

•

Espantalho com indícios de árvore tordo não  
estranha.

•

Coruja de papo azulado não avisa chuva.

•

O orvalho endivina os tontos.

•

Besouro no estrume está no palácio.

•

O nome ensina ao poeta as suas semelhanças.

•

Nos barrancos mais altos cardeal faz degraus  
pra descer.

•

Água de fonte lustral passarinho registra à  
distância de doze pedradas.

•

Em casa de pobre as mariposas preferem fremir  
peladas.

•

Hino e limos se entendem por música. Por letra  
e música.

•

Idiotas de estrada passarinho cuida.

•

De tarde as horas cheiram goma.

•

Estátuas sofrem de lodo nos jardins  
abandonados.

•

O lodo prefere caranguejos de cabelo.

•

Anu-branco não pousa em igrejas.

•

Sabiás de outubro não delimpam seus cantos;  
os de março delimpam. Estamos estudando a  
razão disso por lâminas de cantos.

•

Ao canto dos araquãs tatu enlanguesce.

•

Certas palavras delinquem como qualquer  
farmacêutico.

•

Gafanhoto de grota tem aroma comprido.

•

*Coisa que não acaba no mundo é gente besta e pau seco.*

•

Cachorro quando vê lesma gosmilha.

•

O cágado parece um bicho do Gênesis; sem fala nem guarda-chuva, ele procura a indireção dos ventos.

•

Um rio quando se espraia dorme entregue a si mesmo, dorme às conchas...

•

O lodo aceso das moscas atrai os calangos.

•

Visto do alto por um socó o rio escorre como um vidro mole.

•

Formiga não tem dor nas costas.

•

Dentro da mata no entardecer o canto dos pássaros é sinfônico.

•

Coisa de Deus! a breve espera do rio para a  
passagem dos patos.

•

Ditados (dois) inscritos na parede de uma tapera:

1. Homem astroso, sujeito insetoso e mulher  
violosa não acertam na prosa.
2. Para ser escravo da natureza o homem precisa  
de ser independente.

•

Anhuma é uma ave que toca fagote.

•

Bosta de carancho, na pedra, combure.

•

Lugar onde lua entra morcego desprefere.

•

No olho do tamanduá funciona um aparelho de  
entontecer formiga.

•

Cobra não ataca no vácuo.

•

Dormem águas antigas por baixo dos balseiros.

•

Quando as sombras avançam na  
estrada é preciso aldear.

FIM





# O LIVRO DAS IGNORÂÇAS



1ª parte

## UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO

*As coisas que não existem  
são mais bonitas.*

FELISDÔNIO

I

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso  
saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
  - b) O modo como as violetas preparam o dia para  
morrer
  - c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas  
têm devoção por túmulos
  - d) Se o homem que toca de tarde sua existência num  
fagote, tem salvação
  - e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega  
mais ternura que um rio que flui entre dois  
lagartos
  - f) Como pegar na voz de um peixe
  - g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.
- etc  
etc  
etc

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.

## II

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.

Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

## III

Repetir repetir — até ficar diferente.

Repetir é um dom do estilo.

## IV

No Tratado das Grandezas do Ínfimo estava escrito:  
Poesia é quando a tarde está competente para dalias.

É quando

Ao lado de um pardal o dia dorme antes.

Quando o homem faz sua primeira lagartixa.

É quando um trevo assume a noite

E um sapo engole as auroras.

## V

Formigas-carregadeiras entram em casa de bunda.

## VI

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças.

## VII

No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a  
criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.  
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona  
para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele  
delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer  
nascimentos —  
O verbo tem que pegar delírio.

## VIII

Um girassol se apropriou de Deus: foi em Van Gogh.

## IX

Para entrar em estado de árvore é preciso partir de  
um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no  
mês de agosto.  
Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em  
nossa boca.  
Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato  
sair na voz.

Hoje eu desenho o cheiro das árvores.

## X

Não tem altura o silêncio das pedras.

XI

Adoecer de nós a Natureza:  
— Botar aflição nas pedras  
(Como fez Rodin).

XII

Pegar no espaço contiguidades verbais é o mesmo  
que pegar mosca no hospício para dar banho nelas.  
Essa é uma prática sem dor.  
É como estar amanhecido a pássaros.

Qualquer defeito vegetal de um pássaro pode  
modificar os seus gorjeios.

XIII

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas  
razoáveis:  
Elas desejam ser olhadas de azul —  
Que nem uma criança que você olha de ave.

XIV

Poesia é voar fora da asa.

XV

Aos blocos semânticos dar equilíbrio. Onde o  
abstrato entre, amarre com arame. Ao lado de um  
primal deixe um termo erudito. Aplique na aridez  
intumescências. Encoste um cago ao sublime. E no  
solene um pênis sujo.

## XVI

Entra um chamejamento de luxúria em mim:  
Ela há de se deitar sobre meu corpo em toda a  
espessura de sua boca!  
Agora estou varado de entremências.  
(Sou pervertido pelas castidades? Santificado pelas  
imundícias?)

Há certas frases que se iluminam pelo opaco.

## XVII

Em casa de caramujo até o sol encarde.

## XVIII

As coisas da terra lhe davam gala.  
Se batesse um azul no horizonte seu olho entoasse.  
Todos lhe ensinavam para inútil  
Aves faziam bosta nos seus cabelos.

## XIX

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a  
imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás  
de casa.  
Passou um homem depois e disse: Essa volta que o  
rio faz por trás de sua casa se chama enseada.  
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que  
fazia uma volta atrás de casa.  
Era uma enseada.  
Acho que o nome empobreceu a imagem.

XX

Lembro um menino repetindo as tardes naquele quintal.

XXI

Ocupo muito de mim com o meu desconhecer.

Sou um sujeito letrado em dicionários.

Não tenho que 100 palavras.

Pelo menos uma vez por dia me vou no Morais ou no Viterbo —

A fim de consertar a minha ignorância,  
mas só acrescenta.

Despesas para minha erudição tiro nos almanaques:

— Ser ou não ser, eis a questão.

Ou na porta dos cemitérios:

— Lembra que és pó e que ao pó tu voltarás.

Ou no verso das folhinhas:

— Conhece-te a ti mesmo.

Ou na boca do povinho:

— Coisa que não acaba no mundo é gente besta e pau seco.

Etc

Etc

Etc

Maior que o infinito é a encomenda.

...



2ª parte

## OS DESLIMITES DA PALAVRA

### EXPLICAÇÃO DESNECESSÁRIA

*Na enchente de 22, a maior de todas as enchentes do Pantanal, canoieiro Apuleio vogou três dias e três noites por cima das águas, sem comer sem dormir — e teve um delírio frásico. A estórea aconteceu que um dia, remexendo papéis na Biblioteca do Centro de Criadores da Nhecolândia, em Corumbá, dei com um pequeno Caderno de Armazém, onde se anotavam compras fiadas de arroz feijão fumo etc. Nas últimas folhas do caderno achei frases soltas, cerca de 200. Levei o manuscrito para casa. Lendo as frases com vagar imaginei que o desolo a fraqueza e o medo talvez tenham provocado, no canoieiro, uma ruptura com a normalidade. Passei anos penteando e desarrumando as frases. Desarrumei o melhor que pude. O resultado ficou esse. Desconfio que, nesse caderno, o canoieiro voou fora da asa.*

DIA UM

1.1

Ontem choveu no futuro.

Águas molharam meus pejos

Meus apetrechos de dormir  
Meu vasilhame de comer.  
Vogo no alto da enchente à imagem de uma rolha.  
Minha canoa é leve como um selo.  
Estas águas não têm lado de lá.  
Daqui só enxergo a fronteira do céu.  
(Um urubu fez precisão em mim?)  
Estou anivelado com a copa das árvores.  
Pacus comem frutas de carandá nos cachos.

## 1.2

Eu hei de nome Apuleio.  
Esse cujo eu ganhei por sacramento.  
Os nomes já vêm com unha?  
Meu vulgo é Seo Adejuno — de dantes  
cabo adjunto por servimentos em quartéis.  
Não tenho proporções para apuleios.  
Meu asno não é de ouro.  
Ninguém que tenha natureza de pessoa pode  
esconder as suas natências.  
Não fui fabricado de pé.  
Sou o passado obscuro destas águas?

## 1.3

Eu vim pra cá sem coleira, meu amo.  
Do meu destino eu mesmo desidero.  
Não uso alumínio na cara.  
Quando cheguei neste lugar —  
Só batelão e boi de sela trafegavam.  
Aqui só dava maxixo e capivara.  
Mosquito usava pua de  $\frac{3}{4}$ .

Falo sem desagero.  
Desculpe a delicadeza.  
Meu olho tem aguamentos.  
(Fui urinado pelas ovelhas do Senhor?)

1.4

Insetos cegam meu sol.  
Há um azul em abuso de beleza.  
Lagarto curimpãpã se agarrou no meu remo.  
Os bichos tremem na popa.  
Aqui até cobra eremisa, usa touca, urina na fralda.  
Na frente do perigo bugio bebe gemada.  
Periquitos conversam baixo.

.....

Sou puxado por ventos e palavras.  
(Palestrar com formigas é lindeiro de insânia?)

1.5

Eu sei das iluminações do ovo.  
Não tremulam por mim os estandartes.  
Não organizo rutilâncias  
Nem venho de nobrementses.  
Maior que o infinito é o incolor.  
Eu sou meu estandarte pessoal.  
Preciso do desperdício das palavras para conter-me.  
O meu vazio é cheio de inerências.  
Sou muito comum com pedras.

.....

(O que está longe de mim é preclaro ou escuro?)

1.6

Tenho o ombro a convite das garças.

.....

.....

(Tirei as tripas de uma palavra?)

.....

A chuva atravessou um pato pelo meio.

.....

Eu tenho faculdade pra dementes?

.....

A chuva deformou a cor das horas.

.....

A placidez já põe a mão nas águas.

1.7

Do que não sei o nome eu guardo as semelhanças.

Não assento aparelhos para escuta

E nem levanto ventos com alavanca.

(Minha boca me derrama?)

Desculpem-me a falta de ignoranças.

Não uso de brasonar.

Meu ser se abre como um lábio para moscas.

Não tenho competências pra morrer.

O alheamento do luar na água é maior do que o meu.

O céu tem mais inseto do que eu?

SEGUNDO DIA

2.1

Não oblitero moscas com palavras.

Uma espécie de canto me ocasiona.

Respeito as oralidades.  
Eu escrevo o rumor das palavras.  
Não sou sandeu de gramáticas.  
Só sei o nada aumentado.  
Eu sou culpado de mim.  
Vou nunca mais ter nascido em agosto.  
No chão de minha voz tem um outono.  
Sobre meu rosto vem dormir a noite.

## 2.2

Lugar sem comportamento é o coração.  
Ando em vias de ser compartilhado.  
Ajeito as nuvens no olho.  
A luz das horas me desproporciona.  
Sou qualquer coisa judiada de ventos.  
Meu fanal é um poente com andorinhas.  
Desenvolvo meu ser até encostar na pedra.  
Repousa uma garoa sobre a noite.  
Aceito no meu fado o escurecer.  
No fim da treva uma coruja entrava.

## 2.3

Escuto a cor dos peixes.  
Essa vegetação de ventos me inclementa.  
(Propendo para estúrdio?)  
O escuro enfraquece meu olho.  
Ó solidão, opulência da alma!  
No ermo o silêncio encorpa-se.  
A noite me diminui.  
Agora biguás prediletam bagres.  
Confesso meus bestamentos.  
Tenho vanglória de niquices.

.....  
(Dou necessidade às palavras?)

2.4

Um besouro se agita no sangue do poente.  
Estou irresponsável de meu rumo.  
Me parece que a hora está mais cega.  
Um fim de mar colore os horizontes.  
Cheiroso som de asas vem do sul.  
Eis varado de abril um martim-pescador!  
(Sou pessoa aprovada para nadas?)  
Quero apalpar meu ego até gozar em mim.  
Ó açucenas arregacadas.  
Estou só e socó.

2.5

Ando muito completo de vazios.  
Meu órgão de morrer me predomina.  
Estou sem eternidades.  
Não posso mais saber quando amanheço ontem.  
Está rengo de mim o amanhecer.  
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.  
Atrás do ocaso fervem os insetos.  
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu destino.  
Essas coisas me mudam para cisco.  
A minha independência tem algemas.

2.6

As sujidades deram cor em mim.  
Estou deitado em compostura de águas.  
Na posição de múmia me acomodo.

Não uso morrimentos de teatro.  
Minha luta não é por frontispícios.  
O desenho do céu me indetermina.  
O viço de um jacinto me engalana.  
O fim do dia aumenta meu desolo.  
Às vezes passo por desfolhamentos.  
Vou desmorrer de pedra como um frade.

2.7

O ocaso me ampliou para formiga.  
Aqui no ermo estrela bota ovo.  
Melhoro com meu olho o formato de um peixe.  
Uma ave me aprende para inútil.  
A luz de um vaga-lume se reslumbra.  
Quero apalpar o som das violetas.  
Ajeito os ombros para entardecer.  
Vou encher de intumências meu deserto.  
Sou melhor preparado para osga.  
O infinito do escuro me perena.

TERCEIRO DIA

3.1

Passa um galho de pau movido a borboletas:  
Com elas celebro meu órgão de ver.  
Inclino a fala para uma oração.  
Tem um cheiro de malva esta manhã.  
Hão de nascer tomilhos em meus sinos.  
(Existe um tom de mim no anteceder?)  
Não tenho mecanismos para santo.  
Palavra que eu uso me inclui nela.

Este horizonte usa um tom de paz.  
Aqui a aranha não denigre o orvalho.

### 3.2

Espremida de garças vai a tarde.  
O dia está celeste de garrinchas.  
A cor de uma esperança me garrincha.  
Engastado em meu verbo está seu ninho.  
O ninho está febril de epifanias.  
(Com a minha fala desnaturado os pássaros?)  
Um tordo atrasa o amanhecer em mim.  
Quero haver a umidez de uma fala de rã.  
Quero enxergar as coisas sem feito.  
Minha voz inaugura os sussurros.

### 3.3

Este ermo não tem nem cachorro de noite.  
É tudo tão repleto de nadeiras.  
Só escuto as paisagens há mil anos.  
Chegam aromas de amanhã em mim.  
Só penso coisas com efeitos de antes.  
Nas minhas memórias enterradas  
    Vão achar muitas conchas ressoando...  
Seria o areal de um mar extinto  
    Este lugar onde se encostam cágados?  
Deste lado de mim parou o limo  
E de outro lado uma andorinha benta.  
Eu sou beato nesse passarinho.

### 3.4

O azul me descortina para o dia.  
Durmo na beira da cor.



Vejo um ovo de anu atrás do outono.  
.....  
(Eu tenho amanhecimentos precoces?)  
.....  
Cresce destroço em minhas aparências.  
Nesse destroço finco uma açucena.  
(É um cágado que empurra estas distâncias?)  
A chuva se engalana em arco-íris.  
Não sei mais calcular a cor das horas.  
As coisas me ampliaram para menos.

### 3.5

A lua faz silêncio para os pássaros,  
— eu escuto esse escândalo!  
Um perfume vermelho me pensou.  
(Eu contamina a luz do anoitecer?)  
Esses vazios me restritam mais.  
Alguns pedaços de mim já são desterro.  
.....  
(É a sensatez que aumenta os absurdos?)  
De noite bebo água de merenda.  
Me mantimento de ventos.  
Descomo sem opulências...  
Desculpe a delicadeza.

### 3.6

Nuvens me cruzam de arribação.  
Tenho uma dor de concha extraviada.  
Uma dor de pedaços que não voltam.  
Eu sou muitas pessoas destroçadas.  
.....  
.....

Diviso ao longe um ombro de barranco.  
E encolhidos na areia uns jaburus.  
Chego mais perto e estremeço de espírito.  
Enxergo a Aldeia dos Guanás.  
Imbico numa lata enferrujada.  
Um sabiá me aleluia.

FIM

3ª parte

## MUNDO PEQUENO

*Aromas de tomilhos  
dementam cigarras.*

SOMBRA-BOA

I

O mundo meu é pequeno, Senhor.  
Tem um rio e um pouco de árvores.  
Nossa casa foi feita de costas para o rio.  
Formigas recortam roseiras da avó.  
Nos fundos do quintal há um menino e suas latas  
maravilhosas.  
Seu olho exagera o azul.  
Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas  
com aves.  
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os  
besouros pensam que estão no incêndio.  
Quando o rio está começando um peixe,  
Ele me coisa  
Ele me rã  
Ele me árvore.  
De tarde um velho tocará sua flauta para inverter os  
ocazos.

## II

Conheço de palma os dementes de rio.  
Fui amigo do Bugre Felisdônio, de Ignácio Rayzama  
e de Rogaciano.  
Todos catavam pregos na beira do rio para enfiar no  
horizonte.  
Um dia encontrei Felisdônio comendo papel nas  
ruas de Corumbá.  
Me disse que as coisas que não existem são mais  
bonitas.

## III

Retrato de um poste mal afincado ele era.  
Sendo um vaqueiro entrementes; peão de campo.  
No jeito comprido de estar em pé seu corpo fazia  
três curvas no ar.  
Usava um defeito de ave no lábio.  
Desde o vilarejo em que nasceu podia alcançar o  
cheiro das árvores.  
Esse Malafincado:  
Sempre nos pareceu feito de restos.  
Ventos o amontoavam como folhas.  
Foi sempre convidado a fazer parte de arrebóis.  
(Sintomático de tordos era o seu amanhecer.)  
Falava em via de hinos —  
Mas eram coisas desnobres como intestinos de  
moscas que se mexiam por dentro de suas  
palavras.  
Gostava de desnomear:  
Para falar barranco dizia: lugar onde avestruz esbarra.  
Rede era vasilha de dormir.

Traços de letras que um dia encontrou nas pedras de  
uma gruta, chamou: desenhos de uma voz.  
Penso que fosse um escorço de poeta.

#### IV

Caçador, nos barrancos, de rãs entardecidas,  
Sombra-Boa entardece. Caminha sobre estratos de  
um mar extinto. Caminha sobre as conchas dos  
caracoos da terra. Certa vez encontrou uma voz sem  
boca. Era uma voz pequena e azul. Não tinha boca  
mesmo. “Sonora voz de uma concha”, ele disse.  
Sombra-Boa ainda ouve nestes lugares  
conversamentos de gaivotas. E passam navios  
caranguejeiros por ele, carregados de lodo.  
Sombra-Boa tem hora que entra em pura  
decomposição lírica: “Aromas de tomilhos  
dementam cigarras”. Conversava em Guató, em  
Português, e em Pássaro.  
Me disse em língua-pássaro: “Anhumas premunem  
mulheres grávidas, três dias antes do inturgescer”.  
Sombra-Boa ainda fala de suas descobertas:  
“Borboletas de franjas amarelas são fascinadas por  
dejectos”. Foi sempre um ente abençoado a garças.  
Nascera engrandecido de nadezas.

#### V

Esses lagartos curimpãpãs têm índole tropical.  
Tornam-se no mês de agosto amortecidos e idiotas  
Ao ponto que se deixam passar por cima como  
pedras.  
Ao ponto que se deixam atravessar por caminhões.

Aparecem de sempre esses lagartos encostados em  
muros decadentes —  
Onde se criam devassos.  
Bem assim por exemplo:  
Formiga puxou um pedaço de rio para ela e tomou  
banho em cima.  
Lagarto curimpãpã assistiu o banho com luxúria no  
olho encapado.  
Depois se escondeu debaixo de um tronco.  
(Tem um tipo de árvores que dão pros lagartos.)  
Alguns atravessam invernos que os pássaros morrem.  
Borboletas translúcidas ficam estancadas no  
tronco das árvores —  
Se enxergam por perto os curimpãpãs.  
Mas todos sabemos que esses lagartos curimpãpãs  
são pouco favorecidos de horizontes.  
Enxergam tão pequeno que às vezes pensam que a  
gente é árvore e nem se mexem.  
Nos barrancos há riscos de suas manguaras.  
E se estão em aflição de espírito — combustam!  
(Essas notícias foram colhidas por volta de 1944,  
entre os índios chiquitanos, na Bolívia.)  
Águas estavam iniciando rãs.

## VI

De primeiro as coisas só davam aspecto  
Não davam ideias.  
A língua era incorporante.  
Mulheres não tinham caminho de criança sair  
Era só concha.\*

\* Era só concha: está nas Lendas em Nheengatu e Português, na *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, v. 154.

Depois é que fizeram o vaso da mulher com uma  
abertura de cinco centímetros mais ou menos.  
(E conforme o uso aumentava.)  
Ao vaso da mulher passou-se mais tarde a chamar  
com lítera elegância de urna consolata.  
Esse nome não tinha nenhuma ciência brivante  
Só que se pôs a provocar incêndio a dois.  
Vindo ao vulgar mais tarde àquele vaso se deu o  
nome de cona  
Que, afinal das contas, não passava de concha mesmo.

## VII

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas  
leituras não era a beleza das frases, mas a doença  
delas.  
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor,  
esse gosto esquisito.  
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.  
— Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável,  
o Padre me disse.  
Ele fez um limpamento em meus receios.  
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença,  
pode muito que você carregue para o resto da  
vida um certo gosto por nadas...  
E se riu.  
Você não é de bugre? — ele continuou.  
Que sim, eu respondi.  
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em  
estradas —  
Pois é nos desvios que encontra as melhores  
surpresas e os ariticuns maduros.  
Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.

### VIII

Toda vez que encontro uma parede  
ela me entrega às suas lesmas.  
Não sei se isso é uma repetição de mim ou das  
lesmas.  
Não sei se isso é uma repetição das paredes ou de  
mim.  
Estarei incluído nas lesmas ou nas paredes?  
Parece que lesma só é uma divulgação de mim.  
Penso que dentro de minha casca  
não tem um bicho:  
Tem um silêncio feroz.  
Estico a timidez da minha lesma até gozar na pedra.

### IX

Tudo o que se há de dizer aqui sobre capivaras, nem as mentiras podem ser comprovadas. Se esfregam nas árvores de tarde antes do amor. Se amam sem ocupar beijos. Excitadas se femeiam por baixo dos balseiros. E ali se aleluíam. O cisco das raízes aquáticas e a bosta dos passarinhos se acumulam no lombo das capivaras. Dali se desprende ao meio-dia forte calor de ordumes larvais. No lombo se criam mosquitos monarcas, daqueles de exposição, que furam até vidros e abaixam pratos de balança. É vezo de dizer-se então que capivara é um bicho insetoso. Porquanto favorecem a estima dos pássaros, sobretudo dos bentevis que lhes almoçam larvas ao



lombo. Coisa que todo mundo gosta, tirante as capivaras, é de flor. Pelo que já não entendo, existem razões particulares ou individuais que expliquem tal desgosto das capivaras por flor? Todas guardam água no olho.

## X

Andaleço era o navio Etrúria. Se achava.  
Ele tinha incumbências para água.  
Crescera que nem craca nos cascos dos navios.  
Se houvesse de escolher entre uma coisa e outra  
ficasse deitado sobre nenhuma.  
A doce independência de não escolher!  
(Se a palavra é a posse da coisa nomeada, o Etrúria  
era ele mesmo, o Andaleço.)  
À noite caçava seu de-comer nas grotas.  
O que jantava eram bundas de gafanhoto com mel.  
Estóreas de Andaleço fascinavam os meninos.  
O irmão-preto falou: Etrúria deve ser um lugar sem  
melancia!

## XI

O mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água e luz. Depois árvore. Depois lagartixas. Apareceu um homem na beira do rio. Apareceu uma ave na beira do rio. Apareceu a concha. E o mar estava na concha. A pedra foi descoberta por um índio. O índio fez fósforo da pedra e inventou o fogo pra gente fazer boia. Um menino escutava o verme de uma planta, que era pardo. Sonhava-se muito com pererecas e com

mulheres. As moscas davam flor em março. Depois encontramos com a alma da chuva que vinha do lado da Bolívia — e demos no pé.

(Rogaciano era índio guató e me contou essa cosmologia.)

## XII

Bernardo é quase árvore.

Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem de longe.

E vêm pousar em seu ombro.

Seu olho renova as tardes.

Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho:

l abridor de amanhecer

l prego que farfalha

l encolhedor de rios — e

l esticador de horizontes.

(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.)

Bernardo desregula a natureza:

Seu olho aumenta o poente.

(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?)

## XIII

Estou atravessando um período de árvore.

O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho tem escórias de árvore.

O chão deseja meu olho vazado pra fazer parte do cisco que se acumula debaixo das árvores.

O chão tem gula de meu olho por motivo que meu  
olho possui um coisário de nadeiras.  
O chão tem gula de meu olho pelo mesmo motivo  
que ele tem gula por pregos por latas por folhas.  
A gula do chão vai comer o meu olho.  
No meu morrer tem uma dor de árvore.

#### XIV

De 1940 a 1946 vivi em lugares decadentes onde o  
mato e a fome tomavam conta das casas, dos seus  
loucos, de suas crianças e de seus bêbados.

Ali me anonimei de árvore.

Me arrastei por beiradas de muros cariados desde  
Puerto Suarez, Chiquitos, Oruros e Santa Cruz  
de La Sierra, na Bolívia.

Depois em Barranco, Tango Maria (onde conheci o  
poeta Cesar Vallejo), Orellana e Mocomonco  
— no Peru.

Achava que a partir de ser inseto o homem poderia  
entender melhor a metafísica.

Eu precisava de ficar pregado nas coisas vegetalmente  
e achar o que não procurava.

Naqueles relentos de pedra e lagartos, gostava de  
conversar com idiotas de estrada e maluquinhos  
de mosca.

Caminhei sobre grotas e lajes de urubus.

Vi outonos mantidos por cigarras.

Vi lamas fascinando borboletas.

E aquelas permanências nos relentos faziam-me  
alcançar os deslimites do Ser.

Meu verbo adquiriu espessura de gosma.

Fui adotado em lodo.

Já se viam vestígios de mim nos lagartos.  
Todas as minhas palavras já estavam consagradas de  
pedras.  
Dobravam-se lírios para os meus tropos.  
Penso que essa viagem me socorreu a pássaros.  
Não era mais a denúncia das palavras que me  
importava mas a parte selvagem delas, os seus  
refolhos, as suas entraduras.  
Foi então que comecei a lecionar andorinhas.

#### AUTORRETRATO FALADO

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.  
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da  
Marinha, onde nasci.  
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do  
chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.  
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de  
estar entre pedras e lagartos.  
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.  
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me  
sinto como que desonrado e fujo para o  
Pantanal onde sou abençoado a garças.  
Me procurei a vida inteira e não me achei — pelo  
que fui salvo.  
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.  
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de  
gado. Os bois me recriam.  
Agora eu sou tão ocaso!  
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só  
faço coisas inúteis.  
No meu morrer tem uma dor de árvore.

# LIVRO SOBRE NADA



## PRETEXTO

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma sua amiga em 1852. Li nas *Cartas exemplares* organizadas por Duda Machado. Ali se vê que o nada de Flaubert não seria o nada existencial, o nada metafísico. Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustente só pelo estilo. Mas o nada de meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc etc. O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora.





1ª parte

## ARTE DE INFANTILIZAR FORMIGAS

1.

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética. Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber.

A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos com palavras.

O truque era só virar bocó.

Como dizer: Eu pendurei um bentevi no sol...

O que disse Bugrinha: Por dentro de nossa casa passava um rio inventado.

O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem princípios.

Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor diminuído só para ele voar parado?

As distâncias somavam a gente para menos.

O pai campeava campeava.

A mãe fazia velas.

Meu irmão cangava sapos.

Bugrinha batia com uma vara no corpo do sapo e ele virava uma pedra.

Fazia de conta?

Ela era acrescentada de garças concluídas.

2.

O pai morava no fim de um lugar.  
Aqui é lacuna de gente — ele falou:  
Só quase que tem bicho andorinha e árvore.  
Quem aperta o botão do amanhecer é o arãquã.  
Um dia apareceu por lá um doutor formado: cheio  
de suspensórios e ademanes.  
Na beira dos brejos gaviões-caranguejeiros comiam  
caranguejos.  
E era mesma a distância entre as rãs e a relva.  
A gente brincava com terra.  
O doutor apareceu. Disse: Precisam de tomar  
anquilostomina.  
Perto de nós sempre havia uma espera de rolinhas.  
O doutor espantou as rolinhas.

3.

À mesa o doutor perorou: Vocês é que são felizes  
porque moram neste Empíreo.  
Meu pai cuspiu o *empíreo* de lado.  
O doutor falava bobagens conspícuas.  
Mano Preto aproveitou: Grilo é um ser imprestável  
para o silêncio.  
Mano Preto não tinha entidade pessoal, só coisal.  
(Seria um defeito de Deus?)  
A gente falava bobagens de à brinca, mas o doutor  
falava de à vera.  
O pai desbrincou de nós:  
Só o obscuro nos cintila.  
Bugrinha boquiabriu-se.

4.

Apenas de mês em mês aparecia uma carreta de mascate, puxada por 4 juntas de bois no fim daquele lugar. Levava caramelos, bolachinhas, pentes, argolas para laço, extrato Micravel, peças de algodoin para fazer saia branca, filó de mosqueteiro, vidros de arnica para curar machucaduras, brincos de peschibequê, — essas coisinhas sem santidade...

Nossa mãe comprava arnica e bolachinhas.

Dona Maria, mulher do Lara, comprava brincos e extrato Micravel.

Meu avô abastecia o abandono.

De tudo haveria de ficar para nós um sentimento longínquo de coisa esquecida na terra —

Como um lápis numa península.

5.

O menino de ontem me plange.

6.

Depois de ter entrado para rã, para árvore, para pedra — meu avô começou a dar germínios.

Queria ter filhos com uma árvore.

Sonhava de pegar um casal de lobisomem para ir vender na cidade.

Meu avô ampliava a solidão.

No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do

quintal: Meus filhos, o dia já envelheceu,<sup>1</sup> entrem pra dentro.

Um lagarto atravessou meu olho e entrou para o mato. Se diz que o lagarto entrou nas folhas, que folhou.

7.

Meu irmão veio correndo mostrar um brinquedo que inventara com palavras. Era assim:

*Besouros não trepam no abstrato.*

8.

Catre-Velho é um traste pessoal à toa.

Nossa mãe falava:

Não vale um cabelo.

Não serve nem pra remendo.

Só presta pra cantar e tocar violão.

Catre-Velho ensinava: A voz de um cantador tem que chegar a traste para ter grandezas...

Ele tinha uma voz de harpas destroçadas.

9.

Nos fundos da cozinha meu avô tentou cortar o phalo com o lado grosso da faca.

<sup>1</sup>*Aí a nossa mãe deu entidade pessoal ao dia. Ela deu ser ao dia. E ele envelheceu como um homem envelhece. Talvez fosse a maneira que a mãe encontrou para aumentar as pessoas daquele lugar que era lacuna de gente.*

Não cortou.  
Ia pinchar aos urubus.  
Não pinchou.  
Bem antes, em 1922, na Vila do Livramento, onde  
nascera, meu avô apregoava urinóis enferrujados.  
Ele subia no Coreto do Jardim:  
Olha o urinol enferrujado.  
Serve para o desuso pessoal de cada um.  
Já pertenceu de Dona Angida do Cocais, senhora de  
nobrementes.  
É barato e inútil.  
Quem se abastece?  
Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis.  
Seria um autodidata?  
Era o próprio indizível pessoal.

10.

*Diário de Bugrinha* (excertos)

1925

22.1

O nome de um passarinho que vive no cisco é joão-ninguém. Ele parece com Bernardo.

23.2

Lagartixas têm odor verde.

2.3

Formiga é um ser tão pequeno que não aguenta nem neblina. Bernardo me ensinou: Para infantilizar for-

migas é só pingar um pouquinho de água no coração delas. Achei fácil.

23.2

Quem ama exerce Deus — a mãe disse. Uma açucena me ama. Uma açucena exerce Deus?

2.3

Eu queria crescer pra passarinho...

5.3

A voz de meu avô arfa. Estava com um livro debaixo dos olhos. Vô! o livro está de cabeça pra baixo. Estou deslendo.

5.6

O frio se encolheu nos passarinhos. Ó noite congelada de jacintos! Eu estou transida de pétalas.

7.8

O pai trouxe do campo um filhote de urubu. Ele é branco e já fede.

12.8

As garças descem nos brejos que nem brisas. Todas as manhãs.

10.9

Um sapo feneceu 3 borboletas de uma vez atrás de casa. Ele fazia uma estultícia?

13.9

A mãe bateu no Mano Preto. Falou que eu não apanhava porque não dei motivo. Subi no pico do telha-

do para dar motivo. Aqui de cima do telhado a lua prateava. A mãe disse que aquilo não era motivo.

19.9

Uma égua iniciava meu irmão. O pai ralhou com ele. Meu irmão foi entrando para inseto até desaparecer. Ficou dentro do mato até amanhã.

1.10

Bernardo fala com pedra, fala com nada, fala com árvore. As plantas querem o corpo dele para crescer por sobre. Passarinho já faz poleiro na sua cabeça.

11.11

A mãe disse que Bernardo é bocó. Uma pessoa sem pensa.

5.2

Sem chuvas, já reparei, as andorinhas perdem o poder de voar livres.

29.2

Hoje o Lara morreu picado de cobra. Fizeram seu caixão de costaneiras. Meu avô encostou no caixão. Ué, eu que morri e quem está no caixão é o Lara! Meu avô enxergava mal.

2.1.1926

Catre-Velho é um ser confortável para moscas. Ele nem espanta algumas.

12.1

Choveu de noite até encostar em mim. O rio deve estar mais gordo. Escutei um perfume de sol nas águas.

1.3

As árvores me começam.

1.4

Uma violeta me pensou. Me encostei no azul de sua tarde.

10.4

Os patos prolongam meu olhar... Quando passam levando a tarde para longe eu acompanho...

21.4

Pensar que a gente cessa é íngreme. Minha alegria ficou sem voz.

22.4

Hoje completei 10 anos. Fabriquei um brinquedo com palavras. Minha mãe gostou. É assim:  
*De noite o silêncio estica os lírios.*

FIM



2ª parte

## DESEJAR SER

*O maior apetite do homem é  
desejar ser. Se os olhos veem  
com amor o que não é, tem ser.*

PADRE ANTÔNIO VIEIRA  
em *Paixões humanas*

1.

Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.

2.

Prefiro as linhas tortas, como Deus. Em menino eu sonhava de ter uma perna mais curta (Só pra poder andar torto). Eu via o velho farmacêutico de tarde, a subir a ladeira do beco, torto e deserto... toc ploc toc ploc. Ele era um destaque.

Se eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo haveria de olhar para mim: lá vai o menino torto subindo a ladeira do beco toc ploc toc ploc.

Eu seria um destaque. A própria sagração do Eu.

3.

Não é por me gavar  
                  mas eu não tenho esplendor.  
Sou referente pra ferrugem  
                  mais do que referente pra fulgor.  
Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.  
O que presta não tem confirmação,  
                  o que não presta, tem.  
Não serei mais um pobre-diabo que sofre de nobrezas.  
Só as coisas rasteiras me celestam.  
Eu tenho cacoete pra vadio.  
As violetas me imensam.

4.

Escrevo o idioleto manoelês arcaico<sup>1</sup> (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável do que o solene. (Para limpar das palavras alguma solenidade — uso bosta.) Sou muito higiênico. É pois. O que ponho de cerebral nos meus escritos é apenas uma vigilância pra não cair na tentação de me achar menos tolo que os outros. Sou bem conceituado para parvo. Disso forneço certidão.

<sup>1</sup>*Falar em arcaico: aprecio uma desviação ortográfica para o arcaico. Estâmago por estômago. Celeusma por celeuma. Seja este um gosto que vem de detrás. Das minhas memórias fósseis. Ouvir estâmago produz uma ressonância atávica dentro de mim. Coisa que sonha de retravés.*

5.

Sou um sujeito cheio de recantos.  
Os desvãos me constam.  
Tem hora leio avencas.  
Tem hora, Proust.  
Ouço aves e beethovens.  
Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.

O dia vai morrer aberto em mim.

6.

Carrego meus primórdios num andar.  
Minha voz tem um vício de fontes.  
Eu queria avançar para o começo.  
Chegar ao criancamento das palavras.  
Lá onde elas ainda urinam na perna.  
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.  
Quando a criança garatuja o verbo para falar o que  
não tem.  
Pegar no estame do som.  
Ser a voz de um lagarto escurecido.  
Abrir um descortínio para o arcano.

7.

Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras.  
Sou formado em desencontros.  
A sensatez me absurda.  
Os delírios verbais me terapeutam.  
Posso dar alegria ao esgoto (palavra aceita tudo).

(E sei de Baudelaire que passou muitos meses tenso porque não encontrava um título para os seus poemas. Um título que harmonizasse os seus conflitos. Até que apareceu *Flores do mal*. A beleza e a dor. Essa antítese o acalmou.)

As antíteses congraçam.

8.

Nasci para administrar o à toa  
o em vão  
o inútil.

Pertenço de fazer imagens.

Opero por semelhanças.

Retiro semelhanças de pessoas com árvores  
de pessoas com rãs  
de pessoas com pedras  
etc etc.

Retiro semelhanças de árvores comigo.

Não tenho habilidade pra clarezas.

Preciso de obter sabedoria vegetal.

(Sabedoria vegetal é receber com naturalidade uma rã no talo.)

E quando esteja apropriado para pedra, terei também sabedoria mineral.

9.

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá  
mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força  
existem  
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de  
adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

10.

Mosca dependurada na beira de um ralo —  
Acho mais importante do que uma joia pendente.

Os pequenos invólucros para múmias de passarinhos  
que os antigos egípcios faziam  
Acho mais importante do que o sarcófago de Tutan-  
câmon.

O homem que deixou a vida por se sentir um esgoto —  
Acho mais importante do que uma Usina Nuclear.  
Aliás, o cu de uma formiga é também muito mais  
importante do que uma Usina Nuclear.

As coisas que não têm dimensões são muito impor-  
tantes.

Assim, o pássaro *tu-you-you* é mais importante por seus  
pronomes do que por seu tamanho de crescer.

É no ínfimo que eu vejo a exuberância.

11.

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar:  
quando cheias de areia de formiga e musgo — elas  
podem um dia milagrar de flores.

(Os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.)

Também as latrinas desprezadas que servem para ter  
grilos dentro — elas podem um dia milagrar violetas.

(Eu sou beato em violetas.)

Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam  
a Deus.

Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!

(O abandono me protege.)

12.

Vi um prego do Século XIII, enterrado até o meio  
numa parede de 3 x 4, branca, na XXIII Bienal de Ar-  
tes Plásticas de São Paulo, em 1994.

Meditei um pouco sobre o prego.

O que restou por decidir foi: se o objeto enferrujado  
seria mesmo do Século XIII ou do XII?

Era um prego sozinho e indiscutível.

Podia ser um anúncio de solidão.

Prego é uma coisa indiscutível.

13.

Venho de nobres que empobreceram.  
Restou-me por fortuna a soberbia.  
Com esta doença de grandezas:  
Hei de monumentar os insetos!  
(Cristo monumentou a Humildade quando beijou os  
pés dos seus discípulos.  
São Francisco monumentou as aves.  
Vieira, os peixes.  
Shakespeare, o Amor, A Dúvida, os tolos.  
Charles Chaplin monumentou os vagabundos.)  
Com esta mania de grandeza:  
Hei de monumentar as pobres coisas do chão mijadas  
de orvalho.

14.

O que não sei fazer desmancho em frases.  
  
Eu fiz o nada aparecer.  
  
(Represente que o homem é um poço escuro.  
Aqui de cima não se vê nada.  
Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver  
o nada.)  
  
Perder o nada é um empobrecimento.

FIM





3ª parte

## O LIVRO SOBRE NADA

É mais fácil fazer da tolice um regalo do que da sensatez.

•

Tudo que não invento é falso.

•

Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.

•

Tem mais presença em mim o que me falta.

•

Melhor jeito que achei para me conhecer foi fazendo o contrário.

•

Sou muito preparado de conflitos.

•

Não pode haver ausência de boca nas palavras:  
nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.

•

O meu amanhecer vai ser de noite.

•

Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar  
noção.

•

O que sustenta a encantação de um verso (além do  
ritmo) é o ilogismo.

•

Meu avesso é mais visível do que um poste.

•

Sábio é o que adivinha.

•

Para ter mais certezas tenho que me saber de  
imperfeições.

•

A inércia é meu ato principal.

•

Não saio de dentro de mim nem pra pescar.

•

Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore.

•

Estilo é um modelo anormal de expressão: é estigma.

•

Peixe não tem honras nem horizontes.

•

Sempre que desejo contar alguma coisa, não faço nada;  
mas quando não desejo contar nada, faço poesia.

•

Eu queria ser lido pelas pedras.

•

As palavras me escondem sem cuidado.

•

Aonde eu não estou as palavras me acham.

•

Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que  
são inventadas.

•

Uma palavra abriu o roupão pra mim. Ela deseja que  
eu a seja.

•

A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem  
a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.

•

Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos.

•

Esta tarefa de cessar é que puxa minhas frases para  
antes de mim.

•

Ateu é uma pessoa capaz de provar cientificamente que não é nada. Só se compara aos santos. Os santos querem ser os vermes de Deus.

•

Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade.

•

O artista é um erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito.

•

Por pudor sou impuro.

•

O branco me corrompe.

•

Não gosto de palavra acostuada.

•

A minha diferença é sempre menos.

•

Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.

•

Não preciso do fim para chegar.

•

Do lugar onde estou já fui embora.

FIM

4ª parte

## OS OUTROS: O MELHOR DE MIM SOU ELES

*Nota: Um tempo antes de conhecer Picasso, eu tinha visto na aldeia boliviana de Chiquitos, perto de Corumbá, uma pintura meio primitiva de Rômulo Quiroga. Era um artista iluminado e um ser obscuro. Ele mesmo inventava as suas tintas. Trazia dos cerrados: seiva de casca de angico (era o seu vermelho); caldos de lagartas (era o seu verde); polpa de jatobá maduro (era o seu amarelo). Usava pocas de piranha derretidas para dar liga aos seus pigmentos. Pintava sobre sacos de aniagem. Mostrou-me um ancião de cara verde que havia pintado. Eu disse: mas verde não é a cor da esperança? Como pode estar em rosto de ancião? A minha cor é psíquica — ele disse. E as formas incorporantes. Lembrei que Picasso depois de ver as formas bisônticas na África, rompeu com as formas naturais, com os efeitos de luz natural, com os conceitos de espaço e de perspectiva, etc etc. E depois quebrou planos, ao lado de Braque, propôs a simultaneidade das visões, a cor psíquica e as formas incorporantes. Agora penso em Rômulo Quiroga. Ele foi apenas e só uma paz na terra. Mas eu vi latejar rudemente nos seus traços milagres de Klee. Salvo não seja.*

### AS LIÇÕES DE R.Q.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um  
formato de pássaro.  
Arte não tem pensa:  
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.  
É preciso transver o mundo.  
Isto seja:  
Deus deu a forma. Os artistas desformam.  
É preciso desformar o mundo:  
Tirar da natureza as naturalidades.  
Fazer cavalo verde, por exemplo.  
Fazer noiva camponesa voar — como em Chagall.

Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por  
aí a desformar.

Até já inventei mulher de 7 peitos para fazer vaginação  
comigo.

## MÁRIO REVISITADO

Mário-pega-sapo, de noite, abria em casa todos os sapos  
que pegava durante o dia em banhados, nos barrancos,  
nos monturos, nos porões, nos terrenos baldios, debai-  
xo de caixas d'água.

Abria um por um de canivete os sapos para ler nas  
entranhas deles o seu futuro (do Mário).

Eu pensava que aquele Mário-pega-sapo fosse um des-  
cendente dos arúspices (sacerdotes romanos que adivi-  
nhavam o futuro remexendo no altar as entranhas de  
seus inimigos).

Em todos os velórios da cidade Mário se compungia  
como se fosse o dono do defunto. Seria uma transfe-  
rência?

Tentei descobrir na alma de Mário alguma coisa mais profunda do que não saber nada sobre as coisas profundas.

Consegui não descobrir.

#### ELEGIA DE SEO ANTÔNIO NINGUÉM<sup>1</sup>

Sou um sujeito desacontecido  
rolando borra abaixo como bosta de cobra.  
Fui relatado no capítulo da borra.  
Em aba de chapéu velho só nasce flor taciturna.  
Tudo é noite no meu canto.  
(Tinha a voz encostada no escuro. Falava putamente.)  
Estou sem eternidades.  
Não tenho mais cupidez.  
Ando cheio de lodo pelas juntas como os velhos navios naufragados.  
Não sirvo mais pra pessoa.  
Sou uma ruína concupiscente.  
Crescem ortigas sobre meus ombros.  
Nascem goteiras por todo canto.  
Entram morcegos aranhas gafanhotos na minha alma.  
Nos lepramentos dos rebocos dormem baratas torvas.  
Falo sem alamares.  
Meu olhar tem odor de extinção.  
Tenho abandonos por dentro e por fora.  
Meu desnome é Antônio Ninguém.  
Eu pareço com nada parecido.

<sup>1</sup> Nota: Conheci o Antônio Ninguém através do grande poeta brasileiro Douglas Diegues.

## UM FILÓSOFO DE BECO

Bola-Sete é filósofo de beco.

Marimbondo faz casa no seu grenho — ele nem zine.

Eu queria fazer a biografia do orvalho — me disse.

E dos becos também.

É preciso refazer os becos, Senhor!

O beco é uma instituição que une o escuro do homem com a indigência do lugar.

O beco é um lugar que eleva o homem até o seu melhor aniquilamento.

Um anspeçada, amigo meu, de aspecto moscal, só encontrou a salvação nos becos.

Antoninha-me-leva era Eminência nos becos de Co-rumbá.

Senhor, quem encherá os bolsos de guimbas, de tampinhas de cerveja, de vidrinhos de guardar moscas — senão os tontos de beco?

E quem levará para casa todos os dias de tarde a mesma solidão — senão os doidos de beco?

(Algum doido de beco me descende?)

A.B. DO R.

Arthur Bispo do Rosário se proclamava Jesus. Sua obra era ardente de restos: estandartes podres, lençóis encardidos, botões cariados, objetos mumificados, fardões da Academia, Miss Brasil, suspensórios de doutores — coisas apropriadas ao abandono. Descobri entre seus objetos um buquê de pedras com flor. Esse Arthur Bispo do Rosário acreditava em nada e em Deus.



## O ANDARILHO

Eu já disse quem sou Ele.  
Meu desnome é Andaleço.  
Andando devagar eu atraso o final do dia.  
Caminho por beiras de rios conchosos.  
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.  
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.  
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)  
Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita.  
Os loucos me interpretam.  
A minha direção é a pessoa do vento.  
Meus rumos não têm termômetro.  
De tarde arborizo pássaros.  
De noite os sapos me pulam.  
Não tenho carne de água.  
Eu pertença de andar atoamente.  
Não tive estudamento de tomos.  
Só conheço as ciências que analfabetam.  
Todas as coisas têm ser?<sup>1</sup>  
Sou um sujeito remoto.  
Aromas de jacintos me infinitam.  
E estes ermos me somam.

<sup>1</sup>Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntes como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar.



RETRATO DO ARTISTA  
QUANDO COISA



RETRATO DO ARTISTA  
QUANDO COISA

*Não ser é outro ser.*  
FERNANDO PESSOA

1

Retrato do artista quando coisa: borboletas  
Já trocam as árvores por mim.  
Insetos me desempenham.  
Já posso amar as moscas como a mim mesmo.  
Os silêncios me praticam.  
De tarde um dom de latas velhas se atraca  
em meu olho  
Mas eu tenho predomínio por lírios.  
Plantas desejam a minha boca para crescer  
por de cima.  
Sou livre para o desfrute das aves.  
Dou meiguice aos urubus.  
Sapos desejam ser-me.  
Quero cristianizar as águas.  
Já enxergo o cheiro do sol.

Bom é corromper o silêncio das palavras.  
Como seja:

1. *Uma rã me pedra.* (A rã me corrompeu para pedra. Retirou meus limites de ser humano e me ampliou para coisa. A rã se tornou o sujeito pessoal da frase e me largou no chão a criar musgos para tapete de insetos e de frades.)
2. *Um passarinho me árvore.* (O passarinho me transgrediu para árvore. Deixou-me aos ventos e às chuvas. Ele mesmo me bosteia de dia e me desperta nas manhãs.)
3. *Os jardins se borboletam.* (Significa que os jardins se esvaziaram de suas sépalas e de suas pétalas? Significa que os jardins se abrem agora só para o buliço das borboletas?)
4. *Folhas secas me outonam.* (Folhas secas que foram o chão das tardes me transmudaram para outono? Eu sou meu outono.)

Gosto de viajar por palavras do que de trem.

Há um cio vegetal na voz do artista.  
Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto  
de alcançar o murmúrio das águas nas folhas  
das árvores.  
Não terá mais o condão de refletir sobre as  
coisas.  
Mas terá o condão de sê-las.  
Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos,  
passarinhos...  
Nos restos de comida onde as moscas governam  
ele achará solidão.  
Será arrancado de dentro dele pelas palavras  
a torquês.  
Sairá entorpecido de haver-se.  
Sairá entorpecido e escuro.  
Ver sambixuga entorpecida gorda pregada na  
barriga do cavalo —  
Vai o menino e fura de canivete a sambixuga:  
Escorre sangue escuro do cavalo.  
Palavra de um artista tem que escorrer  
substantivo escuro dele.  
Tem que chegar enferma de suas dores, de seus  
limites, de suas derrotas.  
Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de  
enxergar no olho de uma garça os perfumes do  
sol.

4

Uso um deformante para a voz.  
Em mim funciona um forte encanto a tontos.  
Sou capaz de inventar uma tarde a partir de  
uma garça.  
Sou capaz de inventar um lagarto a partir de  
uma pedra.  
Tenho um senso apurado de irresponsabilidades.  
Não sei de tudo quase sempre quanto nunca.  
Experimento o gozo de criar.  
Experimento o gozo de Deus.  
Faço vaginação com palavras até meu retrato  
aparecer.  
Apareço de costas.  
Preciso de atingir a escuridão com clareza.  
Tenho de laspear verbo por verbo até alcançar  
o meu aspro.  
Palavras têm que adoecer de mim para que se  
tornem mais saudáveis.  
Vou sendo incorporado pelas formas pelos  
cheiros pelo som pelas cores.  
Deambulo aos esgarços.  
Vou deixando pedaços de mim no cisco.  
O cisco tem agora para mim uma importância  
de Catedral.

5

Pote Cru é meu Pastor. Ele me guiará.  
Ele está comprometido de monge.  
De tarde deambula no azedal entre torsos de  
cachorro, trampas, trapos, panos de regra, couros



de rato ao podre, vísceras de piranhas, baratas  
albinas, dalias secas, vergalhos de lagartos,  
linguetas de sapatos, aranhas dependuradas em  
gotas de orvalho etc. etc.  
Pote Cru, ele dormia nas ruínas de um convento.  
Foi encontrado em osso.  
Ele tinha uma voz de oratórios perdidos.

6

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.  
É um olhar para baixo que eu nasci tendo.  
É um olhar para o ser menor, para o  
insignificante que eu me criei tendo.  
O ser que na sociedade é chutado como uma  
barata — cresce de importância para o meu  
olho.  
Ainda não entendi por que herdei esse olhar  
para baixo.  
Sempre imagino que venha de ancestralidades  
machucadas.  
Fui criado no mato e aprendi a gostar das  
coisinhas do chão —  
Antes que das coisas celestiais.  
Pessoas pertencidas de abandono me comovem:  
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.

7

O lugar onde a gente morava era uma *Ilha*  
*Linguística*, no jargão dos Dialetoólogos (com  
perdão da má palavra).

Isto seja: que a gente morava em lugar isolado:  
núcleo de dez a vinte pessoas, onde poderia  
germinar um idioleto.  
Na enchente só entravam batelões e bois de sela  
que iam levar mantimentos.  
Senão a gente teria que chupar bocaiuva, comer  
ovo de ema e tirar mel de pau para sobremesa.  
Os anos passavam por longe, ninguém enxergava.  
Nas campinas só havia trilheiros de anta.  
Quase toda extensão era tomada por  
frangos-d'água.  
O resto ia no invento.  
Pois que inventar aumenta o mundo.  
A gente aprendia coisas de sexo vendo os  
cachorros emendados, vendo os cavalos nas  
éguas e os touros nas vacas.  
Camões chamava a isso “Venéreo ajuntamento”.  
Mas a gente não sabia de Camões e nem de  
venéreos.  
De novidade tinha por lá uma simpatia para  
obter namoro.  
Era rabo de lagartixa torrado.  
O pó se jogava nos cabelos da moça.  
Na primeira poção a moça cede — diziam.  
Mas a Ilha Linguística para nós ainda era um  
desnome.

8

Levei o Rosa na beira dos pássaros que fica no  
meio da Ilha Linguística.  
Rosa gostava muito de frases em que entrassem  
pássaros.

E fez uma na hora:  
A tarde está verde no olho das garças.  
E completou com Job:  
Sabedoria se tira das coisas que não existem.  
A tarde verde no olho das garças não existia  
mas era fonte do ser.  
Era poesia.  
Era o néctar do ser.  
Rosa gostava muito do corpo fônico das palavras.  
Veja a palavra bunda, Manoel  
Ela tem um bonito corpo fônico além do  
propriamente.  
Apresentei-lhe a palavra gravanha.  
Por instinto linguístico achou que gravanha seria  
um lugar entrançado de espinhos e bem  
empenhado de filhotes de gravatá por baixo.  
E era.  
O que resta de grandezas para nós são os  
desconheceres — completou.  
Para enxergar as coisas sem feito é preciso  
não saber nada.  
É preciso entrar em estado de árvore.  
É preciso entrar em estado de palavra.  
Só quem está em estado de palavra pode  
enxergar as coisas sem feito.

9

Havia no lugar um escorrer azul de água  
sobre as pedras do córrego.  
(Um escorrimento lírico.)  
Andava por lá um homem que fora desde  
criança comprometido para lata.

Andava entre rãs e borboletas.  
Me impressionou a preferência das andorinhas  
por ele.  
Era um sujeito esmolambado à feição de ser  
apenas uma coisa.  
Era um sujeito esmolambado à feição de ser  
apenas um trapo.  
Percebi que o homem sofria por dentro de uma  
enorme germinação de inércia.  
Uma inércia que até contaminava o seu andar  
e os seus trajos.

10

A gente se negava corromper-se aos bons  
costumes.  
A gente examinava a racha dura das lagartixas  
Só para brincar de ciência.  
A gente grosava a peça dos morcegos com o  
lado cego das facas  
Só para vê-los chiar com mais entusiasmo.  
Fazíamos meninagem com as priminhas à  
sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais  
Só de homenagem ao nosso Casimiro de Abreu.  
Não era mister de ser versado em Kant pra se  
saber que os passarinhos da mesma plumagem  
voam juntos.  
Nem era preciso ser versado em Darwin pra se  
saber que os carrapichos não pregam no vento.  
Que, depois:  
Sábio não é o homem que inventou a primeira  
bomba atômica.

Sábio é o menino que inventou a primeira  
lagartixa.

11

Sobre meu corpo se deitou a noite (como se  
eu fosse um lugar de paina).  
Mas eu não sou um lugar de paina.  
Quando muito um lugar de espinhos.  
Talvez um terreno baldio com insetos dentro.  
Na verdade eu nem tenho ainda o sossego de  
uma pedra.  
Não tenho os predicados de uma lata.  
Nem sou uma pessoa sem ninguém dentro —  
feito um osso de gado  
Ou um pé de sapato jogado no beco.  
Não consegui ainda a solidão de um caixote —  
tipo aquele engradado de madeira que o poeta  
Francis Ponge fez dele um objeto de poesia.  
Não sou sequer uma tapera, Senhor.  
Não sou um traste que se preze.  
Eu não sou digno de receber no meu corpo os  
orvalhos da manhã.

12

O rio cortava a tarde pelo meio.  
De um lado passeavam cavalos,  
De outro lado Passo-Triste, aves e borboletas.  
Passo-Triste tinha um gosto entre beato e bêbado.  
Uma espécie de ascese moscal o perseguia.

Andava favorável para coisas.  
Pedra ser, inseto ser era seu galardão.  
Sua casa era guardada por aves do que ferrolhos.  
Não tinha dente nem letras.  
Dava aos andrajos grandeza.  
Vivia desgualapado.  
Certa vez pegou moléstia de cobra e se arrastava  
de barriga nos lajedos.  
Cachorros faziam poste nele.  
Costava de encantações do que de informações.  
Passo-Triste é meu Pastor.  
Ele me guiará.

13

Desde criança ele fora prometido para lata  
Mas era merecido de águas de pedras de árvores  
de pássaros.  
Por isso quase alcançou ser mago.  
Nos apetrechos de Bernardo, que é o nome dele,  
achei um canivete de papel.  
Servia para não funcionar: na direção que um  
canivete de papel não funciona.  
Servia para não picar fumo.  
Servia para não cortar unha.  
Era bom para água mas obtuso para pedra.  
Havia outro estrupício nos guardados de Bernardo.  
Tratava-se de um *Guindaste para Mosca*.  
Esse engenho, pra bem funcionar, havia que estar  
ligado por uma correia aos ventos da manhã.  
Funcionava ao sabor dos ventos.  
Imitava uma instalação.  
Mas penso que seja um desobjeto artístico.

Remexo com um pedacinho de arame nas  
minhas memórias fósseis.  
Tem por lá um menino a brincar no terreiro:  
entre conchas, osso de arara, pedaços de pote,  
sabugos, asas de caçarolas etc.  
E tem um carrinho de bruços no meio do  
terreiro.  
O menino cangava dois sapos e os botava a  
puxar o carrinho.  
Faz de conta que ele carregava areia e pedras  
no seu caminhão.  
O menino também puxava, nos becos de sua  
aldeia, por um barbante sujo umas latas tristes.  
Era sempre um barbante sujo.  
Eram sempre umas latas tristes.  
O menino é hoje um homem douto que trata  
com física quântica.  
Mas tem nostalgia das latas.  
Tem saudades de puxar por um barbante sujo  
umas latas tristes.  
Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem  
douto encomendou uma árvore torta —  
Para caber nos seus passarinhos.

De tarde os passarinhos fazem árvore nele.

Sentado sobre uma pedra estava o homem  
desenvolvido a moscas.  
Ele me disse, soberano:

Estou a jeito de uma lata, de um cabelo, de um  
cadarço.  
Não tenho mais nenhuma ideia sobre o mundo.  
Acho um tanto obtuso ter ideias.  
Prefiro fazer vadiagem com letras.  
Ao fazer vadiagem com letras posso ver quanto  
é branco o silêncio do orvalho.

16

Agora só espero a despalavra: a palavra nascida  
para o canto — desde os pássaros.  
A palavra sem pronúncia, ágrafa.  
Quero o som que ainda não deu liga.  
Quero o som gotejante das violas de cocho.<sup>1</sup>  
A palavra que tenha um aroma ainda cego.  
Até antes do murmúrio.  
Que fosse nem um risco de voz.  
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.  
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma  
imagem.  
O antesmente verbal: a despalavra mesmo.

Nota 1 – Estão registrados nas anotações antropológicas do mestre Roquete-Pinto os *sons gotejantes* da viola de cocho. A expressão é conhecida entre os índios guatós da beira do Cracará. A viola de cocho é levianinha e só tem quatro cordas feitas de tripa de bugio. É com ela que se acompanha o cururu, dança de origem indígena, disseminada entre os ribeirinhos do Cuiabá e do rio Paraguaio.



## BIOGRAFIA DO ORVALHO

*Para encontrar o azul eu uso pássaros  
As letras fizeram-se para frases.*

MACHADO DE ASSIS

1

Este é um caderno de haver frases nele.  
Um rio passa perto.  
Estou sentado no barranco do rio.  
Emas no pátio engolem cobras.  
Uma formiga está de boca aberta para a tarde.  
As quatro patas da formiga tentam abraçar o sol.  
Na verdade, não sei se são as patas da formiga  
que tentam abraçar o sol  
Ou se são minhas frases que desejam fazer esse  
trabalho.  
Agora uma brisa me garça.  
E os arrebóis latejam.

2

Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:  
Vou pertencer você para uma árvore.  
E pertenceu-me.

Escuto o perfume dos rios.  
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.  
Sei botar cílio nos silêncios.  
Para encontrar o azul eu uso pássaros.  
Só não desejo cair em sensatez.  
Não quero a boa razão das coisas.  
Quero o feitiço das palavras.

3

As árvores velhas quase todas foram preparadas  
para o exílio das cigarras.  
Salustiano, um índio guató, me ensinou isso.  
E me ensinou mais: Que as cigarras do exílio  
são os únicos seres que sabem de cor quando a  
noite está coberta de abandono.  
Acho que a gente deveria dar mais espaço para  
esse tipo de saber.  
O saber que tem força de fontes.

4

Me achei como aqueles des-heróis de Callais  
que Rodin esculpiu: nus de seus orgulhos e  
de suas esperanças. Só de camisolões e de  
cordas no pescoço. Pesados de silêncio e da  
tarefa de morrer.

(Morrer é uma coisa indestrutível.)

5

Na língua dos pássaros uma expressão tinge  
a seguinte.  
Se é vermelha tinge a outra de vermelho.  
Se é alva tinge a outra dos lírios da manhã.  
É língua muito transitiva a dos pássaros.  
Não carece de conjunções nem de abotoaduras.  
Se comunica por encantamentos.  
E por não ser contaminada de contradições  
A linguagem dos pássaros  
Só produz gorjeios.

6

Caracol é uma casa que se anda  
E a lesma<sup>1</sup> é um ser que se reside.

7

Um dia me chamaram *primitivo*:  
Eu tive um êxtase.

Nota 1 – A fim de percorrer uma lesma desde o seu nascer até sua extinção, terei que aprender como é que ela recebe as manhãs, como é que ela anoitece. Terei de saber como é que ela reage ao sol, às chuvas, aos escuros, ao abismo, ao alarme dos papagaios. Vou ter que encostar o meu ventre no chão para o devido rastejo. Terei que produzir em mim a gosma dela a fim de lubrificar os caminhos da terra. Para percorrer uma lesma terei de exercitar o estercor com lubricidade. Terei de aprender a marcar com a minha saliva o chão dos poemas. E terei que aprender por final a arte de ser invadido ao mesmo tempo pelo orvalho e pela espuma dos sapos.

A lesma sabe de cor o lugar da manhã que se abre primeiro.

Igual a quando chamaram Fellini de *palhaço*:  
E Fellini teve um êxtase.

8

Ao ver o abandono da velha casa: o mato a crescer das paredes  
Ao ver os desenhos de mofo espalhados nos rebocos carcomidos  
Ao ver o mato a subir no fogão, nos retratos, nos armários  
E até na bicicleta do menino encostada no batente da casa  
Ao ver o musgo e os limos a tomar conta do batente  
Ao ver o abandono tão perto de mim que dava até para lamber  
Pensei em puxar o alarme  
Mas o alarme não funcionou.  
A nossa velha casa ficou para os morcegos e os gafanhotos.  
E os melões-de-são-caetano que subiram pelas paredes já estão dando seus frutos vermelhos.

9

Quando o mundo abandonar o meu olho.  
Quando o meu olho furado de belezas for esquecido pelo mundo.  
Que hei de fazer?

Quando o silêncio que grita de meu olho não  
for mais escutado.  
Que hei de fazer?  
Que hei de fazer se de repente a manhã voltar?  
Que hei de fazer?  
— Dormir, talvez chorar.

10

A menina apareceu grávida de um gavião.  
Veio falou para a mãe: O gavião me desmoçou.  
A mãe disse: Você vai parir uma árvore para  
a gente comer goiaba nela.  
E comeram goiaba.  
Naquele tempo de dantes não havia limites  
para ser.  
Se a gente encostava em ser ave ganhava o  
poder de alçar.  
Se a gente falasse a partir de um córrego  
a gente pegava murmúrios.  
Não havia comportamento de estar.  
Urubus conversavam sobre auroras.  
Pessoas viravam árvore.  
Pedras viravam rouxinóis.  
Depois veio a ordem das coisas e as pedras  
têm que rolar seu destino de pedra para o resto  
dos tempos.  
Só as palavras não foram castigadas com  
a ordem natural das coisas.  
As palavras continuam com os seus deslimites.

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou — eu não  
aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre  
portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que  
compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,  
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.

Perdoai.

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.

## 12 (Apêndice)

1. Ninguém consegue fugir do erro que veio.
2. Poema é lugar onde a gente pode afirmar  
que o delírio é uma sensatez.
3. A limpeza de um verso pode estar ligada a  
um termo sujo.
4. Por não ser contaminada de contradições a  
linguagem dos pássaros só produz gorjeios.
5. O início da voz tem formato de sol.
6. O dom de esculpir o orvalho só encontrei  
na aranha.
7. Pelos meus textos sou mudado mais do que  
pelo meu existir.
8. Não é por fazimentos cerebrais que se  
chega ao milagre estético senão que por  
instinto linguístico.

9. Sabedoria pode ser que seja ser mais estudado em gente do que em livros.
10. Quem se encosta em ser concha é que pode saber das origens do som.

FIM





ENSAIOS  
FOTOGRAFICOS



1ª parte

## ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

*Imagens não passam de  
incontinências do visual.*

JORGE LUIS BORGES

### O FOTÓGRAFO

Difícil fotografar o silêncio.  
Entretanto tentei. Eu conto:  
Madrugada a minha aldeia estava morta.  
Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre  
as casas.  
Eu estava saindo de uma festa.  
Eram quase quatro da manhã.  
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.  
Preparei minha máquina.  
O silêncio era um carregador?  
Estava carregando o bêbado.  
Fotografei esse carregador.  
Tive outras visões naquela madrugada.  
Preparei minha máquina de novo.  
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.  
Fotografei o perfume.  
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na  
pedra.

Fotografei a existência dela.  
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.  
Fotografei o perdão.  
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.  
Fotografei o sobre.  
Foi difícil fotografar o sobre.  
Por fim eu enxerguei a *Nuvem de calça*.  
Representou para mim que ela andava na aldeia de  
braços com Maiakovski — seu criador.  
Fotografei a *Nuvem de calça* e o poeta.  
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa  
mais justa para cobrir a sua noiva.  
A foto saiu legal.

## GORJEIOS

Gorjeio é mais bonito do que canto porque nele se  
inclui a sedução.  
É quando a pássara está enamorada que ela gorjeia.  
Ela se enfeita e bota novos meneios na voz.  
Seria como perfumar-se a moça para ver o namorado.  
É por isso que as árvores ficam loucas se estão gorjeadas.  
É por isso que as árvores deliram.  
Sob o efeito da sedução da pássara as árvores deliram.  
E se orgulham de terem sido escolhidas para o concerto.  
As flores dessas árvores depois nascerão mais perfumadas.

## O ROCEIRO

No clarear do dia vou para o roçado  
A capinar.

Até de tarde tiro o meu eito: arranco inços tranqueiras,  
joás e bosta de bugiu que não serve nem pra esterco.  
Abro a terra e boto as sementes.  
Deixo as sementes para a chuva enternecer.  
Dou um tempo.  
Retiro de novo as pragas: dejetos de aves, adjetivos.  
(Retiro os adjetivos porque eles enfraquecem as plantas)  
E deixo o texto a germinar sobre o branco do papel  
Na maior masturbação com as pedras e as rãs.

## LÍNGUAS

Contenho vocação pra não saber línguas cultas.  
Sou capaz de entender as abelhas do que alemão.  
Eu domino os instintos primitivos.

A única língua que estudei com força foi a portuguesa.  
Estudei-a com força para poder errá-la ao dente.

A língua dos índios Guatós é múrmura: é como se ao  
dentro de suas palavras corresse um rio entre pedras.

A língua dos Guaranis é gárrula: para eles é muito  
mais importante o rumor da palavras do que o sentido  
que elas tenham.  
Usam trinados até na dor.

Na língua dos Guanás há sempre uma sombra do  
charco em que vivem.  
Mas é língua matinal.  
Há nos seus termos réstias de um sol infantil.

Entendo ainda o idioma inconversável das pedras.  
É aquele idioma que melhor abrange o silêncio das  
palavras.

Sei também a linguagem dos pássaros — é só cantar.

#### O AFERIDOR

Tenho um Aferidor de Encantamentos.  
A uma açucena encostada no rosto de uma criança  
O meu Aferidor deu nota dez.  
Ao nomezinho de Deus no bico de uma sabiá  
O Aferidor deu nota dez.  
A uma fuga de Bach que vi nos olhos de uma criatura  
O Aferidor deu nota vinte.  
Mas a um homem sozinho no fim de uma estrada  
sentado nas pedras de suas próprias ruínas  
O meu Aferidor deu DESENCANTO.  
(O mundo é sortido, Senhor, como dizia meu pai.)

#### COMPARAMENTO

Os rios recebem, no seu percurso, pedaços de pau,  
folhas secas, penas de urubu  
E demais trombolhos.  
Seria como o percurso de uma palavra antes de  
chegar ao poema.  
As palavras, na viagem para o poema, recebem  
nossas torpezas, nossas demências, nossas vaidades.  
E demais escorralhas.

As palavras se sujam de nós na viagem.  
Mas desembarcam no poema escuras: como que  
filtradas.  
E livres das tripas do nosso espírito.

#### DESPALAVRA

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da  
despalavra.  
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades  
humanas.  
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades  
de pássaros.  
Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades  
de sapo.  
Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades  
de árvore.  
Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.  
Daqui vem que todos os poetas podem humanizar  
as águas.  
Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo  
com as suas metáforas.  
Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,  
podem ser pré-musgos.  
Daqui vem que os poetas podem compreender  
o mundo sem conceitos.  
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,  
por eflúvios, por afeto.

## NINGUÉM

Falar a partir de ninguém faz comunhão com as árvores  
Faz comunhão com as aves  
Faz comunhão com as chuvas  
Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios,  
com os ventos, com o sol, com os sapos.  
Falar a partir de ninguém  
Faz comunhão com borra  
Faz comunhão com os seres que incidem por andrajos.  
Falar a partir de ninguém  
Ensina a ver o sexo das nuvens  
E ensina o sentido sonoro das palavras.  
Falar a partir de ninguém  
Faz comunhão com o começo do verbo.

## O VENTO

Queria transformar o vento.  
Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.  
Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física  
do vento: uma costela, o olho...  
Mas a forma do vento me fugia que nem as formas  
de uma voz.  
Quando se disse que o vento empurrava a canoa do  
índio para o barranco  
Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a  
canoa do índio para o barranco.  
Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.  
Estava quase a desistir quando me lembrei do menino  
montado no cavalo do vento — que lera em  
Shakespeare.



Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos  
prados com o menino.  
Fotografei aquele vento de crinas soltas.

## MIRÓ

Para atingir sua expressão fontana  
Miró precisava de esquecer os traços e as doutrinas  
que aprendera nos livros.  
Desejava atingir a pureza de não saber mais nada.  
Fazia um ritual para atingir essa pureza: ia ao fundo  
do quintal à busca de uma árvore.  
E ali, ao pé da árvore, enterrava de vez tudo aquilo  
que havia aprendido nos livros.  
Depois depositava sobre o enterro uma nobre  
mijada florestal.  
Sobre o enterro nasciam borboletas, restos de  
insetos, cascas de cigarra etc.  
A partir dos restos Miró iniciava a sua engenharia  
de cores.  
Muitas vezes chegava a iluminuras a partir de um  
dejeito de mosca deixado na tela.  
Sua expressão fontana se iniciava naquela mancha  
escura.  
O escuro o iluminava.

## RUÍNA

Um monge descabelado me disse no caminho: “Eu  
queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruí-  
na é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer

alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo”. E o monge se calou descabelado.

#### BOLA SETE

Bola Sete não botava movimento.  
Era incansável em não sair do lugar.  
Igual o caranguejo de Buson que foi encontrado  
de manhã debaixo do mesmo céu de ontem.  
Pra compensar tinha laia de poeta.  
Dava qualidades de flor a uma rã.  
Dava às pessoas qualidades de água.  
Isso ele fazia com letras, não precisava se mover.  
Onde estava era ele, a manhã e suas garças;  
era ele, o acaso e suas cores; era ele, o riacho e suas  
margens; era ele, o horizonte e suas nuvens. Por aí.  
Passarinhos brincavam nas paisagens de sua janela.  
O mundo era perto.  
Bastava estender as mãos que chegava no fim do  
mundo.

Bola Sete não botava movimento.  
Era um sujeito desverbado que nem uma oração  
desverbada.

## RABELAIS

Por volta de 1532 andava pelas ruas de Paris o doido  
de Rabelais.  
O doido apregoava pregos enferrujados.  
Ele sabia o valor do que não presta.  
Rabelais chegaria a imaginar assim:  
Quem atinge o valor do que não presta é, no mínimo,  
Um sábio ou um poeta.  
É no mínimo alguém que saiba dar cintilância aos  
seres apagados.  
Ou alguém que possa frequentar o futuro das palavras.  
Vendo aquele maluco de rua a apregoar pregos  
enferrujados  
O nosso pensador imaginou que talvez quisesse  
aquele homem  
Anunciar as virtudes do inútil.  
(Rabelais já havia afirmado antesmente que poesia é  
uma virtude do inútil.)

## O PUNHAL

Eu vi uma cigarra atravessada pelo sol — como se  
um punhal atravessasse o corpo.  
Um menino foi, chegou perto da cigarra, e disse que  
ela nem gemia.  
Verifiquei com os meus olhos que o punhal estava  
atolado no corpo da cigarra

E que ela nem gemia!  
Fotografei essa metáfora.  
Ao fundo da foto aparece o punhal em brasa.

## O CASAMENTO

Tentei uma aventura linguística.  
Queria propor o enlace de um peixe com uma lata.  
Uma lata é uma lata é uma lata é uma lata.  
Busquei contiguidades verbais.  
Busquei contiguidades substantivas para fazer  
o casamento.  
A lata morava no quintal da minha casa entregue  
às suas ferrugens.  
E o peixe no rio.  
Veio um dia entrou uma enchente no quintal da  
minha casa.  
E levou a lata com ela.  
A lata ficou no fundo do rio.  
No fundo do rio as ferrugens são mais espessas.  
E a lata estava pegando craca no corpo.  
Deu-se que o peixe se enferrujou da lata.  
E penetrou em dentro nela.  
O peixe estava enferrujado (apaixonado) na lata.  
Penso que se deu um quiasmo: uma contaminação  
retórica do peixe com a lata.  
Houve o casamento.  
Moral da fábula: o peixe que não gozava de ser  
sucata quis gozar.

2ª parte

## ÁLBUM DE FAMÍLIA

*Eu te invento, ó realidade!*

CLARICE LISPECTOR

### AUTORRETRATO

Ao nascer eu não estava acordado, de forma que  
não vi a hora.  
Isso faz tempo.  
Foi na beira de um rio.  
Depois eu já morri 14 vezes.  
Só falta a última.  
Escrevi 14 livros  
E deles estou livrado.  
São todos repetições do primeiro.  
(Posso fingir de outros, mas não posso fugir de mim.)  
Já plantei dezoito árvores, mas pode que só quatro.  
Em pensamento e palavras namorei noventa moças,  
mas pode que nove.  
Produzi desobjetos, 35, mas pode que onze.  
Cito os mais bolinados: um alicate cremoso, um  
abridor de amanhecer, uma fivela de prender silêncios,  
um prego que farfalha, um parafuso de veludo etc etc.  
Tenho uma confissão: noventa por cento do que  
escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira.

Quero morrer no barranco de um rio: — sem moscas  
na boca descampada!

#### O POETA

Vão dizer que não existo propriamente dito.  
Que sou um ente de sílabas.  
Vão dizer que eu tenho vocação pra ninguém.  
Meu pai costumava me alertar:  
Quem acha bonito e pode passar a vida a ouvir o som  
das palavras  
Ou é ninguém ou zoró.  
Eu teria treze anos.  
De tarde fui olhar a Cordilheira dos Andes que  
se perdia nos longes da Bolívia  
E veio uma iluminura em mim.  
Foi a primeira iluminura.  
Daí botei meu primeiro verso:  
Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem.  
Mostrei a obra pra minha mãe.  
A mãe falou:  
Agora você vai ter que assumir as suas  
irresponsabilidades.  
Eu assumi: entrei no mundo das imagens.

#### A DOENÇA

Nunca morei longe do meu país.  
Entretanto padeço de lonjuras.  
Desde criança minha mãe portava essa doença.  
Ela que me transmitiu.

Depois meu pai foi trabalhar num lugar que dava  
essa doença nas pessoas.  
Era um lugar sem nome nem vizinhos.  
Diziam que ali era a unha do dedão do pé do fim  
do mundo.  
A gente crescia sem ter outra casa ao lado.  
No lugar só constavam pássaros, árvores, o rio e  
os seus peixes.  
Havia cavalos sem freios dentro dos matos cheios  
de borboletas nas costas.  
O resto era só distância.  
A distância seria uma coisa vazia que a gente  
portava no olho  
E que meu pai chamava exílio.

#### O PROVIDOR

Andar à toa é coisa de ave.  
Meu avô andava à toa.  
Não prestava pra quase nunca.  
Mas sabia o nome dos ventos  
E todos os assobios para chamar passarinhos.  
Certas pombas tomavam ele por telhado e passavam  
as tardes frequentando o seu ombro.  
Falava coisas pouco sisudas: que fora escolhido para  
ser uma árvore.  
Lírios o meditavam.  
Meu avô era tomado por lesos porque de manhã dava  
bom-dia aos sapos, ao sol, às águas.  
Só tinha receio de amanhecer normal.  
Penso que ele era provedor de poesia como as aves  
e os lírios do campo.

## O FINGIDOR

O ermo que tinha dentro do olho do menino era um defeito de nascença, como ter uma perna mais curta. Por motivo dessa perna mais curta a infância do menino mancava.

Ele nunca realizava nada.

Fazia tudo de conta.

Fingia que lata era um navio e viajava de lata.

Fingia que vento era cavalo e corria ventena.

Quando chegou a quadra de fugir de casa, o menino montava num lagarto e ia pro mato.

Mas logo o lagarto virava pedra.

Acho que o ermo que o menino herdara atrapalhava as suas viagens.

O menino só atingia o que seu pai chamava de ilusão.

## FORMIGAS

Não precisei de ler São Paulo, Santo Agostinho, São Jerônimo, nem Tomás de Aquino, nem São Francisco de Assis —

Para chegar a Deus.

Formigas me mostraram Ele.

(Eu tenho doutorado em formigas.)

## PALAVRAS

Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem. Eu desestruturo a linguagem? Vejamos: eu estou bem sentado num lugar. Vem uma palavra e tira o lugar de de-



baixo de mim. Tira o lugar em que eu estava sentado. Eu não fazia nada para que a palavra me desalojasse daquele lugar. E eu nem atrapalhava a passagem de ninguém. Ao retirar de debaixo de mim o lugar, eu desapareci. Ali só havia um grilo com a sua flauta de couro. O grilo feridava o silêncio. Os moradores do lugar se queixavam do grilo. Veio uma palavra e retirou o grilo da flauta. Agora eu pergunto: quem desestruturou a linguagem? Fui eu ou foram as palavras? E o lugar que retiraram de debaixo de mim? Não era para terem retirado a mim do lugar? Foram as palavras pois que desestruturaram a linguagem. E não eu.

## BORBOLETAS

Borboletas me convidaram a elas.  
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.  
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens  
e das coisas.  
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta —  
Seria, com certeza, um mundo livre aos poemas.  
Daquele ponto de vista:  
Vi que as árvores são mais competentes em auroras  
do que os homens.  
Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças  
do que pelos homens.  
Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do  
que os homens.  
Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que  
os cientistas.  
Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do  
ponto de vista de uma borboleta.  
Ali até o meu fascínio era azul.

## A BORRA

Prefiro as palavras obscuras que moram nos fundos de uma cozinha — tipo borra, latas, cisco  
Do que as palavras que moram nos sodalícios — tipo excelência, conspícuo, majestade.  
Também os meus alter egos são todos borra, ciscos, pobres-diabos  
Que poderiam morar nos fundos de uma cozinha — tipo Bola Sete, Mário Pega Sapo, Maria Pelego Preto etc.  
Todos bêbedos ou bocós.  
E todos condizentes com andrajos.  
Um dia alguém me sugeriu que adotasse um alter ego respeitável — tipo um príncipe, um almirante, um senador.  
Eu perguntei:  
Mas quem ficará com os meus abismos se os pobres-diabos não ficarem?

## ÁRVORE

Um passarinho pediu a meu irmão para ser a sua árvore.  
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.  
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola.  
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinavam no internato.  
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.  
Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.

E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida  
no tronco das árvores só presta para poesia.  
No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as  
árvores são vaidosas.  
Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se  
transformara, envaidecia-se quando era nomeada para  
o entardecer dos pássaros.  
E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos  
brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela  
permanência em árvore porque fez amizade com muitas  
borboletas.

## COMPORTAMENTO

Não quero saber como as coisas se comportam.  
Quero inventar comportamento para as coisas.  
Li uma vez que a tarefa mais lídima da poesia é a  
de equivocar o sentido das palavras  
Não havendo nenhum descomportamento nisso  
senão que alguma experiência linguística.  
Noto que às vezes sou desvirtuado a pássaros, que  
sou desvirtuado em árvores, que sou desvirtuado  
para pedras.  
Mas que essa mudança de comportamento gentel  
para animal vegetal ou pedral  
É apenas um descomportamento semântico.  
Se eu digo que grota é uma palavra apropriada para  
ventar nas pedras,  
Apenas faço o desvio da finalidade da grota que  
não é a de ventar nas pedras.  
Se digo que os passarinhos faziam paisagens na  
minha infância,

É apenas um desvio das tarefas dos passarinhos que  
não é a de fazer paisagens.  
Mas isso é apenas um descomportamento linguístico que  
não ofende a natureza dos passarinhos nem das grotas.  
Mudo apenas os verbos e às vezes nem mudo.  
Mudo os substantivos e às vezes nem mudo.  
Se digo ainda que é mais feliz quem descobre o que não  
presta do que quem descobre ouro —  
Penso que ainda assim não serei atingido pela bobagem.  
Apenas eu não tenho polimentos de ancião.

TRATADO GERAL  
DAS GRANDEZAS  
DO ÍNFIMO



1ª parte

## TRATADO GERAL DAS GRANDEZAS DO ÍNFIMO

*Para ele a pureza do cisco dava alarme.*

BERNARDO DA MATA

### A DISFUNÇÃO

Se diz que há na cabeça dos poetas um parafuso de a menos

Sendo que o mais justo seria o de ter um parafuso trocado do que a menos.

A troca de parafusos provoca nos poetas uma certa disfunção lírica.

Nomearei abaixo 7 sintomas dessa disfunção lírica.

1 – Aceitação da inércia para dar movimento às palavras.

2 – Vocação para explorar os mistérios irracionais.

3 – Percepção de contiguidades anômalas entre verbos e substantivos.

4 – Gostar de fazer casamentos incestuosos entre palavras.

5 – Amor por seres desimportantes tanto como pelas coisas desimportantes.

6 – Mania de dar formato de canto às asperezas de uma pedra.

7 – Mania de comparecer aos próprios desencontros.  
Essas disfunções líricas acabam por dar mais  
importância aos passarinhos do que aos senadores.

## O CISCO

(Tem vez que a natureza ataca o cisco para o bem.)

Principais elementos do cisco são: gravetos, areia,  
cabelos, pregos, trapos, ramos secos, asas de mosca,  
grampos, cuspe de aves, etc.

Há outros componentes do cisco, porém de menos  
importância.

Depois de completo, o cisco se ajunta, com certa  
humildade, em beiras de ralos, em raiz de parede,  
Ou, depois das enxurradas, em alguma depressão de  
terreno.

Mesmo bem rejuntado o cisco produz volumes quase  
sempre modestos.

O cisco é infenso a fulgurâncias.

Depois de assentado em lugar próprio, o cisco  
produz material de construção para ninhos de  
passarinhos.

Ali os pássaros vão buscar raminhos secos, trapos,  
asas de mosca

Para a feitura de seus ninhos.

O cisco há de ser sempre aglomerado que se iguala  
a restos.

Que se iguala a restos a fim de obter a contemplação  
dos poetas.

Aliás, Lacan entregava aos poetas a tarefa de  
contemplação dos restos.

E Barthes completava: Contemplar os restos é  
narcisismo.



Ai de nós!  
Porque Narciso é a pátria dos poetas.  
Um dia pode ser que o lírio nascido nos monturos  
empreste qualidade de beleza ao cisco.  
Tudo pode ser.  
Até sei de pessoas que propendem a cisco mais do  
que a seres humanos.

#### DE PASSARINHOS

Para compor um tratado sobre passarinhos  
É preciso por primeiro que haja um rio com árvores  
e palmeiras nas margens.  
E dentro dos quintais das casas que haja pelo menos  
goiabeiras.  
É que haja por perto brejos e iguarias de brejos.  
É preciso que haja insetos para os passarinhos.  
Insetos de pau sobretudo que são os mais palatáveis.  
A presença de libélulas seria uma boa.  
O azul é muito importante na vida dos passarinhos  
Porque os passarinhos precisam antes de belos ser  
eternos.  
Eternos que nem uma fuga de Bach.

#### AS FORMIGAS

Cerca de dez formigas  
Tentavam arrastar um caranguejo morto até a entrada  
da casa delas.  
Mas não puderam recolher o caranguejo na casa  
Porque a porta da casa era muito estreita.

Então as formigas almoçaram aquele caranguejo ali mesmo.  
Elas penetravam por dentro do caranguejo e comiam as substâncias de dentro.  
De outra feita eu vi uma formiga solitária a puxar de fasto  
Um marandová morto.  
Ela puxava puxava de fasto e nada.  
Não arredava do lugar um centímetro.  
A formiga foi chamar as companheiras,  
As companheiras vieram em bando, muitas.  
E almoçaram o marandová ali mesmo.  
O pitéu estava até desmanchando...

#### A NAMORADA

Havia um muro alto entre nossas casas.  
Difícil de mandar recado para ela.  
Não havia e-mail.  
O pai era uma onça.  
A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão  
E pinchava a pedra no quintal da casa dela.  
Se a namorada respondesse pela mesma pedra  
Era uma glória!  
Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da goiabeira  
E então era agonia.  
No tempo do onça era assim.

## POEMA

A poesia está guardada nas palavras — é tudo que eu sei.  
Meu fado é o de não saber quase tudo.  
Sobre o nada eu tenho profundidades.  
Não tenho conexões com a realidade.  
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.  
Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).  
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.  
Fiquei emocionado e chorei.  
Sou fraco para elogios.

## O URUBUZEIRO

Meu amigo Sabastião estourou a infância dele e mais duas pernas  
No mergulho contra uma pedra na Cacimba da Saúde.  
Quarenta anos mais tarde Sabastião remava uma canoa  
no rio Paraguai  
E deu o barranco de uma charqueada.  
Sabastião subiu o barranco se arrastando como um caranguejo trôpego  
Até a casa do patrão e pediu um trabalho.  
O patrão olhou para aquele pedaço de pessoa e disse:  
Você me serve para urubuzeiro.  
(Urubuzeiro era tarefa de espantar os urubus que atentavam nos tendais de carne.)  
Trabalho de Sabastião era espantar os urubus.  
Sabastião espantava espantava espantava.  
Os urubus voltavam de bandos.

Sabastião espantava espantava.  
Um dia pegaram Sabastião a prostrar em estrangeiro  
com os urubus.  
Chegou que Sabastião permitiu que os urubus  
fizessem farra nas carnes.  
Os urubus faziam farra e conversavam em estrangeiro  
com Sabastião.  
Veio o patrão e mandou Sabastião para o manicômio.  
No manicômio ninguém compreendia a língua de  
Sabastião  
De forma que Sabastião despencou do seu normal  
E foi encontrado na rua falando sozinho em  
estrangeiro.

#### TRIBUTO A J. G. ROSA

Passarinho parou de cantar.  
Essa é apenas uma informação.  
Passarinho desapareceu de cantar.  
Esse é um verso de J. G. Rosa.  
Desapareceu de cantar é uma graça verbal.  
Poesia é uma graça verbal.

#### O VIDENTE

Primeiro o menino viu uma estrela pousada nas  
pétalas da noite  
E foi contar para a turma.  
A turma falou que o menino zoroava.  
Logo o menino contou que viu o dia parado em cima  
de uma lata  
Igual que um pássaro pousado sobre uma pedra.

Ele disse: Dava a impressão que a lata amparava o dia.  
A turma caçou.  
Mas o menino começou a apertar parafuso no vento.  
A turma falou: Mas como você pode apertar parafuso  
no vento  
Se o vento nem tem organismo.  
Mas o menino afirmou que o vento tinha organismo  
E continuou a apertar parafuso no vento.

### A PEDRA

Pedra sendo  
Eu tenho gosto de fazer no chão.  
Só privo com lagarto e borboletas.  
Certas conchas se abrigam em mim.  
De meus interstícios crescem musgos.  
Passarinhos me usam para afiar seus bicos.  
Às vezes uma garça me ocupa de dia.  
Fico louvoso.  
Há outros privilégios de ser pedra:  
a – Eu irrito o silêncio dos insetos.  
b – Sou batido de luar nas solitudes.  
c – Tomo banho de orvalho de manhã.  
d – E o sol me cumprimenta por primeiro.

### INFANTIL

O menino ia no mato  
E a onça comeu ele.  
Depois o caminhão passou por dentro do corpo do  
menino  
E ele foi contar para a mãe.

A mãe disse: Mas se a onça comeu você, como é que  
o caminhão passou por dentro do seu corpo?  
É que o caminhão só passou renteando meu corpo  
E eu desviei depressa.  
Olha, mãe, eu só queria inventar uma poesia.  
Eu não preciso de fazer razão.

### OS CARAMUJOS

Há um comportamento de eternidade nos caramujos.  
Para subir os barrancos de um rio, eles percorrem um  
dia inteiro até chegar amanhã.  
O próprio anoitecer faz parte de haver beleza nos  
caramujos.  
Eles carregam com paciência o início do mundo.  
No geral os caramujos têm uma voz desconformada  
por dentro.  
Talvez porque tenham a boca trôpega.  
Suas verdades podem não ser.  
Desde quando a infância nos praticava na beira do rio  
Nunca mais deixei de saber que esses pequenos  
moluscos  
Ajudam as árvores a crescer.  
E achei que esta história só caberia no impossível.  
Mas não; ela cabe aqui também.

### A TARTARUGA

Desde a tartaruga nada não era veloz.  
Depois é que veio o forde 22

E o asa-dura (máquina avoadora que imita os pássaros, e tem por alcunha avião).  
Não atinei até agora por que é preciso andar tão depressa.  
Até há quem tenha cisma com a lesma porque ela anda muito depressa.  
Eu tenho.  
A gente só chega ao fim quando o fim chega!  
Então pra que atropelar?

### SOBRE IMPORTÂNCIAS

Uma rã se achava importante  
Porque o rio passava nas suas margens.  
O rio não teria grande importância para a rã  
Porque era o rio que estava ao pé dela.  
Pois Pois.  
Para um artista aquele ramo de luz sobre uma lata desterrada no canto de uma rua, talvez para um fotógrafo, aquele pingo de sol na lata seja mais importante do que o esplendor do sol nos oceanos.  
Pois Pois.  
Em Roma, o que mais me chamou atenção foi um prédio que ficava em frente das pombas.  
O prédio era de estilo bizantino do século IX.  
Colosso!  
Mas eu achei as pombas mais importantes do que o prédio.  
Agora, hoje, eu vi um sabiá pousado na Cordilheira dos Andes.  
Achei o sabiá mais importante do que a Cordilheira dos Andes.

O pessoal falou: seu olhar é distorcido.  
Eu, por certo, não saberei medir a importância das  
coisas: alguém sabe?  
Eu só queria construir nadeiras para botar nas  
minhas palavras.

### JOAQUIM SAPÉ

Os ornamentos de trapo de Joaquim Sapé já estavam  
criando cabelo de tão sujos.  
Joaquim atravessava as ruelas da Aldeia como se fosse  
um Príncipe  
Com aqueles ornamentos de trapo.  
Quando entrava na Aldeia com o saco de lata às  
costas  
Crianças o arrodeavam.  
Um dia me falou, esse andarilho (eu era criança):  
— Quando chove nos braços de uma formiga, o  
horizonte diminui.  
O menino ficou com a frase incomodando na cabeça.  
Como é que esse Joaquim Sapé, que mora debaixo do  
chapéu, e que nem tem aparelho de medir céu, pode  
saber que os horizontes diminuem quando chove nos  
braços de uma formiga?  
Se nem quase formiga tem braço!  
Igual quando ele me disse que do lado esquerdo do  
sol voam mais andorinhas do que os outros pássaros?  
Pois ele não tinha aparelho de medir o sol, como  
podia saber!  
Ele seria um ensaio de cientista?  
Ele enxergava prenúncios!



## MIUDEZAS

Percorro todas as tardes um quarteirão de paredes  
nuas.

Nuas e sujas de idade e ventos.

Vejo muitos rascunhos de pernas de grilos pregados  
nas pedras.

As pedras, entretanto, são mais favoráveis a pernas  
de moscas do que de grilos.

Pequenos caracóis deixaram suas casas pregadas  
nestas pedras

E as suas lesmas saíram por aí à procura de outras  
paredes.

Asas misgalhadinhas de borboletas tingem de azul  
estas pedras.

Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa.  
Caminho todas as tardes por estes quarteirões  
desertos, é certo.

Mas nunca tenho certeza

Se estou percorrendo o quarteirão deserto

Ou algum deserto em mim.

## ASCENSÃO

Depois que iniciei minha ascensão para a infância,

Foi que vi como o adulto é sensato!

Pois como não tomar banho nu no rio entre pássaros?

Como não furar lona de circo para ver os palhaços?

Como não ascender ainda mais até na ausência da voz?

(Ausência da voz é *infantia*, com t, em latim.)

Pois como não ascender até a ausência da voz —

Lá onde a gente pode ver o próprio feto do verbo —  
ainda sem movimento.  
Aonde a gente pode enxergar o feto dos nomes —  
ainda sem penugens.  
Por que não voltar a apalpar as primeiras formas da  
pedra. A escutar  
Os primeiros pios dos pássaros. A ver  
As primeiras cores do amanhecer.  
Como não voltar para onde a invenção está virgem?  
Por que não ascender de volta para o tartamudo!

#### O CATADOR

Um homem catava pregos no chão.  
Sempre os encontrava deitados de comprido,  
ou de lado,  
ou de joelhos no chão.  
Nunca de ponta.  
Assim eles não furam mais — o homem pensava.  
Eles não exercem mais a função de pregar.  
São patrimônios inúteis da humanidade.  
Ganharam o privilégio do abandono.  
O homem passava o dia inteiro nessa função de catar  
pregos enferrujados.  
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.  
Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.  
Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser.  
Garante a soberania de Ser mais do que Ter.

2ª parte

## O LIVRO DE BERNARDO

*A normalidade é assombrosa.  
Sua puerícia é mesma carne de poesia.*  
ADÉLIA PRADO em *Manuscritos de Felipa*

POIS POIS

O Padre Antônio Vieira pregava de encostar as orelhas  
na boca do bárbaro.

Que para ouvir as vozes do chão

Que para ouvir a fala das águas

Que para ouvir o silêncio das pedras

Que para ouvir o crescimento das árvores

E as origens do Ser. Pois Pois.

Bernardo da Mata nunca fez outra coisa

Que ouvir as vozes do chão

Que ouvir o perfume das cores

Que ver o silêncio das formas

E o formato dos cantos. Pois Pois.

Passei muitos anos a rabiscar, neste caderno, os  
escutamentos de Bernardo.

Ele via e ouvia inexistências.

Eu penso agora que esse Bernardo tem cacoete para  
poeta.

## O BANDARRA

Ele só andava por lugares pobres  
E era ainda mais pobre  
Do que os lugares pobres por onde andava.  
Falou de começo: Quem abandona a natureza entra a  
verme.  
Aves nutriam por ele deslumbramentos de criança.  
Ele sabia o sotaque das lesmas  
E tinha um modo de árvore pregado no olhar.  
O homem usava um dólmã de lã sujo de areia e cuspe  
de aves.  
Mas ele nem tô aí para os esterços.  
Era desorgulhoso.  
Para ele a pureza do cisco dava alarme.  
E só pelo olfato esse homem descobria as cores do  
amanhecer.

## O LIVRO DE BERNARDO

1

Os meninos me letram de Bandarra.  
(Bandarra é cavalo velho solto  
no pasto, às moscas.)  
Esse é meu estandarte.

2

Não tenho pensa.  
Tenho só árvores ventos  
passarinhos — issos.

3

Dentro de mim  
eu me eremito  
como os padres do ermo.

4

Meus caminhos  
a garça  
redime.

5

Sou aquele  
que gastou a sua história  
na beira de um rio.

6

Estes brejos amanhecem  
amarrados  
de conchas.

7

A voz dos sapos de tarde  
é destroncada  
por dentro.

8

O sol transborda  
nas estradas  
e no olhar das sariemas.

9

Ao lado de uma lata  
de uma pedra  
estou conforme.

10

Passarinhos do mato  
gostam de mim  
e de goiaba.

11

Cavalos entardecem  
na beira do mato —  
onde entardeço.

12

Uma rã me benzeu  
com as mãos  
na água.

13

Caramujos sempre chegam depois.  
Representa que estão chegando  
da eternidade.

14

Meu desagero  
é de ser  
fascinado por trastes.

15

O silêncio  
está úmido  
de aves.

16

Registros de lagartixas  
nas ruínas:  
elas têm sabimentos de pedras.

17

Vi o verão  
no meio das pedras  
e um lagarto.

18

A chuva  
azula a voz  
das andorinhas.

19

Eternidade  
é palavra  
encostada em  
Deus.

20

Águas que sabem  
a pedras  
sabem a rãs.

21

Sapos sabem divinamentos  
mais do que as árvores  
mais do que os homens.

22

O sangue do sol  
nas águas  
atrai mariposas.

23

Sou livre  
para o silêncio das formas  
e das cores.

24

Caracóis  
não gosmam  
em latas.

25

Ocupo função de exílio  
quando anoitece  
nas águas.

26

Passam formigas perdidas  
no lado esquerdo  
da casa.



27

No olho songo  
do lagarto  
nasce um pedaço de nuvem.

28

O corpo do rio prateia  
quando a lua  
se abre.

29

Na beira da mosca  
o céu parou  
o dia parou.

30

O dia estava  
em condições de boca  
para as borboletas.

31

O lírio  
e as garças  
são imaculantes.

32

Sou beato de águas  
de pedras  
e de aves.

33

De tarde  
cigarras  
arrebentavam o verão.

34

Dentro dos caramujos —  
há silêncios  
remontados.

35

Quem ornamenta o azul  
das manhãs  
são os sabiás.

36

Estou pousado em mim  
igual que formiga  
sem rumo.

37

Com fios de orvalho  
aranhas tecem  
a madrugada.

38

Eu vi que a noite dormia  
escorada  
nos arvoredos.

39

Andorinhas passeiam  
na chuva  
e no meu ocaso.

40

Quase vestida de sol  
vi a chuva  
em cima do morro.

41

Palavras  
Gosto de brincar com elas.  
Tenho preguiça de ser sério.

42

Tenho candor  
por bobagens.  
Quando eu crescer eu vou ficar criança.

43

Bom é  
constar das paisagens  
como um rio, uma pedra.

44

Meu requinte  
é chegar às vilezas  
com castidade.

45

Passarinho  
faz árvore de tarde  
nos andarilhos.

46

Poeta  
é uma pessoa  
que reverdece nele mesmo.

47

Reconhecer a eminência  
dos insetos  
leva à sabedoria.

48

Pelo corpo  
das latas podres  
relvam rosas.

49

As garças  
quando alçam  
se entardecem.

50

Já me dei ao desfrute  
de ser ao mesmo tempo  
pedra e sapo.

51

Preciso de alcançar  
a indulgência  
pedral.

52

Uma açucena  
me convidou  
para de noite.



POEMAS  
RUPESTRES





1ª parte

## CANÇÃO DO VER

1.

Por viver muitos anos dentro do mato  
moda ave  
O menino pegou um olhar de pássaro —  
Contraíu visão fontana.  
Por forma que ele enxergava as coisas  
por igual  
como os pássaros enxergam.  
As coisas todas inominadas.  
Água não era ainda a palavra água.  
Pedra não era ainda a palavra pedra.  
E tal.  
As palavras eram livres de gramáticas e  
podiam ficar em qualquer posição.  
Por forma que o menino podia inaugurar.  
Podia dar às pedras costumes de flor.  
Podia dar ao canto formato de sol.  
E, se quisesse caber em uma abelha, era  
só abrir a palavra abelha e entrar dentro  
dela.  
Como se fosse infância da língua.

2.

A de muito que na Corruptela onde a gente  
vivia  
Não passava ninguém  
Nem mascate muleiro  
Nem anta batizada  
Nem cachorro de bugre.  
O dia demorava de uma lesma.  
Até uma lacraia ondeante atravessava o dia  
por primeiro do que o sol.  
E essa lacraia ainda fazia uma estação de  
recreio no circo das crianças  
a fim de pular corda.  
Lembrava a tartaruga de Creonte  
que quando chegava na outra margem do rio  
as águas já tinham até criado cabelo.  
Por isso a gente pensava sempre que o dia  
de hoje ainda era ontem.  
A gente se acostumou de enxergar antigamentes.

3.

Por forma que o dia era parado de poste.  
Os homens passavam as horas sentados na  
porta da Venda  
de Seo Mané Quinhentos Réis  
que tinha esse nome porque todas as coisas  
que vendia  
custavam o seu preço e mais quinhentos réis.  
Seria qualquer coisa como a Caixa Dois dos  
prefeitos.

O mato era atrás da Venda e servia também  
para a gente desocupar.  
Os cachorros não precisavam do mato para  
desocupar  
Nem as emas solteiras que despejavam correndo.  
No arruado havia nove ranchos.  
Araras cruzavam por cima dos ranchos  
conversando em ararês.  
Ninguém de nós sabia conversar em ararês.  
Os maridos que não ficavam de prosa na porta  
da Venda  
Iam plantar mandioca  
Ou fazer filhos nas patroas.  
A vida era bem largada.  
Todo mundo se ocupava da tarefa de ver o dia  
atravessar.  
Pois afinal as coisas não eram iguais às cousas?  
Por tudo isso, na Corruptela parecia nada  
acontecer.

4.

Por forma que a nossa tarefa principal  
era a de aumentar  
o que não acontecia.  
(Nós era um rebanho de guris.)  
A gente era bem-dotado para aquele serviço  
de aumentar o que não acontecia.  
A gente operava a domicílio e pra fora.  
E aquele colega que tinha ganho um olhar  
de pássaro  
Era o campeão de aumentar os desacontecimentos.

Uma tarde ele falou pra nós que enxergara um  
lagarto espichado na areia  
a beber um copo de sol.  
Apareceu um homem que era adepto da razão  
e disse:  
Lagarto não bebe sol no copo!  
Isso é uma estultícia.  
Ele falou de sério.  
Ficamos instruídos.

5.

Com aquela sua maneira de sol entrar em casa  
E com o seu olhar furado de nascentes  
O menino podia ver até a cor das vogais —  
como o poeta Rimbaud viu.  
Contou que viu a tarde latejar de andorinhas.  
E viu a garça pousada na solidão de uma pedra.  
E viu outro lagarto que lambia o lado azul do  
silêncio.  
Depois o menino achou na beira do rio uma pedra  
canora.  
Ele gostava de atrelar palavras de rebanhos  
diferentes  
Só para causar distúrbios no idioma.  
Pedra canora causa!  
E um passarinho que sonhava de ser ele também  
causava.  
Mas ele mesmo, o menino  
Se ignorava como as pedras se ignoram.

6.

Desde sempre parece que ele fora preposto a pássaro.  
Mas não tinha preparatórios de uma árvore  
Pra merecer no seu corpo ternuras de gorjeios.  
Ninguém de nós, na verdade, tinha força de fonte.  
Ninguém era início de nada.  
A gente pintava nas pedras a voz.  
E o que dava santidade às nossas palavras era  
a canção do ver!  
Trabalho nobre aliás mas sem explicação  
Tal como costurar sem agulha e sem pano.  
Na verdade na verdade  
Os passarinhos que botavam primavera nas palavras.

7.

A turma viu uma perna de formiga, desprezada,  
dentro do mato. Era uma coisa para nós muito  
importante. A perna se mexia ainda. Eu diria que  
aquela perna, desprezada, e que ainda se mexia,  
estava procurando a outra parte do seu corpo,  
que deveria estar por perto. Acho que o resto da  
formiga, naquela altura do sol, já estaria dentro  
do formigueiro sendo velada. Ou talvez o resto  
do corpo estaria a procurar aquela perna  
desprezada. Ninguém viu o que foi que produziu  
aquela desunião do corpo com a perna desprezada.  
Algumas pessoas passavam por ali, naquele trato  
de terra, e ninguém viu a perna desprezada. Todos  
saímos a procurar o pedaço principal da formiga.

Porque pensando bem o resto da formiga era a perna desprezada. Fomos à beira do rio mas só encontramos pedaços de folhas verdes carregados por novas formigas. Achamos a seguir que as novas formigas que carregavam as folhas nos ombros, elas estavam indo para assistir, no formigueiro, ao velório da outra parte da formiga. Mas a gente resolveu por antes tomar um banho de rio.

8.

Fomos rever o poste.

O mesmo poste de quando a gente brincava de pique e de esconder.

Agora ele estava tão verdinho!

O corpo recoberto de limo e borboletas.

Eu quis filmar o abandono do poste.

O seu estar parado.

O seu não ter voz.

O seu não ter sequer mãos para se pronunciar com as mãos.

Penso que a natureza o adotara em árvore.

Porque eu bem cheguei de ouvir arrulos de passarinhos que um dia teriam cantado entre as suas folhas.

Tentei transcrever para flauta a ternura dos arrulos.

Mas o mato era mudo.

Agora o poste se inclina para o chão — como alguém que procurasse o chão para repouso.

Tivemos saudades de nós.

9.

E agora  
que fazer  
com esta manhã desabrochada a pássaros?





2ª parte

## DESENHOS DE UMA VOZ

### SE ACHANTE

Era um caranguejo muito se achante.  
Ele se achava idôneo para flor.  
Passava por nossa casa  
Sem nem olhar de lado.  
Parece que estava montado num coche  
de princesa.  
Ia bem devagar  
Conforme o protocolo  
A fim de receber aplausos.  
Muito achante demais.  
Nem parou para comer goiaba.  
(Acho que quem anda de coche não come  
goiaba.)  
Ia como se fosse tomar posse de deputado.  
Mas o coche quebrou  
E o caranguejo voltou a ser idôneo para  
mangue.

## SONATA AO LUAR

Sombra Boa não tinha e-mail.  
Escreveu um bilhete:  
Maria me espera debaixo do ingazeiro  
quando a lua tiver arta.  
Amarrou o bilhete no pescoço do cachorro  
e atçou:  
Vai, Ramela, passa!  
Ramela alcançou a cozinha num átimo.  
Maria leu e sorriu.  
Quando a lua ficou arta Maria estava.  
E o amor se fez  
Sob um luar sem defeito de abril.

## EMAS

Elas ficam flanando no pátio da fazenda.  
A gente sabe que as emas comem garrafas  
abotoaduras freios pedras alicates e tais.  
Nossa mãe tinha medo que uma ema  
Comesse nosso cobertor de dormir e os  
vidros de arnica da vó.  
Eu tinha vontade de botar cabresto em uma  
ema  
E sair pelos campos montado na bicha a  
correr.  
A gente sabia que a ema quase voa no correr.  
Que a ema racha o vento no correr.  
Eu tinha era vontade de rachar o vento  
no correr.

## VENTO

Se a gente jogar uma pedra no vento  
Ele nem olha para trás.  
Se a gente atacar o vento com enxada  
Ele nem sai sangue da bunda.  
Ele não dói nada.  
Vento não tem tripa.  
Se a gente enfiar uma faca no vento  
Ele nem faz ui.  
A gente estudou no Colégio que vento  
é o ar em movimento.  
E que o ar em movimento é vento.  
Eu quis uma vez implantar uma costela  
no vento.  
A costela não parava nem.  
Hoje eu tasquei uma pedra no organismo  
do vento.  
Depois me ensinaram que vento não tem  
organismo.  
Fiquei estudado.

## ANTÔNIO CARANCHO

Me chamam de Antônio Carancho:  
Carancho é por maneira que eu ando de pé virado  
Moda carancho mesmo.  
Pra bobo eu não sou condicionado.  
Sou mais garantido de cantor.  
Porém meu canto é fechado.  
Lastreadamente sou Antônio Severo dos Santos.

Carancho é de caçada.  
Tenho vareios no olhar as coisas.  
Chego de ver vaidade nas garças.  
Eu ouço a fonte dos tontos.  
Pedra tem inveja aos lírios.  
Isso eu sei de espiar.  
Eu combino melhor com árvores.  
Totalmente ao senhor eu falo:  
Quem ouve a fonte dos tontos não cabe mais  
dentro dele.  
Outra pessoa desabre.

#### NA GUERRA

Prefeito despachou estafeta a cavalo com  
uma carta ao Imperador.  
A carta anunciava a invasão da cidade por  
tropas paraguaias  
E pedia recursos.  
Dois meses depois o estafeta entregava a  
carta ao Imperador.  
Quando os recursos chegaram os paraguaios  
não estavam mais.  
Levaram quinze moças louças e um pouco  
de mantimentos  
Para comer na viagem.  
Acho que comeram tudo.  
(Corumbá é uma cidade cuja população  
é bem mesclada de paraguaios.)

## NO SÍTIO

A gente morava no Sítio, duas léguas da Capital.  
Na estrada de terra que passava no Sítio só tinha  
três vacas vadias, três cabras vadias, um  
bandarra velho e a égua Floripa.  
Meu avô queria passear na Capital.  
Mandou encilhar Floripa. E saiu.  
No meio da estrada o avô desamontou para verter  
água. Verteru.  
No intervalo Floripa virou a cara pro lado do  
Sítio. E parou.  
Meu avô amontou de novo e apertou a marcha.  
Logo Floripa estacou em frente de nossa casa.  
Meu avô entrou e disse: Gostei de ver a Capital.  
Já tem até vaca na rua!  
É fruto de progresso.  
Floripa estava parece que rindo na porta.

## OS DOIS

Eu sou dois seres.  
O primeiro é fruto do amor de João e Alice.  
O segundo é letral:  
É fruto de uma natureza que pensa por imagens,  
Como diria Paul Valéry.  
O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu  
e vaidades.  
O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades  
frases.  
E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.

## TEOLOGIA DO TRASTE

As coisas jogadas fora por motivo de traste  
são alvo da minha estima.  
Prediletamente latas.  
Latas são pessoas léxicas pobres porém concretas.  
Se você jogar na terra uma lata por motivo de  
traste: mendigos, cozinheiras ou poetas podem pegar.  
Por isso eu acho as latas mais suficientes, por  
exemplo, do que as ideias.  
Porque as ideias, sendo objetos concebidos pelo  
espírito, elas são abstratas.  
E, se você jogar um objeto abstrato na terra por  
motivo de traste, ninguém quer pegar.  
Por isso eu acho as latas mais suficientes.  
A gente pega uma lata, enche de areia e sai  
puxando pelas ruas moda um caminhão de areia.  
E as ideias, por ser um objeto abstrato concebido  
pelo espírito, não dá para encher de areia.  
Por isso eu acho a lata mais suficiente.  
Ideias são a luz do espírito — a gente sabe.  
Há ideias luminosas — a gente sabe.  
Mas elas inventaram a bomba atômica, a bomba  
atômica, a bomba atôm.....  
..... Agora  
eu queria que os vermes iluminassem.  
Que os trastes iluminassem.

## GARÇA

A palavra garça em meu perceber é bela.  
Não seja só pela elegância da ave.

Há também a beleza letral.  
O corpo sônico da palavra  
E o corpo níveo da ave  
Se comungam.  
Não sei se passo por tantã dizendo isso.  
Olhando a garça-ave e a palavra garça  
Sofro uma espécie de encantamento poético.

#### NO ASPRO

Queria a palavra sem alamares, sem  
chatilenas, sem suspensórios, sem  
talabartes, sem paramentos, sem diademas,  
sem ademanes, sem colarinho.  
Eu queria a palavra limpa de solene.  
Limpa de soberba, limpa de melenas.  
Eu queria ficar mais porcária nas palavras.  
Eu não queria colher nenhum pendão com elas.  
Queria ser apenas relativo de águas.  
Queria ser admirado pelos pássaros.  
Eu queria sempre a palavra no áspero dela.

#### O LÁPIS

É por demais de grande a natureza de Deus.  
Eu queria fazer para mim uma naturezinha  
particular.  
Tão pequena que coubesse na ponta do meu  
lápiz.  
Fosse ela, quem me dera, só do tamanho do  
meu quintal.

No quintal ia nascer um pé de tamarino apenas  
para uso dos passarinhos.  
E que as manhãs elaborassem outras aves para  
compor o azul do céu.  
E se não fosse pedir demais eu queria que no  
fundo corresse um rio.  
Na verdade na verdade a coisa mais importante  
que eu desejava era o rio.  
No rio eu e a nossa turma, a gente iria todo  
dia jogar cangapé nas águas correntes.  
Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha  
particular:  
Até onde o meu pequeno lápis poderia alcançar.



3ª parte

## CARNAVAL

### ENUNCIADO

Agora não posso mais priscar na areia quente  
que nem os lambaris que escaparam do anzol.  
Não posso mais correr nas chuvas na moda que  
os bezerros correm.

Nem posso mais dar saltos-mortais nos ventos.

Agora

Eu passo as minhas horas a brincar com palavras.

Brinco de carnaval.

Hoje amarrei no rosto das palavras minha máscara.

Faço o que posso.

### O MURO

O menino contou que o muro da casa dele era  
da altura de duas andorinhas.

(Havia um pomar do outro lado do muro.)

Mas o que intrigava mais a nossa atenção  
principal

Era a altura do muro

Que seria de duas andorinhas.

Depois o garoto explicou:  
Se o muro tivesse dois metros de altura  
qualquer ladrão pulava  
Mas a altura de duas andorinhas nenhum ladrão  
pulava.  
Isso era.

### PÊSSEGO

Proust  
Só de ouvir a voz de Albertine entrava em  
orgasmo. Se diz que:  
O olhar de voyeur tem condições de phalo  
(possui o que vê).  
Mas é pelo tato  
Que a fonte do amor se abre.  
Apalpar desabrocha o talo.  
O tato é mais que o ver  
É mais que o ouvir  
É mais que o cheirar.  
É pelo beijo que o amor se edifica.  
É no calor da boca  
Que o alarme da carne grita.  
E se abre docemente  
Como um pêssego de Deus.

### CREME

Sucuri pegou um bezerro  
E deu um forte abraço nele.

Foi se enrolando se enrolando no corpo  
do bezerro  
Foi apertando o abraço apertando  
Até quebrar todo osso do bezerro.  
O bezerro virou parece um creme.  
Eu estava perto.  
Eu assisti.  
O silêncio do bezerro nem mexia.  
Depois a cobra engoliu o creme.

## LÍNGUA

A seca foi braba naquele ano.  
O pai falou: Lá evém uma língua de fogo  
do lado da Bolívia  
e vai lamber todo o pasto.  
O menino assustou: Língua de fogo?  
O pai explicou ao menino que se tratava  
de imagem.  
Língua de fogo é apenas uma imagem.  
Mas, pela dúvida, o menino retirou seu  
cachorro da imagem.

## O COPO

Estava o jacaré na beira do brejo  
tomando um copo de sol.  
Foi o menino  
E tascou uma pedra  
No olho do jacaré.

O bicho soltou três urros  
E quebrou o silêncio do lugar.  
Os cacos do silêncio ficaram espalhados  
na praia.  
O copo de sol não rachou nem.

### MAÇÃ

Uma palavra abriu o roupão pra mim.  
Vi tudo dela: a escova fofa, o pente a doce maçã.  
A mesma maçã que perdeu Adão.  
Tentei pegar na fruta  
Meu braço não se moveu.  
(Acho que eu estava em sonho.)  
Tentei de novo  
O braço não se moveu.  
Depois a palavra teve piedade  
E esfregou a lesma dela em mim.

### ARMÁRIO

O avô despencou do alto da escada aos  
trambolhos.  
Como um armário.  
O armário quebrou três pernas.  
O avô não teve nada.  
Ué! armário não é só um termo de comparação?  
Aqui em casa comparação também quebra perna.  
O avô dementava as palavras.

## O CASACO

Um homem estava anoitecido.  
Se sentia por dentro um trapo social.  
Igual se, por fora, usasse um casaco rasgado  
e sujo.  
Tentou sair da angústia  
Isto ser:  
Ele queria jogar o casaco rasgado e sujo no  
lixo.  
Ele queria amanhecer.

## O OLHAR

Ele era um andarilho.  
Ele tinha um olhar cheio de sol  
de águas  
de árvores  
de aves.  
Ao passar pela Aldeia  
Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos.  
O silêncio honrava a sua vida.



# MENINO DO MATO





Primeira parte

MENINO DO MATO

*O homem seria metafisicamente grande  
se a criança fosse seu mestre.*

SÖREN KIERKEGAARD

I

Eu queria usar palavras de ave para escrever.  
Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem  
nomeação.

Ali a gente brincava de brincar com palavras  
tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!

A Mãe que ouvira a brincadeira falou:

Já vem você com suas visões!

Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis  
e nem há pedras de sacristias por aqui.

Isso é traquinagem da sua imaginação.

O menino tinha no olhar um silêncio de chão  
e na sua voz uma candura de Fontes.

O Pai achava que a gente queria desver o mundo  
para encontrar nas palavras novas coisas de ver  
assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do  
rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão  
de uma pedra.

Eram novidades que os meninos criavam com as suas  
palavras.  
Assim Bernardo emendou nova criação: Eu hoje vi um  
sapo com olhar de árvore.  
Então era preciso desver o mundo para sair daquele  
lugar imensamente e sem lado.  
A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas  
pela inocência.  
O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias  
para a gente bem entender a voz das águas e  
dos caracóis.  
A gente gostava das palavras quando elas perturbavam  
o sentido normal das ideias.  
Porque a gente também sabia que só os absurdos  
enriquecem a poesia.

## II

Nosso conhecimento não era de estudar em livros.  
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.  
Seria um saber primordial?  
Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor  
e não por sintaxe.  
A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.  
Um dia tentamos até de fazer um cruzamento de árvores  
com passarinhos  
para obter gorjeios em nossas palavras.  
Não obtivemos.  
Estamos esperando até hoje.  
Mas bem ficamos sabendo que é também das percepções  
primárias que nascem arpejos e canções e gorjeios.  
Porém naquela altura a gente gostava mais das palavras  
desbocadas.

Tipo assim: Eu queria pegar na bunda do vento.  
O pai disse que vento não tem bunda.  
Pelo que ficamos frustrados.  
Mas o pai apoiava a nossa maneira de desver o mundo  
que era a nossa maneira de sair do enfado.  
A gente não gostava de explicar as imagens porque  
explicar afasta as falas da imaginação.  
A gente gostava dos sentidos desarticulados como a  
conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de  
mosca.  
Certas visões não significavam nada mas eram passeios  
verbais.  
A gente sempre queria dar braço às borboletas.  
A gente gostava bem das vadiagens com as palavras do  
que das prisões gramaticais.  
Quando o menino disse que queria passar para as  
palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.  
A gente se encostava na tarde como se a tarde fosse  
um poste.  
A gente gostava das palavras quando elas perturbavam  
os sentidos normais da fala.  
Esses meninos faziam parte do arrebol como  
os passarinhos.

### III

Por modo de nossa vivência ponho por caso Bernardo.  
Bernardo nem sabia que houvera recebido o privilégio  
do abandono.  
Ele fazia parte da natureza como um rio faz, como  
um sapo faz, como o ocaso faz.  
E achava uma coisa cândida conversar com as águas,  
com as árvores, com as rãs.

(Eis um caso que há de perguntar: é preciso estudar ignorâncias para falar com as águas?)  
Ele falava coisinhas seráficas com as águas;  
Bernardo morava em seu casebre na beira do rio —  
moda um ermitão.  
De manhã, bem cedo, ele pegava de seu regador e ia regar o rio.  
Regava o rio, regava o rio.  
Depois ele falava para nós que os peixes também precisam de água para sobreviver.  
Perto havia um brejo canoro de rãs.  
O rio encostava as margens na sua voz.  
Seu olhar dava flor no cisco.  
Sua maior alegria era de ver uma garça descoberta no alto do rio.  
Ele queria ser sonhado pelas garças.  
Bernardo tinha visões como esta — eu via a manhã pousada sobre uma lata que nem um passarinhos no abandono de uma casa.  
Era uma visão que destampava a natureza de seu olhar.  
Bernardo não sabia nem o nome das letras de uma palavra.  
Mas soletrava rãs melhor que mim.  
Pelo som dos gorjeios de uma ave ele sabia sua cor.  
A manhã fazia glória sobre ele.  
Quando eu conheci Bernardo o ermo já fazia exuberância nele.

#### IV

Lugar mais bonito de um passarinho ficar é a palavra.  
Nas minhas palavras ainda vivíamos meninos do mato,  
um tonto e mim.

Eu vivia embaraçado nos meus escombros verbais.  
O menino caminhava incluso em passarinhos.  
E uma árvore progredia em ser Bernardo.  
Ali até santos davam flor nas pedras.  
Porque todos estávamos abrigados pelas palavras.  
Usávamos todos uma linguagem de primavera.  
Eu viajava com as palavras ao modo de um dicionário.  
A gente bem quisera escutar o silêncio do orvalho  
sobre as pedras.  
Tu bem quisera também saber o que os passarinhos  
sabem sobre os ventos.  
A gente só gostava de usar palavras de aves porque  
eram palavras abençoadas pela inocência.  
Bernardo disse que ouvira um vento quase encostado  
nas vestes da tarde.  
Eu sonhava de escrever um livro com a mesma  
inocência com que as crianças fabricam seus navios  
de papel.  
Eu queria pegar com as mãos no corpo da manhã.  
Porque eu achava que a visão fosse um ato poético  
do ver.  
Tu não gostasse do caminho comum das palavras.  
Antes melhor eu gostasse dos absurdos.  
E se eu fosse um caracol, uma árvore, uma pedra?  
E seu eu fosse?  
Eu não queria ocupar o meu tempo usando palavras  
bichadas de costumes.  
Eu queria mesmo desver o mundo. Tipo assim: eu vi  
um urubu dejetar nas vestes da manhã.  
Isso não seria de expulsar o tédio?  
E como eu poderia saber que o sonho do silêncio era  
ser pedra!

## V

O lugar onde a gente morava quase só tinha bicho solidão e árvores.

Meu avô namorava a solidão.

Ele era um florilégio de abandono.

De tudo que me restou sobre aquele avô foi esta imagem: ele deitado na rede com a sua namorada, mas se a gente o retirasse da rede por alguma necessidade, a solidão ficava destampada.

Oh, a solidão destampada!

Essa imagem da solidão que ficara dentro de mim por anos.

Ah, o pai! O pai vaquejava e vaquejava.

Ele tinha um olhar soberbo de ave.

E nos ensinava a liberdade.

A gente então saía vagabundeando pelos matos sem aba.

Chegou que alcançamos a beira de um rio.

A manhã estava pousada na beira do rio desaberta moda um pássaro.

Nessa hora já o morro encostava no sol.

Logo adiante vimos um quati a lamber um osso de ema.

A tarde crescia por dentro do mato.

O lugar nos perdera de rumo.

A gente se sentia como um pedaço de formiga perdida na estrada.

Bernardo completava o abandono.

Logo encontramos uma criame de caracóis nas areias do rio.

Quase todos os caracóis eram viúvos de suas lesmas.

Contam que os urubus, finórios, desciam naquele lugar para degustar as lesmas ainda vivas.

Se diz ainda que este recanto teria sido um pedaço do Mar de Xaraiés.

Na beira da noite a gente estava sem rumo.  
Bernardo apareceu e disse que vento é cavalo.  
Então montamos na garupa do vento e logo chegamos  
em casa.  
A mãe aflitíssima estava.  
Ela cuidava de todos: lavava, passava e cozinhava  
para todos.  
Porém à noite a mãe ainda encontrava uma horinha  
para o seu violino.  
Ela tocava para nós Vivaldi.  
E a gente ficava pendurado em lágrimas.  
Um dia que outro eu contei para a Mãe que tinha visto  
um passarinho a mastigar um pedaço de vento. A Mãe  
disse outra vez: Já vem você com sua visões! Isso é  
travessura da sua imaginação.  
É a voz de Deus que habita nas crianças, nos passarinhos  
e nos tontos.  
A infância da palavra.

## VI

Desde o começo do mundo água e chão se amam  
e se entram amorosamente  
e se fecundam.  
Nascem peixes para habitar os rios.  
E nascem pássaros para habitar as árvores.  
As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das  
suas lesmas.  
As águas são a epifania da criação.  
Agora eu penso nas águas do Pantanal.  
Penso nos rios infantis que ainda procuram declives  
para escorrer.  
Porque as águas deste lugar ainda são espreiadas para  
alegria das garças.

Estes pequenos corixos ainda precisam de formar barrancos para se comportarem em seus leitos. Penso com humildade que fui convidado para o banquete dessas águas. Porque sou de bugre. Porque sou de brejo. Acho agora que estas águas que bem conhecem a inocência de seus pássaros e de suas árvores. Que elas pertencem também de nossas origens. Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas as plantas. Vez que todos somos devedores destas águas. Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa inocência de nossas origens.



Segunda parte

CADERNO DE APRENDIZ

*Poesia é a descoberta das coisas  
que eu nunca vi.*

OSWALD DE ANDRADE

1

Eu queria ser banhado por um rio como  
um sítio é.

Como as árvores são.

Como as pedras são.

Eu fosse inventado de ter uma garça e outros  
pássaros em minhas árvores.

Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs  
em minhas areias.

Eu escorresse desembestado sobre as grotas  
e pelos cerrados como os rios.

Sem conhecer nem os rumos como os  
andarilhos.

Livre, livre é quem não tem rumo.

2

Invento para me conhecer.

3

Eu só faço travessuras com palavras.  
Não sei nem me pular quanto mais obstáculos.

4

Escrever o que não acontece é tarefa da poesia.

5

A infância da palavra já vem com o primitivismo  
das origens.

6

Eu gosto do absurdo divino das imagens.

7

Sou beato de ouvir a prosa dos rios.

8

Para cantar é preciso perder o interesse de informar.

9

Pra meu gosto a palavra não precisa significar — é só  
entoar.

10

No gorjeio dos pássaros tem um perfume de sol?

11

Eu vi a manhã pousada em cima de uma pedra!  
Isso não muda a feição da natureza?

12

Eu vi um lírio vegetado em caracol!  
Isso não muda a feição da natureza?

13

Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos.

14

Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono.

15

A maneira de dar canto às palavras o menino  
aprendeu com os passarinhos.

16

Visão é recurso da imaginação para dar às palavras  
novas liberdades?

17

Eu não sabia que as pedrinhas do rio que eu guardava  
no bolso fossem de posse das rãs.

18

Bernardo armou sua barraca na beira  
de um sapo.  
Ele era beato de sapo.  
Natureza retrata ele.  
Bernardo é criador.  
Ele viu um passarinho sentado no ombro do arrebol.  
Lagarto encostava nele para dormir.

19

Quando meu Vô morreu caiu em silêncio  
concreto sobre nós.  
Era uma barra de silêncio!  
Eu perguntei então a meu pai:  
Pai, quando o Vô morreu a solidão ficou destampada?  
Solidão destampada?  
Como um pedaço de mosca no chão.  
Não é uma solidão destampada?

20

O menino que recebera o privilégio do  
abandono.  
Achava que o seu abandono era maior que  
o abandono do lugar.  
Mas o abandono do lugar era maior  
porque continha o primordial.

21

Eu bem sabia que a nossa visão é um ato  
poético do olhar.  
Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta  
nas margens do rio.  
Como um pássaro desaberto em cima de uma pedra  
na beira do rio.  
Depois eu quisera também que a minha palavra  
fosse desaberta na margem do rio.  
Eu queria mesmo que as minhas palavras  
fizessem parte do chão como os lagartos  
fazem.  
Eu queria que minhas palavras de joelhos  
no chão pudessem ouvir as origens da terra.

22

Eu estava parado no meio de uma oração  
como se eu estivesse desenvolvido a vermes.  
Veio a minha professora e me ensinou:  
Tudo o que você tem de fazer é tirar do  
seu texto as palavras bichadas de seus  
próprios costumes — falou!  
Poesia é um desenho verbal da inocência!

23

Tenho o privilégio de não saber quase tudo.  
E isso explica  
o resto.

24

Eu vi duas borboletas amarelas pousadas no muro da tarde.

A borboleta maior enfiou uma coisa fininha que nem tripa de lambari na borboleta menor.

Ambas tremeram de amor durante.

Depois voaram buliçosas pelas ruas do jardim.

25

Ponho por caso um tonto.

Um que a natureza progredisse para árvore.

Um que vadiasse de ave como as pedras vadiam de orvalho.

Um que soubesse de flor como as abelhas sabem.

Isso isso!

Ele era um tonto que quisesse adquirir uma linguagem de rã.

Para se escrever em rã.

26

Quisera o canto jubiloso que corresse por dentro de minhas palavras. Como um rio destampado corresse para os campos.

27

Eu vivo no meu relento.

28

O abandono do lugar me abraçou de com  
força.

E atingiu meu olhar para toda a vida.

Tudo que conheci depois veio carregado  
de abandono.

Não havia no lugar nenhum caminho de  
fugir.

A gente se inventava de caminhos com  
as novas palavras.

A gente era como um pedaço de  
formiga no chão.

Por isso o nosso gosto era só de  
desver o mundo.

29

Eu queria pegar na semente da palavra.

30

Minha professora me emprestou um livro do  
Todorov.

Todorov escreveu que a linguagem poética  
pertence à pré-história.

Pensei que a conversa que ouvira, um dia,  
das rãs com as pedras e das pedras com  
as águas.

Havia de ser linguagem pré-histórica e até  
quase poética.

Faltasse talvez apenas a harmonia das  
palavras.

31

Os sonhos não têm comportamento.  
Sempre havia de existir nos sonhos daquele  
menino o primitivismo do seu existir.  
E as imagens que ele organizava com o  
auxílio das suas palavras eram concretas.  
Ele até chegou um dia a pegar na crina  
do vento.  
Era sonho?

32

Vinham de longe para mim os silêncios  
desprezados.  
Até mesmo eu achei o silêncio das pedras menos  
do que desprezados.  
Mais tarde eu li em Herbert Read que as  
metáforas fazem o caminho das origens.  
Pois que as minhas visões tinham tudo a ver  
com o caminho das origens.  
Hoje eu vi um passarinho comendo  
formigas de pedra!  
Eu quase duvidei se existem formigas de pedra!

33

Naquele dia eu estava um rio.  
O próprio.  
Achei em minhas areias uma concha.  
A concha trazia clamores do rio.  
Mas o que eu queria mesmo era de me  
aperfeiçoar quanto um rio.



Queria que os passarinhos do lugar  
escolhessem minhas margens para pousar.  
E escolhessem minhas árvores para  
cantar.  
Eu queria aprender a harmonia dos  
gorjeios.

34

Ele sabia que as coisas inúteis e os  
homens inúteis  
se guardam no abandono.  
Os homens no seu próprio abandono.  
E as coisas inúteis ficam para a poesia.

35

Eu queria fazer parte das árvores como os  
pássaros fazem.  
Eu queria fazer parte do orvalho como as  
pedras fazem.  
Eu só não queria significar.  
Porque significar limita a imaginação.  
E com pouca imaginação eu não poderia  
fazer parte de uma árvore.  
Como os pássaros fazem.  
Então a razão me falou: o homem não  
pode fazer parte do orvalho como as pedras  
fazem.  
Porque o homem não se transfigura senão  
pelas palavras.  
E isso era mesmo.

*O primeiro poema:*

O menino foi andando na beira do rio  
e achou uma voz sem boca.

A voz era azul.

Difícil foi achar a boca que falasse azul.

Tinha um índio terena que diz-que  
falava azul.

Mas ele morava longe.

Era na beira de um rio que era longe.

Mas o índio só aparecia de tarde.

O menino achou o índio e a boca era  
bem normal.

Só que o índio usava um apito de  
chamar perdiz que dava um canto  
azul.

Era que a perdiz atendia ao chamado  
pela cor e não pelo canto.

A perdiz atendia pelo azul.

# LIVROS INFANTIS



## EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA

No aeroporto o menino perguntou:

— E se o avião tropicar num passarinho?

O pai ficou torto e não respondeu.

O menino perguntou de novo:

— E se o avião tropicar num passarinho triste?

A mãe teve ternuras e pensou:

Será que os absurdos não são as maiores virtudes  
da poesia?

Será que os despropósitos não são mais carregados  
de poesia do que o bom senso?

Ao sair do sufoco o pai refletiu:

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com  
as crianças.

E ficou sendo.

## O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA

Tenho um livro sobre águas e meninos.

Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira

Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele  
para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água

O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.  
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.  
A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do  
que do cheio.  
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.  
Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito  
Porque gostava de carregar água na peneira  
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que  
carregar água na peneira.  
No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça,  
monge ou mendigo ao mesmo tempo.  
O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.  
Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando  
ponto no final da frase.  
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor!  
A mãe reparava o menino com ternura.  
A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta.  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.  
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens.  
E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.

#### A MENINA AVOADA

Foi na fazenda de meu pai antigamente.  
Eu teria dois anos; meu irmão, nove.  
Meu irmão pregava no caixote duas rodas de lata de  
goiabada.  
A gente ia viajar.

As rodas ficavam cambaias debaixo do caixote:  
Uma olhava para a outra.  
Na hora de caminhar as rodas se abriam para o lado  
de fora.  
De forma que o carro se arrastava no chão.  
Eu ia pousada dentro do caixote com as perninhas  
encolhidas.  
Imitava estar viajando.  
Meu irmão puxava o caixote por uma corda de embira.  
Mas o carro era diz-que puxado por dois bois.  
Eu comandava os bois:  
— Puxa, Maravilha!  
— Avança, Redomão!  
Meu irmão falava que eu tomasse cuidado porque  
Redomão era coiceiro.  
As cigarras derretiam a tarde com seus cantos.  
Meu irmão desejava alcançar logo a cidade —  
Porque ele tinha uma namorada lá.  
A namorada do meu irmão dava febre no corpo dele.  
Isso ele contava.  
No caminho, antes, a gente precisava de atravessar um  
rio inventado.  
Na travessia o carro afundou e os bois morreram afogados.  
Eu não morri porque o rio era inventado.  
Sempre a gente só chegava no fim do quintal.  
E meu irmão nunca via a namorada dele —  
Que diz-que dava febre em seu corpo.





## O FAZEDOR DE AMANHECER

### O AMOR

Fazer pessoas no frasco não é fácil  
Mas se eu estudar ciências eu faço.  
Sendo que não é melhor do que fazer  
pessoas na cama  
Nem na rede  
Nem mesmo no jirau como os índios fazem.  
(No jirau é coisa primitiva, eu sei,  
mas é bastante proveitosa)  
Para fazer pessoas ninguém ainda não  
inventou nada melhor que o amor.  
Deus ajeitou isso para nós de presente.  
De forma que não é aconselhável trocar  
o amor por vidro.

•

Quem não tem ferramentas de pensar, inventa.

## O FAZEDOR DE AMANHECER

Sou leso em tratagens com máquina.  
Tenho desapetite para inventar coisas  
prestáveis.  
Em toda a minha vida só engenhei

3 máquinas  
Como sejam:  
Uma pequena manivela para pegar no sono  
Um fazedor de amanhecer  
para usamentos de poetas  
E um platinado de mandioca para o  
fordeco de meu irmão.  
Cheguei de ganhar um prêmio das indústrias  
automobilísticas pelo Platinado de Mandioca.  
Fui aclamado de idiota pela maioria  
das autoridades na entrega do prêmio.  
Pelo que fiquei um tanto soberbo.  
E a glória entronizou-se para sempre  
em minha existência.

#### ERAS

Antes a gente falava: faz de conta que  
este sapo é pedra.  
E o sapo eras.  
Faz de conta que o menino é um tatu  
E o menino eras um tatu.  
A gente agora parou de fazer comunhão de  
pessoas com bicho, de entes com coisas.  
A gente hoje faz imagens.  
Tipo assim:  
Encostado na Porta da Tarde estava um  
caramujo.  
Estavas um caramujo – disse o menino  
Porque a Tarde é oca e não pode ter porta.  
A porta eras.  
Então é tudo faz de conta como antes?

## MEU AVÔ

Meu avô dava grandeza ao abandono.  
Era com ele que vinham os ventos a conversar  
Sentava-se o velho sobre uma pedra nos fundos  
do quintal  
E vinham as pombas e vinham as moscas a  
conversar.  
Saía do fundo do quintal para dentro da  
casa  
E vinham os gatos a conversar com ele.  
Tenho certeza que o meu avô enriquecia  
a palavra abandono.  
Ele ampliava a solidão dessa palavra.  
E as borboletas se aproveitavam dessa  
amplidão para voar mais longe.

•

Só o silêncio faz rumor no voo das borboletas.

•

Na estrada, ponho meu corpo a ventos.  
Aves me reconhecem pelo andar.

## A LÍNGUA MÃE

Não sinto o mesmo gosto nas palavras:  
*oiseau e pássaro.*  
Embora elas tenham o mesmo sentido.  
Será pelo gosto que vem de mãe? de língua mãe?  
Seria porque eu não tenha amor pela língua  
de Flaubert?

Mas eu tenho.  
(Faço este registro porque tenho a estupefação  
de não sentir com a mesma riqueza as  
palavras oiseau e pássaro)  
Penso que seja porque a palavra *pássaro* em  
mim repercute a infância  
E *oiseau* não repercute.  
Penso que a palavra pássaro carrega até hoje  
nela o menino que ia de tarde pra  
debaixo das árvores a ouvir os pássaros.  
Nas folhas daquelas árvores não tinha oiseaux  
Só tinha pássaros.  
É o que me ocorre sobre língua mãe.

#### BERNARDO

Bernardo já estava uma árvore quando  
eu o conheci.  
Passarinhos já construía casas na palha  
do seu chapéu.  
Brisas carregavam borboletas para o seu  
paletó.  
E os cachorros usavam fazer de poste as suas  
pernas.  
Quando estávamos todos acostumados com aquele  
bernardo-árvore  
Ele bateu asas e avoou.  
Virou passarinho.  
Foi para o meio do cerrado ser um arãquã.  
Sempre ele dizia que o seu maior sonho era  
ser um arãquã para compor o amanhecer.

•

Um grilo é mais importante que um navio.  
(Isso do ponto de vista dos grilos)

•

Com as palavras se podem multiplicar os silêncios

## PALAVRAS

Palavra dentro da qual estou há milhões  
de anos é árvore.

Pedra também.

Eu tenho precedências para pedra.

Pássaro também.

Não posso ver nenhuma dessas palavras que  
não leve um susto.

Andarilho também.

Não posso ver a palavra andarilho que  
eu não tenha vontade de dormir debaixo  
de uma árvore.

Que eu não tenha vontade de olhar com  
espanto, de novo, aquele homem do saco  
a passar como um rei de andrajos nos  
arruados de minha aldeia.

E tem mais uma: as andorinhas,  
pelo que sei, consideram os andarilhos  
como árvore.

## CAMPEONATO

Nos jardins da Praça da Matriz, os meninos  
urinavam socialmente.

A gente fazia campeonato para ver quem mandava urina mais longe.  
O menino que mandasse mais longe era campeão.  
Mas não havia taça nem medalha.  
Umás gurias iam ver por trás dos muros a competição.  
Acho que elas tinham alguma curiosidade ou inveja porque não podiam participar do campeonato.  
Os meninos ficavam sérios como se estivessem defendendo a pátria naquele momento.  
As meninas cochichavam entre elas e corriam de lá pra cá, rindo.  
O campeonato só era diferente da Fórmula Um Porque a gente não tinha patrocinadores.

•

As coisas muito claras me noturnam.

## AS BÊNÇÃOS

Não tenho a anatomia de uma garça pra receber em mim os perfumes do azul.  
Mas eu recebo.  
É uma bênção.  
Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas me namoram mais de perto.  
Fico enamorado.  
É uma bênção.  
Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro para que se tornem peregrinos do chão.

Eles se tornam.  
É uma bênção.  
Até alguém já chegou de me ver passar  
a mão nos cabelos de Deus!  
Eu só queria agradecer.





## CANTIGAS POR UM PASSARINHO À TOA

Do alto de uma figueira  
onde pouso para dormir  
posso ver os vaga-lumes:  
são milhares de pingos de luz  
que tentam cobrir o escuro.

Ouvi de perto  
no final do dia  
a algazarra das cigarras.  
Elas fizeram farra  
até morrer.  
Elas estouram dentro dos sons.

Meu casaco é da cor do sol.  
E uma andorinha  
queria trocar o casaco dela comigo;  
mas o casaco da andorinha  
era cinzento.  
Ela pensa que eu sou maluco?

Vi uma borboleta  
sentada nos braços da manhã.  
Ela estava parada  
embaixo de outra borboleta.

Não faziam barulho  
nem piscavam.  
Só o vento arregaçava as saias delas.

Tudo que os livros me ensinassem  
os espinheiros já me ensinaram.  
Tudo que nos livros  
eu aprendesse  
nas fontes eu aprendera.  
O saber não vem das fontes?

Sou construtor menor.  
Os raminhos com que arrumo  
as escoras do meu ninho  
são mais firmes do que as paredes  
dos grandes prédios do mundo. Ai ai!

Eu queria aprender  
o idioma das árvores.  
Saber as canções do vento  
nas folhas da tarde.  
Eu queria apalpar os perfumes do sol.

O menino contou  
que morava nas margens  
de uma garça.  
Achei que o menino  
era descomparado.  
Porque as garças  
não têm margens.  
Mas ele queria ainda  
que os lírios o sonhassem.

Sentado sobre uma pedra  
no mais alto do rochedo  
aquele gavião  
se achava principal:  
mais principal do que todos.  
Tem gente assim.

Quando a parede da tarde ruiu  
o homem falou:  
Hoje Ele chove!  
E Deus choveu na roça do homem.  
E o homem agradeceu aquela graça  
como quando o azul se abre para nós.

Achava que os passarinhos  
são pessoas mais importantes  
do que aviões.  
Porque os passarinhos  
vêm dos inícios do mundo.  
E os aviões são acessórios.

O cachorro vira-lata  
queria que queria  
entrar dentro de um inseto.  
Mas a lata não deu inteira  
dentro do inseto.  
O rabo ficou de fora.

A rã queria ser um passarinho.  
Só se for em teatro, meu amor.  
Em teatro você faz o passarinho  
e eu faço a rã.  
Teatro não é troca de experiências?

Aquele Senhor um pouco louco  
brincava passarinhos amanhã.  
Ele disse que enxergava a fala de uma cor.  
E queria transcrever para flauta  
o canto dos vermes.

Esse Bernardo eu conheço de léguas.  
Ele é o único ser humano  
que alcançou de ser árvore.  
Por isso deve ser tombado  
a Patrimônio da Humanidade.

## POEMINHA EM LÍNGUA DE BRINCAR

Ele tinha no rosto um sonho de ave extraviada.  
Falava em língua de ave e de criança.

Sentia mais prazer de brincar com as palavras  
do que de pensar com elas.  
Dispensava pensar.

Quando ia em progresso para árvore queria florear.  
Gostava mais de fazer floreios com as palavras do  
que de fazer ideias com elas.

Aprendera no Circo, há idos, que a palavra tem  
que chegar ao grau de brinquedo  
Para ser séria de rir.

Contou para a turma da roda que certa rã saltara  
sobre uma frase dele  
E que a frase nem arriou.

Decerto não arriou porque não tinha nenhuma  
palavra podre nela.

Nisso que o menino contava a estória da rã na frase  
Entrou uma Dona de nome Lógica da Razão.  
A Dona usava bengala e salto alto.

De ouvir o conto da rã na frase a Dona falou:  
Isso é Língua de brincar e é idiotice de criança  
Pois frases são letras sonhadas, não têm peso,  
nem consistência de corda para aguentar uma rã  
em cima dela

Isso é língua de Raiz — continuou  
É Língua de Faz-de-conta  
É Língua de brincar!

Mas o garoto que tinha no rosto um sonho de ave  
extraviada  
Também tinha por sestro jogar pedrinhas no bom  
senso.

E jogava pedrinhas:  
Disse que ainda hoje vira a nossa Tarde sentada  
sobre uma lata ao modo que um bentevi sentado  
na telha.

Logo entrou a Dona Lógica da Razão e bosteou:  
Mas lata não aguenta uma Tarde em cima dela, e  
ademais a lata não tem espaço para caber uma  
Tarde nela!  
Isso é Língua de brincar  
É coisa-nada.

O menino sentenciou:  
Se o Nada desaparecer a poesia acaba.

E se internou na própria casca ao jeito que o  
jabuti se interna.

## ÍNDICE REMISSIVO\*

A.B. do R. [LSN]	352
Abandono, O [MP]	160
Abandono, O (parte final) [MP]	163
Aferidor, O [EF]	382
Agroval [LPC]	202
<b>Álbum de família</b> [EF]	389
Amigo, Um [LPC]	215
Amor, O [FA]	473
Andarilho, O [LSN]	353
Antoninha-me-leva [PCP]	29
Antônio Carancho [PR]	435
Anúncio [LPC]	197
Apresentação [CCA]	287
<b>Aproveitamento de materiais e passarinhos de uma demolição</b> [MP]	159
Aquela madrugada [CUP]	111
Armário [PR]	444
<b>Arranjos para assobio</b> [APA]	193
<b>Arte de infantilizar formigas</b> [LSN]	329
Árvore [EF]	394
Ascensão [TGG]	409
Aurora no front [FI]	37
Autorretrato [EF]	389
Autorretrato falado [LI]	324
Balada do Palácio do Ingá [FI]	44
Bandarra, O [TGG]	412
<b>Beija-flor de rodas vermelhas</b> [GA]	267

\* Em negrito: partes de livros. Em redondo: títulos de poemas. Entre colchetes: [APA] Arranjos para assobio; [CCA] Concerto a céu aberto para solos de ave; [CUP] Compêndio para uso dos pássaros; [EF] Ensaios fotográficos; [ESC] Exercícios de ser criança; [FA] O fazedor de amanhecer; [FI] Face imóvel; [GA] O guardador de águas; [GEC] Gramática expositiva do chão; [LI] O livro das ignoranças; [LPC] Livro de pré-coisas; [LSN] Livro sobre nada; [MM] Menino do mato; [MP] Matéria de poesia; [P] Poesias; [PCP] Poemas concebidos sem pecado; [PR] Poemas rupestres; [RAC] Retrato do artista quando coisa; [TGG] Tratado geral das grandezas do ínfimo

Bem-te-vi, Um [CUP]	107
Bênçãos, As [FA]	478
Bernardo [FA]	476
Bicho, O [MP]	162
<b>Biografia do orvalho</b> [RAC]	369
Boca, A [P]	64
Bola Sete [EF]	386
Borboletas [EF]	393
Borra, A [EF]	394
<b>Cabeludinho</b> [PCP]	11
Cacimba da Saúde [PCP]	24
<b>Caderno de andarilho</b> [CCA]	287
Caderno de andarilho [CCA]	289
Caderno de apontamentos [CCA]	275
<b>Caderno de aprendiz</b> [MM]	457
Caminhada [CUP]	111
Campeonato [FA]	477
<b>Canção do ver</b> [PR]	425
Caramujos, Os [TGG]	406
<b>Carnaval</b> [PR]	441
Carne e o espírito, A [MP]	162
Carreta pantaneira [LPC]	207
Casaco, O [PR]	445
Casamento, O [EF]	388
Catador, O [TGG]	410
Cavalo morto, O [P]	83
<b>Cenários</b> [LPC]	201
Cisco, O [TGG]	400
Cláudio [PCP]	26
Coisas mansas [CUP]	110
<b>Com os loucos de água e estandarte</b> [MP]	151
Comparamento [EF]	382
Comportamento [EF]	395
Composição [MP]	163
<b>Concerto a céu aberto para solos de ave</b> [CCA]	271
Continho à maneira de Katharine Mansfield [P]	87
Copo, O [PR]	443
Creme [PR]	442
Crônica do Largo do Chafariz [P]	81
De cachorros [LPC]	234
De calças curtas [LPC]	226
<b>De meninos e de pássaros</b> [CUP]	95
De passarinhos [TGG]	401
De quati [LPC]	235



<b>Desarticulados para viola de cocho</b> [GEC]	141
Descoberta, A [MP]	163
<b>Desejar ser</b> [LSN]	337
<b>Desenhos de uma voz</b> [PR]	433
<b>Deslimites da palavra, Os</b> [LI]	305
Despalavra [EF]	383
De tatu [LPC]	232
De urubu [LPC]	229
De viagem [MP]	163
Dia Um [LI]	305
<b>Didática da invenção, Uma</b> [LI]	299
Disfunção, A [TGG]	399
Doença, A [EF]	390
Dois, Os [PR]	437
Dona Maria [PCP]	22
Dorowa [FI]	39
Dos veios escatológicos [LPC]	227
Draga, A [PCP]	20
Elegia de Seo Antônio Ninguém [LSN]	351
Em que o narrador viaja de lancha ao encontro de seu personagem [LPC]	199
Emas [PR]	434
Encontro de Pedro com o nojo [P]	87
<b>Ensaios fotográficos</b> [EF]	379
Enseada de Botafogo [FI]	43
Enunciado [PR]	441
Eras [FA]	474
Escrínio, O [PCP]	19
Espera, A [P]	72
Eu não vou perturbar a paz [FI]	35
<b>Exercícios adjetivos</b> [APA]	189
<b>Exercícios cadoveos</b> [APA]	185
<b>Experimentando a manhã nos galos</b> [CUP]	109
Experimentando a manhã nos galos [CUP]	109
Explicação desnecessária [LI]	305
Fazedor de amanhecer, O [FA]	473
Filósofo de beco, Um [LSN]	352
Fingidor, O [EF]	392
Formigas [EF]	392
Formigas, As [TGG]	401
Fotógrafo, O [EF]	379
<b>Fragmentos de canções e poemas</b> [P]	49
Fuga, A (voz interior) [LPC]	225
Garça [PR]	438

Girassóis de Van Gogh, Os [FI]	36
<b>Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos [APA]</b>	181
Corjeios [EF]	380
<b>Guardador de águas, O [GA]</b>	239
<b>Homem de lata, O [GEC]</b>	127
Homens estão silenciosos, Uns [FI]	40
Incidente na praia [FI]	45
Infância [P]	81
Infantil [TGG]	405
<b>Informações sobre a musa [PCP]</b>	31
Instante anunciado [FI]	43
Introdução a um caderno de apontamentos [CCA]	271
Joaquim Sapé [TGG]	408
Lápis, O [PR]	439
Lembranças [P]	74
Lições de R.Q., As [LSN]	349
Lides de camppear [LPC]	208
Língua [PR]	443
Língua mãe, A [FA]	475
Línguas [EF]	381
<b>Livro de Bernardo, O [TGG]</b>	411
Livro de Bernardo, O [TGG]	412
<b>Livro sobre nada, O [LSN]</b>	345
Maçã [PR]	444
Mansidão [FI]	44
<b>Máquina de Chilrear e seu uso doméstico, A [GEC]</b>	135
<b>Máquina, A: a Máquina segundo H.V., o jornalista [GEC]</b>	139
Maria-pelego-preto [PCP]	22
Mário revisitado [LSN]	350
Matéria [MP]	162
Matéria [MP]	162
<b>Matéria de poesia [MP]</b>	145
Menina avoadá, A [CUP]	97
Menina avoadá, A [ESC]	470
<b>Menino do mato [MM]</b>	449
Menino e o córrego, O [CUP]	103
Menino que carregava água na peneira, O [ESC]	469
Meu avô [FA]	475
Miró [EF]	385
Miudezas [TGG]	409
Morto I, O [P]	79
Morto II, O [P]	80
<b>Mundo pequeno [LI]</b>	315

Mundo renovado [LPC]	206
Muro, O [FI]	40
Muro, O [PR]	441
Na enseada de Botafogo [P]	66
Na fazenda [CUP]	114
Na guerra [PR]	436
Na mocidade, feito lobisomem [LPC]	217
Namorada, A [TGG]	402
Na rua Mário de Andrade [P]	83
Narrador apresenta sua terra natal [LPC]	197
Ninguém [EF]	384
No aspro [PR]	439
No fim de um lugar [CUP]	112
No presente [LPC]	211
No serviço (voz interior) [LPC]	212
No sítio [PR]	437
Nossa garça, A [LPC]	235
No tempo de andarilho [LPC]	214
Novo jó, Um [CUP]	115
Noções de ruas [P]	73
Noções sobre João-Ferreiro [CUP]	105
Nos primórdios [LPC]	209
Noturno do filho do fazendeiro [FI]	41
Ode vingativa [P]	67
Oferta [APA]	194
Olhar, O [PR]	445
Olhos parados [P]	58
<b>Outros, Os: o melhor de mim sou Eles [LSN]</b>	349
<b>Páginas 13, 15 e 16 dos “29 escritos para conhecimento do chão através de S. Francisco de Assis” [GEC]</b>	131
Palavras [EF]	392
Palavras [FA]	477
Palhaço, O [MP]	160
Pássaro [MP]	162
Passeio n.º 1 [MP]	159
Passeio n.º 2 [MP]	159
Passeio n.º 3 [MP]	159
Passeio n.º 4 [MP]	160
Passeio n.º 6 [MP]	160
<b>Passos para a transfiguração [GA]</b>	251
Paz [FI]	37
Pedido quase uma prece [P]	69
Pedra, A [TGG]	405
<b>Pequena história natural [LPC]</b>	229

<b>Personagem, O</b> [LPC]	211
Pêssego [PR]	442
Poema [TGG]	403
Poema do menino inglês de 1940 [FI]	37
Poeminhas pescados numa fala de João [CUP]	95
Poeta, O [EF]	390
Pois pois [TGG]	411
Polina [PCP]	25
<b>Ponto de partida</b> [LPC]	197
<b>Postais da cidade</b> [PCP]	19
Precipício, O [PCP]	23
Prefácio [CCA]	288
Pretexto [LSN]	327
<b>Protocolo vegetal</b> [GEC]	121
Provedor, O [EF]	391
Pulo, O [APA]	194
Punhal, O [EF]	387
Quero-quero, O [LPC]	233
Rabelais [EF]	387
Raphael [PCP]	27
Retrato [CCA]	288
Retrato [P]	80
Retrato de irmão [LPC]	218
<b>Retrato do artista quando coisa</b> [RAC]	357
<b>Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada</b> [GA]	263
<b>Retratos a carvão</b> [PCP]	25
Rio desbocado, Um [LPC]	201
Roceiro, O [EF]	380
Rua dos Arcos [FI]	35
Ruína [EF]	385
Sabastião [PCP]	27
<b>Sabiá com trevas</b> [APA]	169
Se achante [PR]	433
Segundo dia [LI]	308
<b>Seis ou treze coisas que eu aprendi sozinho</b> [GA]	257
Serviços [APA]	194
Seu Margens [PCP]	21
Singular, tão singular [FI]	42
Sobre importâncias [TGG]	407
Socó-boca-d'água [LPC]	230
Solitário, O [FI]	38
Sonata ao luar [PR]	434
Sujeito [APA]	193

Tartaruga, A [TGG]	406
Tentação [CUP]	113
Teologia do traste [PR]	438
Terceiro dia [LI]	311
<b>Tratado geral das grandezas do ínfimo</b> [TGG]	399
Tributo a J. G. Rosa [TGG]	404
Urubuzeiro, O [TGG]	403
Vento [PR]	435
Vento, O [EF]	384
Vespral de chuva [LPC]	204
Viagem [P]	72
Vidente, O [TGG]	404
Visita [APA]	193
Volta, A [P]	67
Volta, A (voz interior) [LPC]	224
Voz de meu pai, A [P]	75
Zona hermética [P]	82





Este livro foi composto  
em Electra para a Leya em  
fevereiro de 2010.